
CASA
DAS
MEMÓRIAS
ANTOLOGIA LITERÁRIA
Panóplia
ORGANIZADORA
ANDREIA MARQUES

CASA DAS MEMÓRIAS

Antologia Literária

Organizadora: Andreia Marques

1ª edição
Editora Panóplia
Rio de Janeiro, 2026

© 2026 Editora Panóplia

www.editorapanoplia.com.br

Casa das Memórias

Vários autores

Organização: Andreia Marques

Revisão: dos próprios autores

Capa e Projeto Gráfico: Andreia Marques

Imagens: Pexels, Pixabay e Canva

1ª edição

978-65-83987-45-7



Tipo de Licença:

Atribuição-SemDerivações-SemDerivados- CC BY- NC

Esta obra pode ser baixada e compartilhada desde que o crédito seja atribuído à editora Panóplia.

Não pode ser alterada de nenhuma forma.
Não pode ser comercializada de nenhuma forma.

SUMÁRIO

Apresentação... 8

A Princesa... 11

Airton Pott... 14

Ângela Saboia... 27

Alcino Teixeira Brasil... 29

Aline Testasicca... 34

Anelize Camila Stallbaum... 39

Anna Luisa Mantovani... 43

Atanilson Rodrigo Magalhães... 47

Bruno Cochrane... 50

Camila Duarte... 69

Clarice Laguardia... 72

Débora Camila Brasil... 76

Deise de Oliveira Sobral... 81

Edileide Silva... 87

Edson Briato... 96

Eduardo Worschech... 99

Eliana Regina Martins Machado... 103

Eliane Cristina... 108

Eliz Vieira Ferreira... 112

Elizabete Coura de Araújo Lima... 115

Gabriela Santos... 124

Gilson Salomão Pessôa... 130

Grazielle Sabino... 137

Guto Cesar... 140

Heloisa Luna... 146

Ísis Esteves... 150

Janice Dias de Oliveira... 154

Jonathan Francieverton da Silva... 166

Jorgete Ramos Massa da Costa... 172

Júlia Godes Pereira... 177

Karina Oliveira... 186

L. S. Oliveira... 191

Lia de Oliveira... 195

Liliângela Barboza da Silva... 201

Luciana Pinheiro Oliveira... 207

Luciane Aparecida Varela... 211

Luciene Freire... 217

Lugori... 220

Lulu Jacobus... 224

Luzz Souzza... 230

Magno Assis... 237

Malice Gomes... 242

Marcia Helena da Silva Mello... 254

Márcia Vales Ferreira... 261

Marcos da Rocha... 271

Maria de Fátima Sousa Valerio... 297

Mary Mesquita... 299

Massanori Takaki... 311

Mayana Mendes... 315

Myrinha Ximenes... 318

Noêmia Rodrigues... 321

Osmeire Pinheiro de Matos... 324

Patrícia Lewandowski... 336

Patrícia Rodrigues Rocha... 339

Paulo Di Sousa... 343

Rejane Reich... 346

Ricardo F. F. Salvio... 350

Rob Alme... 353

Rosangela Oliveira... 370

Rosimeri Zupi... 372

San Klein... 376

Sandra Vivoni... 385

Selma Santos... 389

Sérgio Bernardo... 392

Shaiene Shazi... 397

Suellen Cris Oliveira... 399

Tamara da Silva... 402

Valéria Couto... 410

Wal Lapoente... 412

YVA RETE... 419

APRESENTAÇÃO

A antologia Casa das Memórias nasceu como proposta de um espaço construído com palavras, sentimentos e experiências que atravessam gerações, preservando aquilo que a vida nos oferece de mais humano e significativo.

A memória é uma das mais nobres formas de permanência. Ela resguarda vozes, afetos, sonhos e fragmentos de existência que, embora pertencentes a histórias individuais, encontram eco na experiência coletiva.

Dessa forma, nessas páginas convivem a delicadeza da poesia, a força das lembranças, a profundidade dos sentimentos e a beleza das histórias que merecem ser contadas e preservadas.

Ao longo da leitura, o leitor será convidado a percorrer caminhos marcados por afetos, descobertas, saudades, reencontros e esperanças. Cada texto guarda a marca de seu autor, mas também carrega

elementos universais que aproximam pessoas, tempos e realidades distintas.

A literatura possui o extraordinário poder de transformar vivências em permanência. O que um dia foi instante torna-se registro; o que foi experiência individual transforma-se em partilha. É nessa travessia entre a vida e a palavra que esta obra encontra sua razão de existir, permitindo que memórias ultrapassem o tempo e alcancem novos olhares.

Sinto-me profundamente honrada por reunir escritores que aceitaram compartilhar fragmentos de suas jornadas. E expresso a todos os participantes minha sincera gratidão pela confiança depositada neste projeto. Sem suas palavras, esta casa permaneceria vazia. São suas memórias, suas inquietações, seus sonhos e suas verdades que lhe conferem vida, significado e beleza.

Aos leitores, deixo o convite para que atravessem estas páginas com o coração aberto. Que

Casa das Memórias permaneça como um testemunho da força da palavra e da permanência dos afetos. Que suas páginas continuem acolhendo vozes, despertando emoções e construindo pontes entre passado, presente e futuro. Porque toda memória compartilhada amplia a nossa humanidade, e toda história contada encontra uma forma de eternidade.

Andreia Marques
Organizadora



Meu nome é Angélica, escrevo desde os tempos do ensino médio. Dei uma pausa na escrita para me dedicar a algumas prioridades pessoais e profissionais. Hoje sou professora de educação infantil, e me permiti voltar com a escrita diante dos cotidianos da escola e da rotina viva de nós seres humanos, que foi de onde veio a inspiração desse poema. Onde coloco um dia de futebol onde um amigo muito especial participa ativamente, e ele me incentiva diariamente com frases positivas e de fé. Esse texto foi pensado com carinho e traz o meu olhar diante do esporte, que é divertimento em momentos de pausa na vida de algumas pessoas.

O GOL MAIS BONITO JÁ VISTO

As pessoas chegam, sentam
O apito inicial, acelera o coração
Acende esperança, onde a bola rola
O tempo não para, não dá mole não
Os pés que ali andam
Desenham no gramado
Sonhos, vontades, gols
E muitas vontades de estar lado a lado
Em cada drible, passe curto, deixa ver
A curva supera, as conversas fiadas
Estar nesse campo, traz vontade de vencer
Um lançamento, e voo sem destino
Há um chute forte, que vem no travessão
Não saiu o gol, haja coração!
Nesse momento, só vem em mente
Um sonho antigo, de menino.
E de repente, um grito no peito que estoura
A rede balança, a torcida incendeia

Não se viu apenas um jogo, se viu arte agora

Paixão viva de um lindo futebol

As veias quentes, de tanto correr

Se incendeia esse grande show

E Manuel Duarte fez seu gol!!!!!



AIRTON POTT

Movido pela educação e pelas histórias, Airton Pott é professor efetivo no Estado do Rio Grande do Sul e no Município de Condor/RS. No campo acadêmico, carrega os títulos de Doutor e Mestre em Letras (UPF), além de ser graduado em Língua Portuguesa (UNIJUÍ) e Letras-Espanhol (UFPEL), com seis especializações no currículo. Como pesquisador, publicou dezenas de artigos científicos e organizou livros que debatem a educação e a literatura. Como artista da palavra, transita com sensibilidade pela escrita literária, publicando vários contos, crônicas e narrativas infantis.

Instagram: @airtonpott1108

Facebook: https://www.facebook.com/airtonpott

50 CENTAVOS

50 centavos têm gostinho de infância.

Tinham valor no passado e também mantêm no presente — embora agora no sentido de boas lembranças.

50 centavos não eram muito dinheiro, mas me proporcionaram muitas alegrias na infância. Convencer a mãe a parar o carro em frente àquela sorveteria, em um final de semana a caminho da casa de tios e primos, era o grande propósito do dia. A sinalização de que o pedido fora aceito era como apertar o botão da felicidade para aquele menino que sabia bem o valor de um bom sorvete.

Hoje, aquela sorveteria já não existe; fechou há vários anos. No entanto, minha memória vive e revive a infância cada vez que passo por aquele lugar.

O sorvete custava 50 centavos.

Hoje, custa dez, vinte ou até trinta vezes mais. E já não tem o mesmo sabor.

Talvez porque o verdadeiro sabor nunca tenha estado no sorvete.

Estava na infância.

MEU ARTHUR PERFUMOU A CORDA

É dia de ensaio do menino de seis anos no Centro de Tradições Gaúchas (CTG). O pai e os dois filhos foram primeiro até a casa de uma tia para deixar três dúzias de ovos. Depois, seguiram para o local dos ensaios.

O pai vai conversando com os filhos durante o caminho. O mais novo, em seus plenos dois anos, estava sentado em sua cadeirinha, cantando e olhando pela janela do carro. O mais velho estava preocupado com o horário, por mais que o pai já tivesse dito que não estavam atrasados. Ele segurava sua corda firmemente e, apreensivo, perguntava-se se conseguiria laçar.

A corda dele? Estava um pouco suja. Segundo ele, com cheiro de bosta de gado. Ele costumava ir para o Pontão, na casa dos tios e avós, e vinha treinando bastante a laçada.

Sem perceber a ação do filho, o pai sentiu uma fragrância forte e comentou sobre o cheiro intenso que pairava no carro. O menino, então, relatou o seu feito: revelou que pegara o aromatizador do veículo para perfumar sua corda. O pai, orgulhoso, admirou a destreza e a inteligência do filho em resolver o que, para a criança, era um grave problema, mas que para a maioria dos adultos pareceria dispensável.

Chegaram ao CTG em instantes. O menino se despediu do pai e do irmãozinho e foi para o local do ensaio. Imediatamente, o pequeno começou a chamar no carro:

— Meu Arthur! Eu quero o meu Arthur!

O pai explicou que o irmão estava no ensaio e que terminaria em breve, e que logo voltariam para buscá-lo. Argumentou ainda, enquanto dirigia, que

em casa encontrariam a mãe do pequeno, que já teria voltado do trabalho.

Ao chegar em casa, o menino foi correndo ao encontro da mãe, pedindo novamente pelo irmão:

— Meu Arthur! Eu quero o meu Arthur!

A rotina do início da noite estava consolidada e, mais tarde, foram buscar o Arthur do Gustavo no CTG, que veio faceiro com sua corda perfumada.

O Arthur, irmão mais velho, pode ter vivido quatro anos sem o Gustavo, mas o Gustavo nunca viveu sem o Arthur. E está aí o porquê de o amor e a admiração do irmão mais novo pelo mais velho serem imensuráveis. É algo certamente recíproco, estando aí o melhor perfume dentre os laços entre os irmãos!

O JACARÉ FAZENDO CHOCOLATE

Olhando as fotos da viagem ao Espírito Santo, mais precisamente na Fazenda Rico Caipira,

surgiram as imagens da família andando de trem. Ao ver a cena, o menino, no auge dos seus dois anos, disse espontaneamente:

— O jacaré fazendo chocolate!

O pai, sem entender, perguntou ao filho o que ele tinha dito, e o pequeno repetiu com convicção:

— O jacaré fazendo chocolate lá!

Foi então que o pai recordou que, pouco antes daquele registro no trem, eles haviam feito um passeio de trator e carretinha, no qual pararam para assistir a uma apresentação com os personagens do *Sítio do Pica-pau Amarelo*. Em uma das cenas, a Cuca – a célebre personagem jacaré – mexia em seu caldeirão. Na cabeça do menino, ao olhar a foto e resgatar a lembrança daquele dia, ela só poderia estar preparando chocolate.

Restou a dúvida: será que o pai, a mãe ou o irmão disseram isso a ele na hora da peça? Nenhum dos adultos se lembra. Talvez o menino lembre, em seus plenos dois anos! Será a memória de uma

criança pequena mais precisa que a de um adulto? Não há como ter certeza. O que se sabe é que o ser humano costuma guardar aquilo que mais lhe chama a atenção, e aquele passeio marcou o menino de forma muito positiva.

Quem diria que um jacaré fazendo chocolate seria algo tão marcante? Para uma criança com a imaginação fértil, certamente pode ser. E, de fato, foi!

QUEM É QUEM NESSA HISTÓRIA?

Lobo sempre chamou a atenção do pequeno Gustavo. Em seus plenos dois anos (e até mesmo antes), ele sempre falou muito em lobo. Em casa, o pai e a mãe contam histórias que têm esse célebre personagem: *O Lobo e os Três Porquinhos*, *O Lobo e os Sete Cabritinhos*... Mas a história preferida do momento é a da *Chapeuzinho Vermelho*!

Durante as contações de histórias, o irmão mais velho aproveita para imitar um lobo... E talvez isso seja algo que chama a atenção do pequeno. Afinal, quando as brincadeiras envolvem lobo e pega-pega, o menininho já sabe: é correr para fugir e se esconder. Ele e o irmão adoram se esconder. O melhor esconderijo? Debaixo das cobertas.

Em uma terça-feira, logo após a hora do almoço, o pai resolveu ligar para a mãe, que atendeu com seu uniforme de trabalho. Todo branco, apenas com o rosto de fora, já que ela trabalha no setor de qualidade de um frigorífico.

O pai brincou, chamando-a de Gasparzinho. Mas o pequeno, no auge de seus dois anos, disse que ela era a Chapeuzinho. E reforçou mais uma vez: "A mãe é a Chapeuzinho Vermelho!". E deu gargalhadas... E o pai, quem é? Segundo o filho mais novo, ele é o Lobo. O irmão mais velho chega a ser chamado de Vovozinha, mas também de Lobo. E justo aquele que caracterizou todos como

personagens — o pequeno Gustavo — autointitula-se o Lenhador.

No fim, pouco importa o personagem que cada um veste nas brincadeiras do pequeno. Seja Chapeuzinho, Lobo ou Lenhador, o que verdadeiramente conta é a conexão genuína entre quem vive sob o mesmo teto. No palco da vida real, o que constrói a infância não são os papéis das fábulas, mas sim o afeto, a presença e os laços que fortalecem todos os moradores da casa.

TÔ ACORDADA

Que família e escola precisam andar juntas não é novidade, e é o que a maioria dos professores deseja. É como uma engrenagem... Para certos momentos, eventos e datas, a família e a escola precisam estar em sintonia e se ajudar.

Na EMEI Sonho Feliz, é véspera da segunda

quarta-feira do mês de agosto, dia da programação alusiva ao Dia dos Pais. Pode ser um evento irrelevante para muitos, mas para outros é aguardado, pois os adultos envolvidos imaginam que será um momento de apresentações e emoções.

Na semana anterior, chegou um áudio da monitora do astuto Gustavo, que, no auge de seus dois anos, vai conquistando a todos. Com seu apurado apreço por suco de laranja e chá, tendo abandonado a mamadeira — seja de leite de vaca, em pó ou de caixinha —, conquistou as "tias da cozinha" da escola.

O áudio era para ser secreto... Surpresa para o pai, que acabou escutando sem querer. A mãe tentou disfarçar, mas não adiantou. A monitora estava solicitando um objeto, uma roupa — algo que o filho pequeno poderia usar na apresentação da escola.

Os dias passaram. O pai perguntava e esperava para ver se enviariam algo. Ela mantinha a indiferença, fingindo esquecimento e irrelevância.

Veio a noite da programação. Saudações de boas-vindas. Apresentação dos alunos do Berçário, do Maternal I, do Maternal II e, enfim, do Maternal II da manhã junto com o Maternal III. O bebê da turma acompanhou os colegas mais velhos. Na apresentação, ele chorou um pouquinho. O pai e a mãe o abraçaram; o irmão mais velho também. O pequeno se acalmou no colo da Hannah — a monitora quieta, "na dela", mas que sabe conquistar o carismático e encabulado Gustavo.

Durante as apresentações anteriores, a emoção daquele pai já havia se manifestado, inclusive em lágrimas, quando viu a monitora Michele com um chapéu que ele usa para contar histórias e três livros debaixo do braço. Livro por livro. Foi mágico. Afinal, aqueles três estavam dentre os mais especiais, pois continham histórias escritas por aquele pai e que têm como protagonistas os seus próprios filhos. É por isso que fotografias e histórias merecem ser eternizadas e rememoradas — para aquecer o

coração.

O pai ficou pensando em como sua esposa fez para mandar o material para a escola, pois é ele quem leva os filhos todos os dias e não tinha visto nada. Foi aí que veio a confissão da mãe, e a esperteza veio à tona.

A mãe não sabia como fazer. Ela sai muito cedo para trabalhar e só volta à tardinha. Pensou em enviar por um colega de trabalho, mas e se estragasse a surpresa para o pai?! Pensou e pensou, já dirigindo o carro de manhã, ainda cedo e no escuro. A iluminação veio.

Aquela mãe desesperada pensou em uma parceira. Andou algumas quadras. Estacionou em frente a duas casas (pois não sabia exatamente qual era a certa). Pegou o telefone e fez uma ligação. Dentro de uma das casas, a diretora da escola atendeu, pensando que poderia ter acontecido algo inusitado. E assim a ponte foi estabelecida, concretizada para que a emoção de um pai pudesse

ser intensa em uma quarta-feira radiante. Um pai grato aos filhos, à esposa, à escola, à diretora, às monitoras e a todos os envolvidos nessa linda conexão da vida.



ÂNGELA SABOIA

Psicopedagoga. Bacharel em Teologia. Participante de várias antologias.

MÃE, CASA DE MEMÓRIAS

Teu ventre minha primeira morada.

Teu corpo meu abrigo.

Teu abraço meu aconchego.

Tua voz meu alento.

Tuas mãos meu apoio.

Teu sorriso minha alegria.

Tuas broncas meus ensinamentos.

Tua determinação minha fortaleza.

Teu amor meu sustento.

Teu coração meu som preferido.

Teu colo minha casa de memórias.

Mãe, minha essência, minha raiz.



ALCINO TEIXEIRA BRASIL

Cearense de Fortaleza, Alcino Teixeira Brasil, nasceu em 1939, filho de Alcino Montenegro Brasil e de Rita Augusta Teixeira Brasil. Sua formação acadêmica aconteceu na AMAN, no IME, na UNIFOR e na UECE. Atualmente dedica-se à literatura, sendo membro da Academia Fortalezense de Letras. Possui nove romances de sua lavra e inúmeros Contos.

A PRAÇA PORTUGAL

O bairro da Aldeota em Fortaleza é, sem dúvida, o mais bonito da cidade. Possui entre suas atrações uma praça que tem o formato de uma circunferência, que se chama - Praça Portugal -. O nome foi dado, certamente, em homenagem aos portugueses que possuem residências ali. A praça fica no cruzamento das duas avenidas mais importantes do bairro e não é muito antiga, pois data do ano de 1947. Ela tem sofrido, ao longo dos anos, algumas modificações e melhorias. Uma das principais transformações por que passou a praça deu-se no ano de 1985, quando, um paisagista famoso, projetou para ela jardins belíssimos e uma iluminação moderna, fazendo com que se tornasse uma atração para os jovens residentes na Aldeota, que passaram daí por diante, a frequentá-la todas as noites circulando em sua calçada.

No mesmo ano em que a praça se tornou uma

atração para os jovens, o professor Ezequiel e sua família, mudaram-se para o bairro da Aldeota, numa rua próxima à praça Portugal, e passaram a desfrutar das belezas e de suas atrações. Entre os cinco filhos do professor e de sua esposa Judith, destacava-se uma linda jovem de nome Elisa, com seus 16 anos. Seu Ezequiel e dona Judith eram católicos fervorosos. Participavam dos movimentos da igreja e procuravam sempre transmitir aos filhos os ensinamentos da doutrina cristã, adaptados à vida moderna.

Uma bela noite de luar e de clima agradável, Elisa pediu aos pais para, junto de amigas, passearem na praça Portugal. Sua mãe fez algumas recomendações dizendo que não se afastasse da praça, pois os arredores não eram bem iluminados. E lá se foi Elisa, toda prosa, se juntar à Belinha, Celinha e Julinha e aos outros jovens que frequentavam a praça. Quando o relógio marcou nove horas, horário marcado pela mãe para o passeio terminar, seu

Ezequiel e dona Judith, se dispuseram a ir apanhar Eliza na praça. Foram de carro, apesar de ela ficar perto, pois à noite não convinha andar por ruas mal iluminadas.

Quando chegaram ficaram circulando na praça, procurando com os olhos encontrar a filha. O carro deu várias voltas e nada da Elisa aparecer. Já preocupados desceram do automóvel e encontraram uma das amigas que indicou uma rua que desembocava na praça, dizendo que Eliza estaria provavelmente nela com o namorado. Dona Judith, quando ouviu a palavra namorado, se espantou, pois ainda não sabia de tal coisa. Dirigiram-se então para a tal rua, que nada mais era do que um beco escuro, e, caminhando por ela encontraram Elisa aos beijos, encaixada entre as pernas de um rapaz sentado no paralama de um carro.

A indignação deles foi enorme. Então de que serviram todos os ensinamentos que, durante anos, deram à filha. E, sem nenhuma explicação, puxaram-

na pelo braço e se encaminharam para o automóvel. Durante todo o percurso seu Ezequiel e dona Judith esbravejaram contra Elisa, sem deixá-la dar qualquer desculpa. Chegando em casa a ordem foi para que ela fosse para o quarto e que de lá não saísse. E o casal indignado, também se recolheu ao seu quarto fechando a porta à chave.

Passados alguns instantes, ouviram umas batidinhas na porta. Era Elisa que insistia em ser ouvida. Mas eles, em sua indignação, não quiseram escutar os argumentos da filha, e mandaram-na voltar e que permanecesse no quarto. Mas Elisa não desistia, e continuava a bater na porta. Teve um momento que seu Ezequiel, raivoso, levantou-se e abriu a porta e, encarando a filha chorosa falou: "Muito bem, o que você ainda quer?" E, Elisa entre soluços disse: "Eu só queria que vocês me explicassem onde é que eu errei." Seu Ezequiel, não aguentou e abraçou comovido a filha que só queria praticar o diálogo tão ensinado por eles.



ALINE TESTASICCA

Aline Testasicca é assistente social e escritora. Escrever entre o cotidiano, o humor, as pequenas estranhezas e aquilo que quase passa despercebido. Tem poemas, crônicas e microcontos publicados em revistas e antologias literárias.

Instagram: @alinettasicca

MANUAL DE INSTRUÇÕES PARA DOBRAR UM LENÇOL DE ELÁSTICO

Primeiro, encontre os cantos.

São quatro,
embora nenhum deles
admita.

Enfie uma ponta na outra.
A terceira vai escapar.
A quarta nunca esteve
onde você jurava.

Recomece.

Estenda o lençol sobre a cama
e encare a situação
com autoridade.

Não funciona,
mas ajuda.

Há pessoas que sabem fazer isso.

Elas aparecem em vídeos
com quartos claros,
unhas intactas
e uma serenidade
que deveria ser investigada.

Em vinte e sete segundos
produzem um retângulo.

Você produz
uma espécie de continente.

Não desista.

Dobre o continente ao meio.

Agora ele é um país
com problemas de fronteira.

Dobre outra vez.

Uma província separatista
surgirá à esquerda.

Ignore.

Pressione com os dois braços,
use o queixo,
negocie territórios.

Se necessário,
sente em cima.

Ao final,
guarde o resultado
entre duas toalhas bem dobradas.

Ninguém precisa saber.

Feche a porta do armário
devagar.

Pronto.

A civilização
pode continuar.



ANELIZE CAMILA STALLBAUM

Anelize é Escritora, Professora e Educadora Ambiental. Formada em Ciências Biológicas, Língua Portuguesa e Escrita Criativa. Possui especializações na área da Educação, Meio Ambiente, Microbiologia e Literatura. É mestra em Ensino de Biologia pela UFSC e doutoranda em Educação pela UNOESC. Sua escrita volta-se à sensibilidade poética dos versos livres, onde dedica-se a escrever poesias, contos e crônicas. É membra de diversas academias literárias, tendo recebido inúmeras premiações por sua escrita poética.

PEQUENO HOMEM GRANDE

Chegou afoito à pequena moradia.

Adentrou seu interior com a pressa que aprendera a ter quando trocou seu nome pequeno pelo terno e pela gravata.

Ali tudo permanecia exatamente igual:

o fogão à lenha no canto do pequeno cômodo,
a cozinha americana em tom azul desbotado,
os potes de mantimentos onde sua mãe guardava
alguns doces.

Apressou o passo em direção à sala de estar. A televisão antiga ainda parecia parada no tempo, o velho sofá de couro marrom e o grande tapete ainda descansavam no centro do cômodo, como se esperassem sua volta. Na estante, um cisne de cerâmica colorida ocupava um grande espaço, próximo às fotos de família e alguns materiais de

costura que sua mãe tinha por hábito empilhar ali, como se fosse um mantra.

Reconheceu o corredor mais adiante.

E seus pés, quase por conta própria, correram em direção à velha porta de madeira que havia no canto.

Entrou apressado, com a urgência de quem busca desesperadamente por algo que perdeu e não consegue encontrar.

Ali estava:

um urso de pelúcia descansando em cima da cama,
seu antigo tênis surrado no canto da cômoda.
A parede em tons azuis ainda conservava inúmeros desenhos, palavras e frases inteiras gravadas ali por mãos que um dia foram suas.

Tudo continuava no mesmo lugar, como se esperasse pela visita do *pequeno homem grande*, que agora já não andava mais de pés descalços, penteava

o cabelo por conta própria e se preocupava em demasia com o relógio em seu pulso e seus compromissos de adulto apressado.

Suspirou.

Por um instante, pensou que talvez pudesse ficar.

Ouviu ao longe um sinal, insistente, como se algo lhe chamasse para outro tempo, agora mais distante.

Abriu os olhos. Desligou o despertador. Levantou.

Seria um dia no escritório novamente.

Como todos os outros.



ANNA LUISA MANTOVANI

Nascida no Rio de Janeiro, mudou-se para a Região dos Lagos aos 9 anos. Aprendeu a ler aos 5 anos e nunca mais conseguiu parar, por isso cursou Letras - português e inglês. Aprendeu, ao longo dos anos, que a vida é imprevisível e difícil de planejar. Às vezes, surge uma sensação em seu coração, e seu cérebro a obriga a escrever. Confessa, no entanto, que fica feliz quando isso acontece.

A MENINA SOLITÁRIA QUE TINHA MEDO DE ARMÁRIOS

Há muito tempo, uma menina solitária que vivia se mudando descobriu algo: Era inútil ter armários. Por que alguém teria o trabalho de guardar roupas, livros e cacarecos que, em algum momento, seriam embalados em caixas de papelão lacradas com fita? Esse pensamento era constante, tão constante quanto as inúmeras vezes em que a menina solitária teve que calcular a quantidade exata de pertences que cabiam em uma caixa de papelão de ovos. Se cada caixa lacrada era uma parte da menina solitária, quantos pedaços poderiam existir de uma pessoa?

Depois de repetir, continuamente, o ritual de separar, embalar e organizar tudo em um novo espaço, a menina solitária percebeu que, ainda sim, queria um armário. Era um armário ou pertinência? A menina solitária não sabia a resposta. Apenas sabia que, a cada vez que repetia esse processo de

mudança, deixava algo para trás e ganhava algo novo em troca. Às vezes, a troca parecia justa, uma casa que tinha uma vista bonita do nascer do sol na lavanderia ou a visão de uma árvore antiga. Porém, algumas vezes não eram tão justas. Qual era o cálculo feito que garantia o equilíbrio dessas trocas? Ela, com certeza, gostaria de saber. Mas, assim como outras várias coisas, essa se acumulava na longa lista de incertezas que habitavam o coração da menina.

A menina solitária não sabia o porquê. Por que era solitária? Havia nascido assim, ou de tanto se mudar tornou-se assim? Talvez a solidão fosse, simplesmente, a forma mais fácil de proteger seu frágil coração. Na verdade, o coração da menina solitária era extremamente frágil, mesmo que ela não admitisse para ninguém. De vez em quando, ela gostava de observar as árvores antigas do outro lado da rua, suas raízes profundas que remetiam a uma estabilidade que a menina solitária nunca conheceu. Era como se as árvores sussurrassem: "Eu vi coisas

que você nem imagina e, com certeza, verei muito mais do que você." Era injusto? A menina solitária não conseguia responder, mal tinha voz. Na verdade, ela tinha medo. E se ela permanecesse e comprasse um armário? E se ela ficasse…?

Um dia, todo o processo de empacotar e desembalar aconteceu novamente. Só que, dessa vez, a menina solitária ficou olhando pela porta da sacada para os troncos retorcidos de uma nova árvore. Ela não era tão verde, nem tão bonita, quanto às árvores antigas que tinha conhecido no lugar anterior. Parecia que tinha suportado ventos intensos, estações instáveis e, de alguma forma, conseguiu manter-se ali. Em meio a várias casas daquela rua, localizada em um terreno abandonado, a árvore feia, observando bem, parecia bastante com a menina solitária. Talvez, por isso, enquanto observava aquela paisagem, a menina solitária, finalmente, decidiu ficar e arrumar seus pertences em um armário.



ATANILSON RODRIGO MAGALHÃES

Nascido em 28 de janeiro de 1985, em Ipatinga, Minas Gerais. Formação técnica em Mecânica Industrial. Graduado como Bacharel em Engenharia Química e com Pós-graduação em Geotecnia Ambiental e Estrutural pela Faculdade Única. Cursando Pós-graduação em Bioquímica. Atualmente é funcionário público federal da ECT. Escritor, com diversos poemas publicados pela revista digital Conexão Literatura, Editora Literária e textos publicados pela Editora APMC.

MINHA INFÂNCIA

Às vezes me perco em meus pensamentos,
Nas lembranças que vagueiam por cá.
Daqueles tempos outrora vividos,
Tempos na memória jamais esquecidos.

Saudosa época, no peito uma cantiga a ressoar.
De regresso me ponho a admirar!
Ao percorrer nos trilhos da linha do tempo
Quão vívida infância que hoje não vivo mais.

Saudades sim, eu tenho da minha infância!
Áureos tempos que não voltam mais!
No ar somente uma inocência de criança,
Brincar é o que importava e nada mais.

Na escola, o recreio era o ponto alto.
Em casa o aconchego da refeição a nos esperar.
E nas aventuras da mente a desbravar,
Somos os vilões, somos os heróis, somos criança!

Pela rua nosso quintal se estendia.
Mais parecia um gramado ou quadra de ginásio!
Jogos e brincadeiras cruzavam o horizonte do dia,
A romper-se num grito amado na penumbra a ecoar.

Ao cruzar os muros, nossa fortaleza lá estava.
Nosso lar, nossos pais a nos proteger.
Tem-se o afago, a ternura, do amor incondicional...
No repouso para tudo de novo ocorrer.

Hoje meu peito saudoso está!
Hoje meu peito alegre está!
Ao folhear nas lembranças as doces imagens,
Do álbum da minha infância!



BRUNO COCHRANE

Bruno Cochrane nasceu no Rio de Janeiro e mora em Ribeirão Pires, São Paulo. Começou a escrever em 2026, quando um roteiro que ia gravar para o YouTube virou romance, e desde então acumulou contos e um livro terminado. Escreve sobre gente comum diante das próprias sombras: a culpa, a escolha, a moral que nunca é limpa. Nas histórias de memória, o que interessa a ele não é o que se lembra, e sim o que se escolhe continuar lembrando.

A PARTE DELE

A geladeira ainda estava ligada.

Foi a primeira coisa que Sílvio percebeu quando entrou pela porta: o motor trabalhando baixo no fundo do apartamento, três semanas depois, para ninguém. Alguém esvaziou as prateleiras — a vizinha do quarenta e dois, que herdou a cópia da chave e o gato —, mas ninguém tinha desligado nada.

— Deixa — disse Edson, entrando atrás com as caixas desmontadas debaixo do braço. — A gente desliga depois de tudo.

O cheiro era o mesmo, e isso Sílvio não esperava. Sabão de coco, café antigo, o talco que ela passava no pescoço depois do banho. Três semanas não bastaram para a casa esquecê-la.

Começaram pela cristaleira, porque era o que dava para fazer sem decidir nada. A louça no jornal, a coleção de bules que ela nunca usou, os livros da prateleira de baixo. Edson trabalhava rápido, parecia

que tinha hora marcada no aeroporto. Doze anos em Curitiba fizeram isso com ele: chegava, resolvia e ia embora antes de se permitir sentir em casa.

Na gaveta de baixo da cristaleira Sílvio achou a pasta sanfonada. Conta de luz, conta de água, o carnê do convênio, tudo em ordem e tudo no nome dela, *Noêmia Borba*, e no canto de cada folha a letra dela: *paga online pelo Sílvio*, e a data. Cinco anos do nome dele na letra dela. Fechou a pasta e pôs na caixa dos documentos sem dizer nada.

— Olha isso — disse Edson.

Estava sentado no chão com a caixa de fotos aberta entre as pernas. Estendeu uma: os dois de sunga na varanda da casa antiga, Edson com um copo de plástico na mão, Sílvio agarrado na perna dele com as duas mãos.

— Eu não lembro dessa casa.

— Você não lembra de nada dessa casa.

Sílvio olhou mais um pouco e devolveu a foto.

— Eu lembro do dia em que ele foi embora.

Edson não levantou a cabeça. Continuou separando: as fotos boas de um lado, as tremidas do outro.

— Ele levou o rádio — continuou Sílvio. — Aquele de madeira, que ficava em cima do pano bonito. Levou o rádio e nem levou a roupa toda, deixou os sapatos no armário. E ela sentou no banquinho de fórmica da cozinha e ficou lá por um tempo que eu não me lembro. Eu sentei no chão do lado dela e segurei a mão dela. A gente ficou assim até o sol entrar pela janela em cima do tanque.

Aí Edson levantou a cabeça.

— Sílvio.

— Que foi?

— Você tinha dois anos.

O jornal estalou na mão dele. Sílvio pôs a xícara embrulhada dentro da caixa e pegou outra.

— Eu tinha uns cinco.

— Você tinha dois. Eu, nove. — Edson falava sem pressa, como quem confere uma data num

documento. — Você estava no quarto, dormindo. Ela não me deixou te acordar.

O motor da geladeira desligou sozinho e voltou a ligar, e no meio disso coube um silêncio inteiro.

— Foi você quem sentou no chão?

— Fui.

— E o sol.

— O sol entrou. Esquentou. — Edson deu de ombros. — Ela não chorou. Eu achava que ela ia chorar.

Sílvio enrolou a xícara. Enrolou a seguinte. Eram doze e ele contou as doze, e enquanto contava foi passando pela cabeça, sem querer, a lista das vezes em que contou aquilo. No bar, para os amigos, mais de uma vez. Para a mulher, no primeiro ano. Para todos os psicólogos e psiquiatras por quem ele passou. Para os meninos, numa noite de apagão, os três na cama grande, e o mais novo perguntou se a mão da vó era quente.

— Você quer essa? — Edson estendia outra foto.

Era a mãe na cozinha nova, de avental, rindo para quem tirava o retrato. O banquinho de fórmica aparecia num canto, encostado na parede, já sem o lugar dele.

— Quero.

Sílvio pôs a foto na caixa dos documentos, em cima da pasta sanfonada, e fechou a aba.

Terminaram a cristaleira quando já estava escuro do lado de fora. Edson levantou, bateu a poeira da calça e foi para a cozinha. Sílvio ouviu a porta da geladeira abrindo, ouviu o tranco do fio saindo da tomada. O motor foi baixando até acabar de vez, e a casa ficou de um jeito que ele nunca escutou.

— Sílvio — Edson chamou de lá.

— Quê?

— Entrava sol mesmo. Pela janela do tanque. De manhã cedo, batia na parede do fogão.

Sílvio parou com a última xícara na mão e o jornal aberto em cima do joelho.

— Eu sei — disse.

E veio, sem nenhum esforço, uma outra manhã, não aquela.

A mesma parede do fogão, amarela de sol, com a mancha de gordura que ela nunca conseguiu tirar. A mãe de costas, fazendo chá, cantando baixo uma música da qual ele nunca soube o nome. E na mesa, posta para os dois, a louça boa: as mesmas doze xícaras que ele passou a tarde embrulhando, usadas num dia sem nada, por um motivo que ele não lembrava agora.

Nessa não tinha rádio, nem porta batendo, nem ninguém indo embora.

Essa ele nunca contou para ninguém. Nunca precisou.

Enrolou a última xícara, encaixou no canto da caixa e fechou as abas com a mão espalmada, devagar, como quem não quer acordar ninguém.

O CADERNO

— Você quer café?

— Quero, mãe.

Olga pôs a água no fogo e ficou de costas, vez ou outra se virando para monitorar a chama. A cozinha era a mesma desde que Cássia se entendia por gente: o azulejo até a metade da parede, o calendário da farmácia pregado na porta do armário, o pano de prato com o galo bordado que estava naquele gancho desde sempre. Pela janela do nono andar entrava o barulho da avenida e, por baixo dele, o outro, mais fundo, que era o mar a uma quadra dali.

— Cadê o caderno?

— Que caderno?

— O das receitas. Vim buscar o bolo de fubá. O Gael faz treze na quarta e pediu o da senhora.

A mãe apontou a gaveta de baixo com o queixo, sem tirar a mão do cabo da leiteira.

O caderno era bem antigo, de capa dura, verde desgastado, com o elástico já frouxo. Cássia sentou à mesa e abriu com cuidado, porque as primeiras folhas estavam soltas havia uns vinte anos e ninguém nunca colou. Aquelas primeiras eram da avó, Madalena — letra apertada e inclinada, de quem aprendeu a escrever apanhando de régua na mão —, e iam até quase o meio do caderno, onde paravam dentro de uma canja que ficou pela metade. Dali em diante era a letra da mãe: o pudim, a maionese de festa, o frango que só ela sabia deixar dourado por baixo.

Achou o bolo de fubá na página vinte e três, na letra da avó.

3 ovos. 1 xíc. de leite. 1 xíc. de óleo. 1 e 1/2 de açúcar. 1 xíc. de fubá. 1 xíc. de trigo. 1 colher de fermento, por último. Erva-doce a gosto — não economizar.

Tirou uma foto com o celular e ia fechando quando o polegar escorregou e o caderno abriu sozinho mais adiante.

O bolo de fubá estava ali de novo.

Página sessenta e um. A mesma receita, a mesma ordem dos ingredientes, o mesmo *não economizar* no fim. A letra era menor, mais apertada. Era a da mãe.

— A água já vai ferver — disse, chamando a atenção da mãe.

— Pode deixar ferver.

Cássia foi virando as folhas, agora sem pressa nenhuma, e o coração dela começou a bater no pescoço antes de ela entender por quê. Achou a terceira na página oitenta e sete, quase no fim do caderno, num espaço apertado entre uma anotação de telefone e uma lista de compras. A letra era outra. Continuava sendo da mãe, mas trêmula, as letras maiores para caber, o *e* do meio da palavra virando um bico. E uma coisa era diferente: onde antes vinha *3 ovos*, dessa vez estava escrito *2 ovos*, riscado, e ao lado, com outra caneta, *3*.

Ela olhou a data no alto da página. Não havia data. Nunca houve data em nenhuma.

— Mãe.

— Oi.

— Por que a senhora copiou o bolo de fubá duas vezes?

Olga virou-se com a leiteira na mão. Ficou um instante ali, o vapor subindo entre as duas, e Cássia viu o que passou pelo rosto dela: não foi susto, foi cálculo. Foi a cara de quem já tinha resolvido aquilo sozinha, muito antes, e decidido não dar trabalho a ninguém.

— Copiei? — disse a mãe. — Que bobagem. Esse eu sei de cor.

— Sei que sabe.

— Sei de cor desde a sua idade. — Riu, sem deboche nenhum, do jeito dela. — E esse caderno é mais velho que eu.

— Eu sei, mamãe.

Olga serviu as duas xícaras, pôs a leiteira na pia e se sentou. Empurrou o açucareiro na direção da filha, embora Cássia não tomasse açúcar havia quinze anos.

— Você quer café? — perguntou.

Cássia olhou para a xícara cheia à frente dela e para a mão da mãe ainda no açucareiro.

— Já tenho o meu aqui.

— Ah. Então tá.

Ficaram as duas em silêncio, e o silêncio naquela cozinha tinha o barulho da geladeira, o do relógio da parede e mais nada — o pai tinha descido para a banca do Carlinhos e ia demorar, porque descer para a banca nunca foi só descer para a banca. Cássia bebeu o café inteiro sem sentir o gosto. Depois puxou o caderno para perto, pediu a caneta que ficava no pote junto das colheres de pau, e virou para a primeira folha em branco que encontrou.

Escreveu, com a própria letra: *Bolo de fubá da mãe.* E embaixo: *3 ovos. 1 xíc. de leite. 1 xíc. de óleo. 1 e*

1/2 de açúcar. 1 xíc. de fubá. 1 xíc. de trigo. 1 colher de fermento, por último. Erva-doce a gosto — não economizar.

Olga estendeu o pescoço para ver o que a filha estava fazendo.

— Muito bem — disse. — Você nunca decorou essa.

— Nunca.

Cássia fechou o caderno, ajeitou o elástico frouxo por cima e devolveu à gaveta de baixo, no lugar exato de onde saiu. Depois ficou mais um tempo à mesa, com a mãe, olhando o calendário da farmácia que estava no mês errado desde março.

Na quarta ela ia fazer o bolo, e o Gael ia rondar a cozinha esperando assar, do jeito que ela rondava. Não ia perguntar de quem era a receita.

Ainda não.

O ÚLTIMO DOMINGO

Durval reconhecia o barulho do portão antes de reconhecer o filho. Robson ainda não tinha se acostumado.

A cuidadora abria, o ferro raspava no cimento, e da poltrona da sala vinha a voz do pai, oitenta e um anos e ainda firme: *chegou?* A confusão vinha depois, quando ele entrava. O pai levantava os olhos, alguma coisa trabalhava ali atrás, como uma esfera de bingo, e o que saía era o nome de alguém.

Em março, Robson foi um cunhado que faleceu em 1994. Em maio, duas vezes seguidas, o gerente do banco onde o pai trabalhou trinta e dois anos. No domingo passado não foi ninguém: o pai só disse *entra, meu filho*, sem nome, e Robson passou a semana decidindo se aquilo tinha sido a melhor ou a pior das visitas.

Naquele domingo o pai olhou para ele e disse:

— Jairo.

Robson parou com a mão ainda na alça da sacola. Do corredor veio o cheiro do almoço, arroz e alguma coisa refogada, e a cuidadora falando ao telefone no quintal, baixo, para não incomodar.

Jairo morreu em 1998, numa moto, na estrada velha, com vinte e cinco anos. Eram vinte e oito anos sem ninguém dizer aquele nome dentro daquela casa em voz alta.

— Oi, pai — respondeu Robson.

Foi a primeira vez que não corrigiu.

Sentou-se no sofá de dois lugares, o de sempre, e pôs a sacola no chão: a manteiga que o pai gostava, o jornal de domingo que ele não lia mais, mas queria ver dobrado em cima da mesa, e um pacote de bolacha de polvilho. O pai acompanhou a sacola com os olhos e depois voltou para ele.

— Você está mais magro.

— Um pouco.

— Come, Jairo. Você nunca come.

E então o pai começou a falar. Falou do vento que batia na janela a noite inteira, falou de um cachorro que latia de madrugada e que a cuidadora garantia não existir. Falou do caminhão que dirigia antes de ir trabalhar no banco, coisa dos anos sessenta, e Robson deixou correr — enquanto falava daquilo, o pai era só um homem contando sobre um caminhão.

Aí o pai emendou:

— Seu irmão veio ontem.

Robson ficou quieto.

— Veio, sim. Trouxe uma manteiga. — O pai apontou vagamente para a sacola no chão, sem ligar uma coisa à outra. — Ele vem todo domingo, aquele lá. Chuva, sol, feriado. Nunca falta.

— É?

— Nunca falta. — O pai ajeitou-se na poltrona, e a voz baixou de um jeito que Robson não conhecia, uma voz de quem confia um assunto a alguém. — Eu não sei o que eu teria feito, Jairo. Depois da sua mãe.

Eu não sei.

O relógio da sala andou uns segundos.

— Ele sabe disso? — perguntou Robson.

O pai pensou. Pensou de verdade, franzindo a testa, como quem procura uma nota fiscal numa gaveta muito cheia.

— Não sei se eu falei — disse. — A gente não fala essas coisas, né. Ele sabe.

— Ele sabe.

— Claro que sabe.

A cuidadora apareceu na porta da sala com o pano no ombro e disse que o almoço estava pronto, e Robson pediu cinco minutos com a mão, e ela entendeu e saiu.

Ele podia dizer naquele momento. Era só uma frase: *pai, sou eu, Robson*. Já tinha dito dezenas de vezes, e conhecia bem o que vinha depois — o susto pequeno, a vergonha, o pai pedindo desculpa por uma coisa que não era culpa dele, o resto da tarde estragado para os dois.

Ficou olhando as mãos do pai em cima do braço da poltrona. Manchadas, com a aliança que já girava frouxa no dedo.

— Ele sabe, pai — falou Robson. — Pode ficar tranquilo.

O pai fez que sim com a cabeça, satisfeito, e o assunto acabou ali, do jeito que acabam os assuntos entre homens daquela casa.

Almoçaram. O pai comeu bem, elogiou o arroz duas vezes e chamou Robson de Jairo mais uma, na sobremesa, sem consequência nenhuma. Depois do café, na porta, com o portão já aberto e o cimento raspado, ele segurou o braço do filho.

— Você volta domingo?

— Volto.

— Traz o seu irmão.

Robson demorou um pouco para achar a resposta, e a que achou foi a única que servia.

— Trago.

Foi até o carro, entrou e ficou ali um tempo

antes de dar a partida, com as mãos no volante e o nome do irmão ainda em cima dele, quente, como roupa emprestada que a gente precisa devolver — mas naquela tarde não, ficaria com ele mais um pouco.



CAMILA DUARTE

Camila Duarte, psicanalista - com atuação voltada para autoestima feminina e relacionamentos, escritora, docente de psicanálise, e idealizadora e gestora do projeto social Mulheres Amparadas. Publiquei meu primeiro livro há 5 anos, "Saúde mental e os aspectos da vida humana", escrito durante a pandemia. Sou mineira, de Belo Horizonte, mas atualmente moro em Curvelo - MG.

@psi_camiladuarte

CASA MA(E)TERNA...

Casa **materna**,

Casa mãe **eterna**,

Casa mãe **terna**...

Materna,

eterna,

e terna!

Não importa a forma, ela é *atemporal*, *afetuosa*, e sempre *presente*!!

Você se foi para outro plano,

mas *se faz presente* sendo **minha primeira casa**!

Mãe é

l**ar**,

am**ar**,

cuid**ar**,

est**ar**!

Não sei se daí, você ouve minhas palavras, mas sinto que sim
e com frequência *meu corpo anuncia sua presença*!
Sua partida foi brusca, abrupta, e injusta,
Já se vão quase dois anos e meio, mas *isso não muda*, e *infelizmente não mudará*!

E o que me resta é am**ar**, e honr**ar** o meu primeiro l**ar**!
Honrar vivendo, sent-indo, segu-indo, mas também permanecendo em um **lugar que** não me fixo, mas **me apoio**, e encontro forças para segu-**ir**...



CLARICE LAGUARDIA

Clarice Laguardia é formada em Letras, professora, psicopedagoga e arte-terapeuta. Desde a infância, cultiva o amor pela escrita e pela poesia. Seu pai escolheu seu nome inspirado na escritora Clarice Lispector, aproximando, desde cedo, seu nome do universo literário. Em sua escrita, transforma sentimentos e vivências em palavras, explorando a sensibilidade e as nuances da vida.

NUANCES

Gastei meus perfumes e essências
para lhe conquistar,
minha alma para lhe roubar.
Nada adiantou,
pois tudo não passou de uma ilusão
quando lhe entreguei meu coração.
Você não teve o devido cuidado desde então.
Sabe aquela sensação
de algo indo embora,
de dentro para fora?
Estou me libertando
das suas acusações e julgamentos.
Eu apenas lamento
por não ter tido amor-próprio suficiente
para lhe dizer: basta.
Agora, vá embora
e me deixe com a cura,
com a busca pelo meu amor.

Porque, definitivamente,
esse amor
não é você.

SOU ROMÂNTICA

Sempre busquei você em todos os detalhes,
desde quando citava Shakespeare
nos dias inevitáveis.
Sou romântica,
isso faz parte do meu ser,
e sei que não irás entender.
Terá de suportar minha incessante intensidade,
minha entrega,
minha parte mais profunda,
que sente e produz
uma trilha sonora
na qual você jamais viveu.
Seja meu,

e entenderás o romance
em suas muitas nuances.



DÉBORA CAMILA BRASIL

Sou escritora, poeta e cronista, nascida em Belém (PA) e criada em Brasília (DF). Minha escrita transita entre poesia, conto, crônica e literatura de atmosfera. Participo de mais de 100 antologias literárias e tenho textos publicados em diferentes projetos editoriais. Sou vencedora de concursos literários e transformo experiências humanas em palavras, buscando aquilo que permanece depois que a história termina.

A CADEIRA VAZIA

Há ausências que fazem barulho.

Não o barulho das portas batendo ou dos carros passando na rua. É um som diferente, silencioso e persistente, que mora dentro da casa e transforma cada cômodo em lembrança.

Ela descobriu isso no dia 31 de dezembro de 2014, quando sua filha foi levada pelo próprio pai. Esperava o retorno da criança para passarem o Ano Novo juntas, mas o carro não chegou à porta. O telefone não tocou.

Percorreu delegacias, hospitais, IML. Foi ao endereço que acreditava ser o do ex-marido. Nenhum sinal da menina.

Desde então, a cadeira à mesa continuou ali. O copo colorido permaneceu no armário. Os desenhos presos à geladeira resistiram ao tempo, mesmo quando as pontas do papel começaram a se curvar. Para quem via de fora, a casa seguia igual, mas tudo

havia mudado.

As pessoas costumam entender a dor da morte. Há rituais, despedidas, flores, palavras de consolo. O mundo sabe nomear o luto quando ele é definitivo. Porém, existe uma dor que não sabe terminar: a de uma mãe que não sabe onde está sua filha.

Ela acordava todos os dias imaginando pequenos detalhes. Se a menina tinha comido bem, se ainda se lembrava da canção de ninar, se estava assustada, se alguém a fazia sorrir, apesar de tudo.

As perguntas eram muitas. As respostas, nenhuma.

O tempo passou como quem pisa devagar em um chão de vidro. E, ainda assim, ela não deixou de procurar. Entre delegacias, conversas repetidas, documentos, contatos e noites sem dormir, havia algo que não cedia: a recusa em desistir.

Diziam que ela precisava "seguir em frente". Ela olhava para a cadeira vazia e pensava que algumas partes de uma pessoa, simplesmente, não caminham.

Ela continuou procurando. Havia dias em que a

esperança parecia apenas outra maneira de sofrer. Mesmo assim, acordava no dia seguinte e procurava de novo. Até o dia em que o telefone tocou. A voz do outro lado hesitava, mas a frase veio inteira, como se tivesse sido guardada por muito tempo:

— Encontramos sua filha.

O mundo não ficou em silêncio. Apenas mudou de lugar dentro dela.

Ela correu sem perceber o chão, sem medir o tempo, sem organizar pensamentos.

Quando a porta se abriu, não houve explicação.

A menina parou. Um segundo.

E então correu.

O abraço dispensou qualquer palavra.

Durante anos, a ausência teve voz, peso e endereço dentro daquela casa. No instante em que a abraçou, tornou-se, apenas, passado.

A cadeira vazia já não dizia nada. Era só uma cadeira.

E a casa, pela primeira vez em muito tempo, respirou sem dor.

Hoje, a menina se tornou mulher. Faz faculdade de Relações Internacionais, fala três idiomas e construiu a vida que um dia eu temia que nunca pudesse ter.

Eu a vejo seguir e, às vezes, ainda me surpreendo com a distância que existe entre aquela menina que desapareceu e a mulher que agora atravessa a casa pensando no futuro.

Quando ela sai para a faculdade, carregando livros, planos e idiomas que aprendeu longe de mim, penso na cadeira que ficou vazia durante tantos anos.

Ela continua no mesmo lugar.

Mas agora, às vezes, minha filha volta a se sentar nela.



DEISE DE OLIVEIRA SOBRAL

Escritora carioca. Tem um livro de poemas já publicado e alguns contos e poemas selecionados em antologias. Participa de saraus e também escreve Dramaturgia. Está terminando uma obra infanto- juvenil.

UMA ROSA NO ASFALTO

Olívia costumava passar por aquela avenida todos os dias na ida para o hospital. Ela, médica emergencista, sempre saia apressada pois no seu trabalho ninguém podia esperar. Um viaduto enorme pairava sobre o lugar onde ficavam alguns moradores de rua, desocupados para uns, desgraçados para outros. Mas existiam. E permaneciam.

Fazendo comunhão com a grande Metrópole, compelidos aos espaços geométricos das formas da cidade. Disputavam com os carros e os animais um lugar para se abrigarem.

Algumas poucas crianças vendiam balas nos semáforos ou limpavam os vidros dos carros empoeirados. Com os vidros do carro fechados, Olívia passava rapidamente pelo local mas sempre via o garoto, que lhe pedia todos os dias para lavar o seu carro. Era um menino sardentinho, meio ruivinho com dentes tortos, deveria ter sete anos no

máximo. "Rapidinho tia, é só encostar aí". Dizia ele. "Não precisa. Ele tá limpinho". Olívia falava sem lhe dar muita atenção, saindo rápido com o carro. Com receio, Olívia nunca parava. Tinha medo de sofrer algum assalto já que o ambiente não era tão adequado. Porém, no outro dia lá vinha ele de novo na sua janela. "Oh tia, compra bala aí. Não me ajuda nunca. Por favor". "Agora ele mudou de tática". Pensava Olívia.

O moleque era insistente e assim Olívia acabava comprando. De repente esse hábito se tornou rotineiro e Olívia já sem tanto medo quis saber mais sobre o garoto. "Quantos anos você tem? E quem são aqueles dois ali?" Pergunta Olívia com o sinal ainda fechado, apontando para dois meninos bem pequenos e tímidos. "São meus irmãos, tia. Sabe que eu já tenho sete anos. Sou o homem da família por isso trabalho né ". E assim foi nos dias seguidos. A compaixão de Olívia pelo menino começava a dar lugar a uma certa amizade improvável entre os dois.

A mãe do menino, uma jovem moça, estava grávida, possivelmente já perto de dar à luz.

Aos poucos Olívia passa a gostar das conversas com aquele menino. O seu ritmo de trabalho era muito desgastante e o seu emocional já estava pedindo um descanso.

O garoto trazia uma certa leveza no olhar e uma graça no falar. Constantemente fazia comentários engraçados sobre os outros transeuntes e motoristas que passavam.

"Criança é criança em qualquer lugar e por pior que seja não deixa de ser criança." Pensava Olívia lamentando a situação daquela família. Vez ou outra ela lhe trazia um lanche sem saber se haveria como repartir para todos. Agora já sabia o seu nome: o menino se chamava Jonas.

Certa noite ao voltar para casa, Olívia nota de longe o garoto atordoado andando pelo viaduto. Parecendo nervoso, o menino tenta parar quem passa pelo local, Jonas vai ficando mais exaltado e

logo vê que ninguém lhe dá atenção. Sem saber do que se trata, ela permanece no carro até que ele vem aflito em sua direção. "Tia! Minha mãe tá tendo a neném. Ela tá passando muito mal. Acho que vai morrer. Ninguém ajuda. Vai lá. Por favor."

Ele falava com os olhos marejados e totalmente nervoso. Olívia assustada com aquela situação, por alguns instantes pensou ligar para emergência pois o local já estava ficando um pouco deserto mas logo pensou pegar a mulher e levá-la até o hospital mais próximo.

Olívia desce do carro carregando a sua mala de emergência enquanto Jonas a leva para o fundo do viaduto. Não havia muito o que pensar. Dava pra notar o nervosismo do menino e Olívia sabia que a mãe dele estava prestes a ganhar bebê. O lugar era sujo e inadequado para qualquer criança nascer. Olívia chega ao local e vê a mãe do menino deitada na calçada. Gemendo e se contorcendo de dor ela acena a cabeça para Olívia. "Vou precisar que vocês

três fiquem calmos e esperem lá atrás. Tudo bem? Fiquem tranquilos, eu vou cuidar da mãe de vocês." Olívia fala enquanto Jonas se afasta com os irmãos. Olívia percebe que não há tempo para ir ao hospital. Será ali mesmo.

Em pouco tempo, quando a mulher já esgotada parecia então desistir, a criança então aponta e rapidamente desliza para o seu novo mundo. Era tão pequena e frágil. A pobre criança lutando contra todas as circunstâncias contrárias a sua existência. Nascia. Os olhinhos da neném contemplavam o mundo e como duas estrelas brilhavam.

A mãe chorava. Agradecia e ria.

Aquela pequena já possuía em si a enorme força de uma guerreira. E o menino que agora observava tudo atentamente pulava de alegria como se tivesse descoberto o tesouro maior de todos os tempos. E ele havia.



EDILEIDE SILVA

Sou Edileide Silva, mãe do Klayton, professora aposentada da Rede Municipal de Duque de Caxias – RJ, pedagoga, pós-graduada em Docência Superior, musicista, escritora, cordelista, revisora, contadora de histórias e artesã. Atuo nas áreas de Educação, Cultura e Literatura. Faço parte dos coletivos "Iluminuras Docentes – 2016", "Encantadores de Letras – 2017", da antologia digital "Cartas de amor, um tributo ao amor proibido de Aberlado e Heloísa – 2021" e da antologia física e digital "Sentimentos Escritos – 2024". Sou amante de artes e trabalhos manuais. Gosto de cantar, ler em voz alta e escrever a mão. A Bíblia é a minha maior fonte de inspiração.

MINHA VIDA QUANDO CRIANÇA...

Toda vez que, mesmo de olhos abertos, volto a um tempo tão longe e visito o meu passado, num lugar simples e aconchegante, numa rua cheia de crianças e, no melhor lugar: minha casa, com cheirinho de plantas, bolos, café e broa de fubá! Hummm... Que saudade!

Vida humilde, sem luxo. Comunidade carente, ruas de barro, ladeiras tortas que, em dias de chuva, subindo ou descendo, só Jesus para nos manter de pé, "muros" de tábuas, cercas de arame farpado, portões fechados com cordas ou arame (se é que poderiam ser considerados trancados), portas escoradas por dentro, banheiro do lado de fora da casa, janelas de madeira que abriam para fora e, quando pegavam chuva, inchavam e era uma dificuldade para fechar, sem falar nos ferrolhos enferrujados. Com tudo isso, éramos felizes juntos. Nossa! Que viagem...

Eu, meus irmãos Elias, Edmilson e Ademir, e

toda a criançada da rua disputávamos quem passava mais rápido entre as tábuas das cercas. E quando tinham farpas, pregos e arames farpados? Haja machucado e ralação. A verdadeira ralação. Se alguém chorasse, o choro tinha que ficar na rua, não podia ir pra casa, senão era *mertiolate* na certa, junto com uma bronca daquelas. Os mais velhos arrumavam água para limpar o machucado e a brincadeira seguia ou mudávamos pra outra.

As brincadeiras aconteciam sempre à tarde, durante a semana, pois a maioria estudava pela manhã, e mesmo quem ainda não estava na escola. Eu e meu irmão caçula, o Ademir, antes da idade escolar, ficávamos juntos dos outros bagunçando, desenhando ou lendo. Eu sempre amei ler. Com quatro anos eu já lia tudo, amava cantar e papai me colocava em cima da cadeira para os vizinhos escutar.

Por falar em vizinhos, por volta dos meus cinco anos de idade chegou um casal com seus filhos para mora ao lado da minha casa. Seu Carlinhos e Dona

Rafaela e seus filhos, quase todos com apelidos: Tão, Baía, Bimbica, Ninica, Regina e Célia. A Regina era Regina mesmo, mas a Célia, como tinham duas Célias na rua, até hoje são "Célia da Dona Rafaela" e a "Célia da Dona Marizete". Dona Rafaela e Dona Marizete hoje sãos saudades, assim como Dona Maria do Seu Geladinho. Mas, Seu Carlinhos continua conosco, com seus quase 98 anos, lúcido e bem humorado.

A galera da Rua Treze era imensa e os apelidos também. Quininha, Dona Noca, Seu Geladinho, Dona Mulatinha, Tarugo, Godê, Canarinho, Neim, Maranhão, Pescoço, Seu Lau, Téqui, Seu Jamelão, Tubarão, Tointoin, Pompéia, Funabem, Heroína, Dona Didi, Juca, Zerinho, Cadinho... E ainda falta, viu? E de muitos não sabemos o nome. A gente ria e se divertia com os apelidos e as encarnações que eram pura zoeira e ninguém se chateava por isso. A amizade segue firme até hoje, embora alguns não estejam mais entre

nós.

Elias, meu irmão mais velho, ainda gosta de colocar apelidos (ô bichinho criativo), adorava gibis, os preferidos eram da *Marvel,* e com qualquer trocadinho que conseguia juntar, comprava gibis no jornaleiro ou dos colegas e às vezes conseguia emprestado. Miço, Demi e eu íamos na aba.

Brinquedos? Não tínhamos quase nenhum. Os melhores, a gente esperava ganhar no final do ano, na festa de natal do Bob´s, onde papai trabalhou por décadas. Tive apenas uma boneca que ganhei num álbum de figurinhas ao tirar a "chave inteirinha". Meus irmãos se divertiam com pipas, bolas de gude, pião e patinetes que o Elias fazia e ainda me levava na garupa para descer os morros do bairro com ele. Só podia andar com ele.

Teve um natal que papai comprou uma coleção de clássicos da Disney com quatro livros. Na capa tinha uma ilustração que quando a gente mexia o desenho mudava. Ficamos encantados! Meus

irmãos escolheram primeiro. Então, "Pinóquio" foi para o Elias, Miço ficou com "Os três porquinhos", Ademir, como caçula, recebeu "O pequeno Polegar" e eu... eu fiquei com "O Patinho Feio".

Chorei muito, ainda mais porque eu me achava a mais feinha de todos. Mamãe veio com todo o amor do mundo, pegou o livro da minha mão, me sentou em seu colo, e lendo as imagens — arriscando-se nas pequenas frases escritas — me contou toda a história, dizendo que era a mais linda de todas, que o Patinho feio na verdade era um cisne e que eu quando crescesse seria linda princesa. Passei a ter muito ciúme do meu livro, tanto que foi o último a se acabar.

A leitura sempre foi para mim, uma fonte de prazer, conhecimento e saber. Já na adolescência, lembro de títulos começados com "*Memórias de...*", li quase todos da série *Vagalume*, além das *Júlias, Sabrinas e Biancas,* gibis, jornal, rótulos de produtos, o que tivesse pela frente e o mais importante de todos:

a Bíblia e as revistas da EBD — Escola Bíblica Dominical.

Amo cantar também. Com quatro anos cantava na igreja e a partir disso participava de peças, grupos e coral. Eu amava as brincadeiras de roda por causa das cantigas. Sabia todas!

Amo música. Presença garantida em tudo na minha vida. Cresci estudando piano, comecei a estudar com cinco anos no lugar do meu irmão que estudava acordeom (isso dá outra história), mas por perto tinha violão, teclado, acordeom, flauta... o que vinha eu tocava.

Minha infância foi marcada por minha família presente, afetos, risadas, dificuldades, fé, superação e a certeza que Deus supria todas as nossas necessidades. Mamãe, como uma mulher de fé e oração sabia que poderia não sobrar, mas nada ia nos faltar. Eu e os meninos crescemos sabendo que em Deus a gente pode confiar. Somos abençoados por termos sido felizes com nossa mãe Dona Elequicina e

nosso pai Seu Zé, que em sua vida simples, com amor e sabedoria, nos conduziram pelo caminho do bem e seguimos até hoje. Mamãe virou saudade em 2001 e papai em 2009. Sinto muita falta deles. Queria muito que meu filho Klayton sentisse, por muito tempo, a alegria de ter os avós por perto.

Momentos preciosos da nossa infância, estão guardadinhos em nossas memórias e nos impulsionam a seguir. Visitar o passado, principalmente a nossa infância e adolescência, é ver que tudo o que foi vivido nos fez pessoas do bem que acreditam na família, no amor, na força da fé e da oração e que nos levam a viver no presente as promessas de Deus para nossas vidas!

Então, quando bate a nostalgia eu começo a pensar assim:

Minha vida quando criança… virou um lugar quentinho para onde minha mente sempre foge quando o presente pesa. Olhar para trás me dá a certeza de que, não importa o quão longe eu vá ou

quantos capítulos da vida ainda escreva... Foi ali, na simplicidade daqueles dias, que aprendi o verdadeiro significado de ser feliz. É o meu lembrete diário de que, por mais complexo que o mundo adulto pareça, a minha essência ainda é feita de coisas simples, da vida que vivi ao lado dos meus pais e meus irmãos, na Vila Operária, lá na Rua Treze.



EDSON BRIATO

Edson Luiz da Silva Briato é natural de Campo Bom (RS). Licenciado em História e tecnólogo em Marketing, possui especialização em Educação pela Pesquisa. Escritor e entusiasta do fazer literário, encontra na obra da polonesa Wisława Szymborska sua principal fonte de interlocução e inspiração poética.

Instagram: @esperaspoeticas

SUSPIRAR

O cheiro do forno ainda guarda o teu olhar,
A mesa redonda, o silêncio da casa,
Testemunho suspenso na memória,
Olhando a neve que no forno assa.
Três claras de ovo girando no vento,
A nuvem de prata na batedeira,
Dez colheres de açúcar, o tempo tão lento,
E as raspas de limão no arremate final.
Na ponta do plástico, em forma de curva,
Espirais de infância que o fogo dourou,
Cinquenta minutos a cento e dez,
Na fé de um amor que nunca passou.
Tu me dizias que era merengue,
Cresci e descobri que era suspiro;
Mas o suspirar que hoje me atinge
É a dor no espaço onde não te vejo.
É no corte do tempo, na hora mais dura,
Quando a tua ausência me corta ao meio,

Que volto ao fogão, repito a cura,
E bato na batedeira o meu próprio coração.
O doce esfria na mesa vazia,
O choro me desce sem pedir licença;
Três almas juntas na mesma alegria:
A tua, a da vó, e a minha infância.
O nome do doce salvou minha vida,
Pois no teu suspiro que ficou guardado,
Respiro a dor de duas despedidas
E escalo a montanha gelada de neve,
Com o peito aquecido por teu amor.



EDUARDO WORSCHECH

Eduardo Worschech, nômade literário, formado em Filosofia pela Unesp, Mestre em Educação pela UFSCar. Publicou a obra "O Dizer Verdadeiro na Educação: Reflexões Foucaultianas"; e também a antologia de ensaios "Um Pensamento Ainda por Vir", publicadas pela Editora Dialética; além disso, tem participado de inúmeras antologias poéticas e afins.

QUEM SABE UMA EXPULSÃO SEJA UMA SALVAÇÃO

Um grande pomar localizado num árido sertão familiar teimou em crescer e se manter, mesmo nascido desesperançado de tudo.

Quem ali avistava de longe, conseguia de maneira míope enxergar um marco originário, como se pudesse confundi-lo ao começo de algo inusitado.

Solo frio em correntes longas de desafio; como pudera alguém se desvencilhar daquilo que o antecede, contando para si e para todos um vexame de nascimento.

Nesta confusão, as expulsões foram erroneamente interpretadas sem filtro como denegações incompletas, pois o ódio que as mobilizou não conseguiu partir as raízes que nos sustenta.

A verdade de quaisquer coisa nunca esteve em jogo, somente a aceitação, sob o jugo das intempestividades das gerações, que calcinaram aquele solo, na contradição constituinte do aceitável.

Ao singular como único, interpõe -se ao singular enquanto só, afastado do plural que designa fantasiosamente o que é família, e a corda que aperta um pescoço poderia ser naturalmente vista como passiva, sem intermédio das mãos que a seguram.

Ao tom de voz de grave alcance, que naturaliza um grito, será recebido com afeto torto e retorcido, que se esgueira para sobreviver neste ambiente de acolhimento sofredor, sofrimento de passagem.

E nesta escassez premonitória, o querer vital se atrofia, atingido frontalmente pelas constrições da falta de abraço e dos beijos que não vem.

E é na boca que deveria nutrir, impropérios são seu mote, e nas feridas é que conquista sua autonomia, no seio materno o fel torna-se alimento que perdura, e a tristeza se compõe.

E nestas intempéries emocionais que o retorcido se cria e copia, e as desgraças parecem apenas fúteis bobagens, que estas vidas subsumidas devem aceitar. São longas e desgastantes as camadas de solo que se

sedimentaram, compactando sentimentos e sensações, alienando o vivido pela falta de ar que há por debaixo da terra sofrida; é aquilo que ali brota, nutre-se somente daquilo de resta, da carência que compõe.



ELIANA REGINA MARTINS MACHADO

Eliana Regina Martins Machado, escritora, natural de Espírito Santo do Pinhal (SP), a linda "terra do café e do vinho". Foi selecionada para a coletânea Gente é pra Brilhar (Editora Articule), com lançamento previsto para 2027; integrou a antologia Bestiário Popular Brasileiro – Volume 2 (Coletivo Aspas Duplas) com o conto "O Encontro Secreto"; e recentemente foi selecionada no I Prêmio Guardiões da Infância Literária – Brasil (Editora Holandas Kids) para integrar a Antologia Guardiões da Infância Literária 2026.

O CICLO DA HONESTIDADE: O QUE VAI, VOLTA

Certa vez, saí com minha família para tomar um sorvete e, próximo ao coreto central, avistei uma bolsa esquecida em um banco da praça central da cidade.

Como havia alguns andarilhos por perto, preocupei-me com o destino daquele objeto. Pedi ao meu marido que a pegasse para tentarmos descobrir quem era o dono; confesso que, na hora, tive receio de que me vissem pegando a bolsa e pensassem que eu estava roubando.

Ao abrir a bolsa, ele encontrou documentos e uma quantia considerável em dinheiro. Por sorte, havia um papel com o nome e o telefone. Sem hesitar, meu marido ligou para o número. Quando a pessoa atendeu, ele perguntou se ela havia perdido algo. "Minha bolsa!", respondeu ela, aliviada. Combinamos, então, que ela nos encontrasse ali mesmo na praça.

Em pouco tempo, uma senhora chegou, transbordando gratidão. Ela nos contou que estava de passagem pela cidade e, ao parar na fonte para tirar fotos, acabou esquecendo a bolsa no banco.

Garantimos que tudo estava intacto e comentamos que ela teve sorte, pois algum transeunte poderia ter passado antes de nós. Ela tentou nos oferecer uma recompensa em dinheiro, mas eu recusei. Disse apenas que estávamos felizes em ajudar e que, se um dia acontecesse comigo, esperava que alguém de bem fizesse o mesmo.

E quem diria que, anos depois, o destino me retribuiria?

Há alguns dias, sob um céu chuvoso, eu voltava do mercado, de moto, quando perdi minha bolsa na rua.

Dentro dela estavam minha carteira, habilitação, celular, chaves de casa e o controle do portão. Ao chegar na porta de casa e perceber o que ocorrera, o desespero bateu.

Como a bolsa era leve e a chuva apertava, temi que a enxurrada a levasse para algum bueiro. Refiz o caminho três vezes, perguntei a pessoas na avenida, mas nada.

Sem poder entrar em casa, pedi à minha vizinha que avisasse ao meu marido. Deixei as compras no portão e fiz o percurso mais uma vez, já sem esperanças. Desisti.

Quando meu marido chegou e finalmente entramos, corri para o fogão para terminar o arroz que estava no fogo. Foi nesse instante que a campainha tocou.

Um rapaz estava à porta segurando minha bolsa: "Moça, está tudo aqui, pode ficar despreocupada!", disse ele.

Espantada, não acreditei que uma pessoa que nunca vi tivesse me achado.

Agradeci imensamente a Deus e a ele. O rapaz usou o horário de almoço para localizar minha casa e devolver meus pertences. Naquele momento, tive a

certeza de que o bem que fazemos ao próximo sempre retorna para nós. Como Deus é bom!



ELIANE CRISTINA

Em quantos gêneros pode viajar a escrita? Para Eliane Cristina, a resposta é simples: em muitos. Talvez por isso transite com naturalidade e delicadeza, da literatura infantil ao suspense psicológico, do terror aos romances, da ficção científica aos contos e à poesia, sempre com a capacidade de provocar emoções. Desde que decidiu abrir ao mundo a sua escrita, encontrou na literatura seu porto seguro: um espaço de liberdade criativa, onde cada nova obra representa uma viagem por diferentes paisagens humanas. Eliane Cristina tem a firme convicção de que mais importante do que o gênero é a história a ser contada e os ecos que ela deixa em seus leitores.

ENTRE A AREIA E O MAR

Quase sempre sua chegada é silenciosa e imperceptível até certo momento.

Os fatos acontecem, gargalhadas e lágrimas se misturam nos dias que se sucedem. Sem maiores alardes tudo segue. Não se questiona, não se sugere ou tampouco opina, apenas continua.

Mas, um dia, você percebe que seus pais se foram assim como alguns amigos, os vizinhos se mudaram, os filhos viajaram para outras moradas, a casa precisa de pintura, reparos e sofás novos.

O velho espelho do corredor te convida ao olhar mais apurado. Lá está seu rosto tão mudado.

Ali, em frente ao espelho, marcas mais ou menos visíveis, cabelos totalmente brancos como as sobrancelhas, pele sem o tônus liso que a fazia brilhar.

Mas é você.

O cachorro, como você anda mais devagar e

seu fuço exibe os pelos brancos.

Vou à janela e vejo o mar. Ainda é o mesmo. Mas a sensação é que ficou mais distante chegar até ele. Como se a faixa de areia fosse maior para encontrar as primeiras espumas das ondas. Grande bobagem! O mar continua onde sempre esteve. O que mudou foi a percepção dessa distância porque a marcha é mais vagarosa.

Muita coisa está diferente, inclusive eu, meus desejos, meus planejamentos. O queixo, o nariz, a testa, as orelhas que cresceram, os cabelos que encolheram, os olhos que precisa dos óculos para o esporte predileto: ler e escrever.

Mas, será que mudamos mesmo ou é apenas o nosso invólucro que se apresenta com outra imagem?

Porque as crianças cresceram, os amores, alguns voaram para longe, outros continuam próximos. Então como eu poderia continuar do mesmo jeito? Eu passei como todos foram passando... É da vida.

Mas o mar, ah... o mar, jovem e belo sempre.

Consigo andar até a água, molho meus pés descalços e me sento em uma cadeira para apreciar o enrolar e desenrolar de cada onda, o mergulho da gaivota em busca do peixe, o barulho suave das ondas.

Sinto-me pronta para transpor a porta que se abre quando fecho meus olhos e encontro minha memória.

Entro, me sinto em casa.

Acesso meu mundo escondido, as minhas memórias.

É um espaço tão conhecido e ao mesmo tempo renovador.

Ninguém é só quando sabe o caminho de volta para casa, um caderno e uma caneta bastam para pintar com novas cores as lembranças.



ELIZ VIEIRA FERREIRA

Sou Eliz Vieira Ferreira. Nasci em Jacarepaguá/RJ, 29 de setembro em 1972, e meus pais se chamam Mario Alves Vieira e Acácia Dutra Vieira. Sou casada com Sergio Paulo Ferreira e tenho três filhos lindos que amo: Carolyn, Natã Paulo e Paulo Felipe. Sou avó da Eloah. Idealizadora do Projeto FLORESCER , secretária do Projeto Missionário Reaja, vocalista do Coral Canta Minh`alma. Professora, Compositora, empreendedora, mentora de mulheres, cantora, artesã, empresária e escritora. Participação em 5 Antologia na Editora Panóplia. Atuo como Diretora dos Projetos Sociais: "Conquistando o Impossível", "Biblioteca Comunitária Fonte do Saber" e "Jameleira Literária", em Duque de Caxias/RJ. Autora do LIVRO INFANTIL - "A JAMELEIRA LITERÁRIA E A VOVÓ ELIZ VIEIRA" e o Livro "ACÁCIA - Raízes do Amor que Florescem", que é um livro dedicado a minha mãe Acácia e a todas as mamães biológicas e mães do coração.

O FILHO

Quando sozinha na casa,
o filho chega com sorrisos,
alegrando os corações.
Filho é uma dádiva de Deus,
filhos são herança do Senhor.
Existem filhos de todo tipo:
Filhos que obedecem,
Filhos que ficam,
Filhos que se vão,
Filhos que choram,
Filhos que sorriem.
Não sei o tipo de filho que você é,
o que importa é que você nunca deixe de amar,
respeitar e honrar a sua mãe.

AMO A FAMÍLIA!

Família que alegra o coração.
Família que choramos juntos.

Família que sorrimos juntos
Família que anda de mãos dadas e na hora da dor , do desespero, passa o remédio que se chama amor ,aliviando toda dor .

Que nunca falte
o amor , comunhão
Perdão e verdade no meio da família.



ELIZABETE COURA DE ARAÚJO LIMA

Elizabete Coura de Araújo Lima é escritora e formada em Administração de Empresas pela Universidade Gama Filho. Cursou Psicologia até a etapa final da graduação, interrompida quando restavam apenas três disciplinas, e pretende futuramente concluir sua formação. Durante o curso, realizou estágios em Psicologia Jurídica e Psicopedagogia, desenvolvendo especial interesse pela Psicanálise, pela saúde mental e pelas questões relacionadas à infância, ao acolhimento e à adoção. A literatura a acompanha desde a juventude, quando começou a escrever poemas, histórias e outros textos que, por muitos anos, manteve reservados. Chegou também a cursar Letras e é autora de narrativas de inspiração autobiográfica, contos, poesias e literatura infantil. Participou de antologias e projetos literários organizados por Gilson Salomão Pessoa e Andreia Marques, nos quais publicou parte de sua produção. Atualmente, dedica-se à finalização de seu livro Memórias do Meu Inconsciente, obra que reúne poesia, prosa poética, memória e imagens simbólicas, transformando experiências, afetos e conteúdos do mundo interior em literatura.

A CASA QUE MORA EM MIM

As portas da minha infância eram brancas.

E talvez continuassem brancas, não fosse a nossa descoberta das palavras.

Quando começamos a aprender a escrever, qualquer pedaço de casa podia virar caderno. As portas dos quartos recebiam nossas letras ainda inseguras, nomes, riscos, tentativas de palavras. Às vezes, as paredes também.

Meu pai pensava em pintar.

Minha mãe não deixava.

Ela olhava para aqueles rabiscos com um encantamento que só hoje consigo compreender. Para nós, eram apenas marcas de lápis. Para ela, já eram memória.

Nas paredes havia ainda pequenos riscos acompanhados de um nome e uma data.

Era minha mãe medindo nossa altura.

Mais um pouquinho.

Mais um ano.

Mais alguns centímetros de infância desaparecendo sem que ninguém percebesse.

Enquanto nós crescíamos, minha mãe tentava guardar nosso tamanho nas paredes.

Éramos quatro filhos.

Por isso, quando fecho os olhos e volto àquela casa, não encontro silêncio.

Encontro vozes.

Muitas vozes.

Gente falando ao mesmo tempo, criança correndo, risadas, pequenas brigas que pareciam enormes e, minutos depois, já tinham sido esquecidas. Um irmão puxava cabelo, outro reclamava, alguém acendia a luz quando todos queriam dormir.

Era uma confusão.

Uma maravilhosa confusão.

E, no meio dela, estavam meus pais.

Meu pai chegando da feira com sacolas cheias de frutas e coisas gostosas para os filhos.

Minha mãe na cozinha.

Nós brincando do lado de fora, muitas vezes descalços, sujos daquela sujeira boa de criança que passou o dia vivendo.

Então o cheiro chegava antes da voz dela.

Cheiro de bolo.

E logo vinha o chamado:

— Vai lavar a mão todo mundo, pra lanchar!

Lá íamos nós.

E a mesa se enchia.

Pão fresquinho, queijo, manteiga, frutas, às vezes um ovo mexido, o bolo ainda perfumando a casa e aquele café com leite que nunca mais encontrei igual.

Talvez porque não fosse apenas café com leite.

Tinha gosto de mãe.

Tinha gosto de pai.

Tinha gosto de infância.

O tempo passou e os pés descalços cresceram.

Vieram a adolescência, os amigos, os primeiros amores, as conversas intermináveis, os jogos, as

gargalhadas. A casa continuava cheia.

Meus pais gostavam assim.

Gostavam dos filhos por perto, dos amigos chegando, da mesa ocupada, dos quartos cheios, da vida fazendo barulho.

E nós não sabíamos que aquilo era felicidade.

Estávamos ocupados demais sendo felizes para perceber.

Depois, um a um, fomos crescendo.

Um a um, fomos saindo.

E a casa que durante tantos anos quase não conheceu silêncio começou a escutá-lo.

Hoje, quando volto lá, acontece uma coisa difícil de explicar.

Tenho ciúme das paredes.

Sim, das paredes.

Tenho vontade de abraçá-las.

De encostar o rosto nelas e perguntar baixinho:

Vocês se lembram?

Lembram das nossas vozes?

Lembram da minha mãe?

Lembram dos passos do meu pai?

Lembram de nós?

Entro no quarto dos meus pais e ainda consigo enxergar a cama com colchão de molas onde eu pulava sem parar.

Mas aquele quarto também foi meu primeiro palco.

Ali fui bailarina.

Fiz daquele espaço meu camarim, coloquei música clássica, inventei coreografias, experimentei maquiagens, criei personagens.

Diante do espelho, decorei poesias e as declamei como se houvesse uma plateia inteira me esperando.

Talvez eu não soubesse, mas alguma coisa da mulher que um dia escreveria já estava nascendo ali.

Entre um salto no colchão e uma poesia diante do espelho.

Entre uma brincadeira e outra.

Entre as paredes daquela casa.

Às vezes penso que gostaria que ela nunca fosse

vendida.

Porque existem casas que não são imóveis.

São testemunhas.

Guardam vozes que já não podemos ouvir, passos que já não atravessam os corredores, mãos que já não preparam o café.

Talvez por isso eu queira beijar aquele chão.

Meus pais caminharam sobre ele.

Talvez por isso eu queira abraçar aquelas paredes.

Elas viram nossa infância passar.

As portas brancas receberam nossas primeiras palavras.

As paredes registraram nossa altura.

E a casa inteira assistiu à nossa vida.

Hoje compreendo minha mãe.

Ela não queria apenas impedir que meu pai pintasse uma porta.

Ela queria impedir que o tempo apagasse seus filhos pequenos.

Não conseguiu.

Ninguém consegue.

Crescemos.

O lápis desapareceu de algumas portas.

As medidas ficaram para trás.

As vozes mudaram.

A mesa se esvaziou.

Meus pais partiram.

Mas há uma coisa que o tempo não conseguiu apagar.

Quando fecho os olhos, aquela casa se acende novamente.

Minha mãe está na cozinha.

Meu pai está chegando da feira.

Há crianças correndo descalças.

Alguém reclama.

Alguém ri.

Todo mundo fala ao mesmo tempo.

O bolo está pronto.

E de algum lugar da casa escuto outra vez:

— Vai lavar a mão todo mundo, pra lanchar!

Então compreendo que nunca saí completamente dali.

Porque aquela casa ainda existe em algum lugar que ninguém pode vender, pintar ou alugar.

A casa da minha infância, agora, mora em mim.



GABRIELA SANTOS

Gabriela Souza Santos, poetisa, escritora, contista e microcontista, prefaciadora, posfaciadora, antologista; Acadêmica e Fundadora da ACLA-MG; Acadêmica e Fundadora da ABL/MG; Bacharel em Fisioterapia, Osteopata, Naturopata, e Homeopata; Terapeuta e Prescritora Ortomolecular, Terapeuta Ayurvédica; Professora de Yoga; Bailarina.

MARTINA

Foi numa sexta-feira, no dia da Feira de Abril, não poderia ter sido em outro dia. Na cidade de Sevilha, capital da região de Andaluzia, no Sul da Espanha, estava a receber o Festival da Dança Flamenca.

A população encontrava-se em estado de graça, com tantos imigrantes chegando para contemplar tão notório evento. Uma cidade vibrante, de população festiva, personalidades fortes e impactantes. E, crianças correndo por toda parte, adornadas com suas pulseiras ciganas e tilintadoras em seus punhos.

A cada tilintar, era uma gargalhada, dançavam e rodopiavam com seus vestidos rodados, ao som do cajón e palmas para marcarem o ritmo da dança.

Bem distante desse alvoroço comemorativo, uma bela dama seguia à passos largos em direção à catedral gótica, a Catedral de Santa Maria da Sé. Chegando lá, com o coração apreensivo, e, abafado por sentimentos intrusivos de desilusão, Martina,

uma mulher espanhola, de traços delicados e marcantes, olhar penetrante como um buraco negro, e ao mesmo tempo, desolado numa energia condensada de inigualável torpor.

Da entrada da Catedral, avistara uma freira cuidando do altar. Caminhou devagar. Dava-se para ouvir o som do tecido do seu vestido vermelho de cetim e, o batucar dos seus sapatos no assoalho do local. Discretamente, sentou-se no banco da frente, fechou os seus olhos e uma lágrima descera da sua face, tal qual uma rosa despetalando do coração. Uma lembrança ardorosa veio à sua mente, quebrantando suas memórias do amor que a iludiu e atacou-a à solidão.

Martina, fitando a torre la Giralda da Catedral, com sua voz rouca e ao mesmo tempo, harmoniosa e forte, dispôs-se a clamar a bela dona da sua alma. No intuito de elevar a sua mente ao sutil, para abraçar a sua última dança. Que a faria despontar aos padrões da dança da sociedade.

Clamou por força! Clamou pela luz! Clamou por justiça ao seu coração! E, com porte de magnânima altivez, levantou-se do banco, e seguiu para o Teatro Flamenco Triana, o berço do puro flamenco, para expressar e, interpretar a pulsação do seu coração, e, a vibração e frequência da sua alma.

Chegando ao seu destino, notou-se a presença de um público requintado, com trajes de gala. Homens com cartolas e barbas à Van Dyke, e, mulheres belamente trajadas com vestidos extravagantes e, ao mesmo tempo elegantes, com suas berloques, colares ostensivos e cabeleiras à "Pompadour".

Ninguém a notara, pois passou de cabeça baixa com seu capuz preto. Seguiu até o palco, e fora da visão do público, foi até a coxia. Com o intuito de preparar-se para a sua apresentação. Emotiva, Martina começou o ritual de encaixe à personagem do flamenco, da mulher forte, empoderada e destemida andaluza. Mergulhou-se na caracterização da sua maquiagem, cabelo modelado com arranjo de

uma rosa vermelha, preparação dos seus acessórios, brincos e trajou um vestido vermelho estonteante próprio para a dança flamenca. Com renda assimétrica e babados de um lado, e manga longa de renda do outro. Na parte inferior, apresentava um babado com elevação central e volumoso babado em formato de cesta. Possuía também, uma anágua grande de tecido atoalhado para dar volume. E, em seus pés, sapatos tacheados. Para fechar, jogou um xale voluptuoso em seus ombros.

Pronto! Martina estava pronta! Anunciaram pelo seu nome no palco. Os instrumentalistas já estavam à postos. Ao toque do cajón e palmas assertivas e ritmadas, abriram as cortinas, e Martina deparou-se com o homem que quebrara o seu coração na primeira fila de assentos. Respirou fundo, e dançou sua mais bela dança com impacto ardente de força telúrica. A medida que seus sapatos tacheados sapateavam no assoalho, ressoavam fortemente nos corações do público presente. Havia tanto fogo em

seus olhos, que teve a capacidade de prender a atenção de todos os presentes, fomentando o gosto e o fascínio pela sua dança.

Martina fez história! Martina brilhou muito! Martina apaixonou muitos corações, e o seu destino abriu-se pleno e, magnífico a sua frente! Ela se escolheu! E renasceu como uma fênix para o estrelato.



GILSON SALOMÃO PESSÔA

Gilson Salomão Pessôa é Funcionário Público formado em Jornalismo pela UFJF. Colunista com vários livros publicados, participou de antologias lançadas pela Revista Conexão Literatura e pela editora Panóplia. Dentre os seus livros publicados estão "Terror Não Tem Tamanho", "Terras e Tramas Sertanejas", "O Sapo Tobias (bilíngue)" e "Histórias de Titãs Quebradiços", todos pela editora Panóplia, e "Um Suspiro Resgatado", pela editora Autografia. Ganhou por três vezes o prêmio literário de melhor conto em Matias Barbosa

O AMOR EM PARCELAS SEM JUROS

Rogério nunca soube exatamente em que momento da vida passou a confundir tranquilidade com felicidade, mas suspeitava que isso tivesse acontecido de forma tão gradual que qualquer tentativa de identificar um ponto específico seria, no mínimo, artificial. Havia, na maneira como ele conduzia a própria existência, uma espécie de compromisso silencioso com a previsibilidade, como se evitar grandes erros fosse mais importante do que buscar acertos significativos, e essa lógica, que funcionava perfeitamente no ambiente controlado da empresa de seguros onde trabalhava, acabou se infiltrando também em suas relações afetivas, moldando uma forma de amar que não exigia risco, mas que, em contrapartida, também não oferecia grandes recompensas emocionais.

Cláudia entrou nesse sistema quase sem perceber, como alguém que aceita um emprego

temporário e, quando se dá conta, já está há anos na mesma função, acumulando pequenas responsabilidades que, somadas, criam a ilusão de um vínculo mais profundo do que realmente existe. Antes de conhecer Rogério, ela havia vivido uma relação que, ao contrário daquela, era intensa demais, marcada por discussões intermináveis, reconciliações apaixonadas e uma constante sensação de instabilidade que, embora desgastante, lhe dava a impressão de estar vivendo algo importante. Quando aquilo terminou, deixou nela não apenas um cansaço emocional significativo, mas também uma desconfiança crescente em relação a qualquer forma de amor que exigisse dela mais do que uma participação moderada.

Foi nesse estado — ele buscando estabilidade, ela evitando intensidade — que os dois se encontraram, e talvez por isso tenha funcionado por tanto tempo. O relacionamento deles não começou com promessas grandiosas, mas com pequenos

acordos implícitos, como a decisão de não complicar o que estava funcionando, de não exigir definições prematuras, de não transformar cada dúvida em um problema a ser resolvido imediatamente. Havia, nisso, uma maturidade aparente que ambos valorizavam, sem perceber que essa mesma postura também impedia que o vínculo evoluísse para algo mais profundo.

Com o passar dos meses, o que era escolha passou a ser hábito, e o hábito, como sempre, se instalou com uma eficiência quase invisível. Eles passaram a dividir não apenas o tempo, mas também uma rotina cuidadosamente ajustada, na qual cada um sabia exatamente o que esperar do outro, reduzindo ao mínimo qualquer possibilidade de surpresa. Rogério gostava disso mais do que admitia, porque a previsibilidade lhe dava uma sensação de controle que ele raramente encontrava em outras áreas da vida. Cláudia, por sua vez, começou a perceber que aquela ausência de conflito também

significava ausência de descoberta, mas, ao invés de confrontar essa percepção, preferiu interpretá-la como sinal de que finalmente havia aprendido a se relacionar de forma saudável.

O primeiro sinal de desgaste não veio em forma de briga, mas de distração. Rogério começou a se pegar menos interessado nas histórias de Cláudia, não por falta de carinho, mas porque já antecipava, com precisão incômoda, o desenrolar de cada narrativa. Cláudia, por outro lado, passou a notar que suas próprias reações estavam se tornando automáticas, como se estivesse desempenhando o papel de si mesma dentro de uma relação que já não exigia presença real.

Foi num jantar aparentemente banal, na casa de Helena — amiga de Cláudia desde a faculdade — que algo se deslocou de forma mais concreta. Helena, que havia acabado de sair de um relacionamento que descreveu, com ironia cansada, como "emocionalmente auditado", observava os dois com

uma atenção que misturava curiosidade e um leve ceticismo. Em determinado momento, depois de ouvir Rogério explicar com orgulho moderado como ele e Cláudia "nunca brigavam", Helena soltou, com a naturalidade de quem comenta o clima:

— Vocês não brigam ou vocês não conversam de verdade?

A pergunta ficou no ar com um peso desproporcional à sua simplicidade, e embora ninguém tenha respondido diretamente, ela se instalou em algum lugar da relação dos dois, funcionando como uma espécie de ruído persistente que, uma vez percebido, já não podia ser ignorado.

Nos dias que se seguiram, tanto Rogério quanto Cláudia começaram a notar pequenas ausências que antes passavam despercebidas: a falta de curiosidade genuína, a repetição de diálogos, a sensação de que estavam, de alguma forma, administrando a relação em vez de vivê-la. Nenhum dos dois sabia exatamente o que fazer com essa

percepção, porque ela não apontava para um problema claro, mas para uma ausência difusa que não se prestava a soluções simples.

O fim, quando finalmente aconteceu, foi menos uma decisão e mais uma constatação. Não houve um momento exato, uma frase definitiva ou um gesto simbólico que marcasse a ruptura. Houve, em vez disso, uma sequência de dias em que ambos passaram a reconhecer, com uma honestidade desconfortável, que estavam ali mais por continuidade do que por escolha. E, quando finalmente conversaram sobre isso — numa conversa estranhamente calma, quase administrativa — perceberam que o amor que haviam construído juntos não havia acabado de forma dramática, mas simplesmente deixado de ser necessário.



GRAZIELLE SABINO

Grazielle S. Santos Sabino, escritora, cronista, poeta, contista, revisora, palestrante, empresária, artista plástica, artesã. Bacharel em Direitos Humanos com ênfase em Ciências Sociais; Drª. Honoris Causa em Comunicação Social; Acadêmica Fundadora e Presidente da ACLAMG; Acadêmica Fundadora da ALB-MG/ZMM; Sócia Correspondente da ALEPON; Embaixadora da Paz; dentre outras atribuições. Ganhadora de profusas premiações e titulações nas áreas acadêmica, literária, cultural e social.

NÃO VOLTARÁ

Por mais que eu tente
Não consigo deixar de pensar
Nos momentos compartilhados
Sua vida fez parte da minha
Ainda sou capaz de ouvir tua voz
Teus passos
Mesmo no silêncio...
É inevitável
A doçura de seus gestos
Contrastando com a firmeza de seus atos
Ficou gravado.
Ainda não encontrei uma explicação
Para o que os meus olhos viram nos seus
Uma leitura de almas
Mistura de sentimentos
Confusão, loucura
Nunca soube se realmente foi feliz
Agora é tarde

Restou-me o vazio de sua ausência

Olhos úmidos

Sou apenas metade

De um inteiro que não voltará...



GUTO CESAR

Guto Cesar, nascido na cidade do Rio de Janeiro, 26 anos, advogado e formado pela Universidade Iguaçu (UNIG). Desde cedo, sempre foi encantado por obras literárias e pela capacidade que frases e expressões têm de atingir o íntimo de cada indivíduo. Movido por esse fascínio, dedicou-se a condensar seus próprios sentimentos e pensamentos em palavras e versos, buscando, quem sabe, tocar o coração do próximo.

POST-IT

Eu me lembro,
Principalmente nos dias frios como o de hoje
...
Nós prometendo algo sobre a eternidade
vida, filhos, costumes e segredos
Discutindo e arquitetando sonhos
Estávamos vivendo
Sonhando
Acreditando

Eu fui um simples talvez para você
Talvez algo que até pudesse lembrar
Enquanto para mim você sempre será meu e'se
E se você fosse meu
E se nós fôssemos para vida toda
E se você fosse meu final de festa
E se eu não precisasse apenas, me lembrar (de você)

Eu estava vivendo um conto de fadas ao teu lado
Com tudo aquilo que juramos ser verdade
Entre tantas promessas e planos
Mas nada daquilo aconteceu de verdade, né?
Você estava me deixando viver a bela fantasia de mentira
Você nunca quis ser meu
nunca quis ser nós

E hoje,
Não tenho nada
Coisa que na verdade nunca tive
nem em vida tive
Muito menos na morte do amor, que eu jurei ter
Como na vida real
Você me fez ser adulto
Me ensinou na prática que a vida não é mágica
.
.
.

Beijo a lembrança de um amor morto
Um amor ressignificado
Um amor ultrapassado
Um amor verdadeiro que apenas aconteceu no passado (ou na minha cabeça)

e tudo bem!

Posso ter desaparecido do seu rol de seus cuidados
Sido esquecido nas noites quentes
Apagado da nossa formosa união

rs,
Você pode ter esquecido como ficou vermelho quando eu disse que o amava

Mas eu existi perante você
E ainda existo
Mesmo depois que nós deixamos de existir
Eu ainda lembro do rubor de suas bochechas

O jeito que os seus olhos vacilaram
Racionando que havia feito mais um a amá-lo

Eu só não sou o único, a saber, de nós
Pois ainda espalho a palavra dos nossos sentimentos
Materializo no mundo a fantasia do que poderíamos ter sido
(como na minha cabeça)
Testemunho o amor que tivemos
Que vivemos (na minha cabeça)

E por isso discuto mentalmente
Que droga! Eu adoro dizer que ainda o amo
Mesmo não podendo lhe amar no presente
Apenas astralmente

Mas eu também, só me lembro
Já não preciso que você lembre que eu existi,
sentado ou deitado no seu carro diante as estrelas dos postes de luz da cidade

E mesmo na infinidade de emoções fantasiosas
Só eu me lembro de você
No post-it que colei em meu coração
Um pequeno e solene lembrete, bem no cantinho

como nas solenes promessas de lembrar de você, para sempre.



HELOISA LUNA

Heloisa Maria Luna Santos é Doutora em Ciências da Educação, professora e diretora escolar, com mais de 23 anos de dedicação à educação em Jaboatão dos Guararapes e 16 anos em Ipojuca/PE. Apaixonada por ensinar, acredita na educação como caminho de transformação, esperança e construção de futuros. Sua prática é pautada no amor, diálogo, inclusão, respeito às diferenças e compromisso com uma escola mais humana e acolhedora.

Instagram: @heloisa.luna.161

INFÂNCIA QUE NÃO VOLTA MAIS

Havia um tempo tão bonito,
que o tempo não parecia passar,
sem celular, sem internet,
só vontade de brincar.

A rua era nosso mundo,
a calçada, nosso lugar,
corríamos feito passarinho,
sem ter hora pra voltar.

Bola de meia, pipa no céu,
esconde-esconde e pião girando no chão,
amarelinha e pega-pega,
faziam festa no coração.

Não havia tela ou mensagem,
nem pressa pra responder,
a gente chamava na porta:
"Vem cá fora! Vamos correr!"

Tinha conversa na calçada,
tinha história ao anoitecer,
e quando a mãe chamava alto,
era hora de recolher.

As fotografias eram poucas,
mas guardavam emoção;
hoje temos tantas imagens,
mas saudade não cabe na mão.

Era simples, era bonito,
era um tempo verdadeiro...
A infância passou ligeiro,
mas ficou dentro de nós.

E quando a saudade aperta
e o coração quer voltar,
fecho os olhos por um instante
e começo novamente a brincar.

Pois infância não volta mais,
mas há algo que ela deixou:
um pedacinho de felicidade
que o tempo nunca apagou.



ÍSIS ESTEVES

Ísis Esteves nasceu no município fluminense de Duque de Caxias, mas mora no Rio de Janeiro. Tem 18 anos e muitos diagnósticos, mas gosta de se definir apenas como uma jovem autista. Curiosa, interessa-se por muitos assuntos, seu passatempo preferido é aprender coisas novas: costurar, escrever, falar novos idiomas, experimentar diversas linguagens artísticas e adentrar nas artimanhas da História e das Ciências. Participou das antologias "Sentimentos Escritos" e "Entre Páginas & Versos", publicadas pela Editora Panóplia; "Mães Atípicas: E Depois do Diagnóstico?", publicada pela Editora Metanoia e da Antologia "Modos de Ser Criança e de Viver Infâncias" do COLEI/UERJ. Participou como poeta convidada nos eventos Flinfâncias (edições on-line e presencial), Samba Literário e Poexistência. Participou com sua mãe da live "Setembro amarelo e as potencialidades de uma vida atípica" com a psicóloga Rosa Dias. Na infância, comandou, junto com sua irmã gêmea, Laís, um canal literário no YouTube, o "Prosinhas Literárias com Laís e Ísis", onde compartilhavam suas leituras com o público infanto-juvenil.

ENTRO NUMA CASA

Entro numa casa em que todos podem entrar se tiverem a coragem de ver o que não estão prontos para acreditar. Abri a porta mais pesada do que parecia e pensei o que aquela casa não queria que eu visse. A porta ficou leve e caí no chão, me levantei como nunca antes, a tontura fez minha cabeça girar. A porta se fechou sozinha com uma batida tão forte que fez meu sangue gelar, fechei os olhos e senti uma mão em minha mão esquerda, a mão que escrevia desde que nasci. Quando abri os olhos estava numa cama de hospital e me lembrei: tinha acordado de um coma. A memória estava ali mas meu corpo não queria acreditar.

A história está pra começar, ela só não será mais contada.

O BALANÇO E A CADEIRA

Balanço para frente para trás
Balanço para a esquerda e direita
Estou pensando em nada
Em nada.
Estou olhando para o nada
para frente e para trás
para frente e para trás
repetidamente.
Estou bem.
Estou bem.
Só me deixe balançar
pois assim vou estar bem.
Me deixe em paz
me deixe em paz
me deixe em paz
me deixe em paz.
Estou pensando em nada.
Estou pensando em nada.

Me deixe em paz
me deixa em paz
me deixa em paz
me deixa em paz
me deixa em paz!
Por que não me deixa em paz?
Me deixa em paz…

Finalmente fico em paz.
Estou bem, estou bem.
Balanço para frente e para trás
para frente e para trás,
para frente e para trás.
É tão bom balançar…
no balanço…
Espera, não estou no balanço,
estou na cadeira.



JANICE DIAS DE OLIVEIRA

Natural de Congonhas, Minas Gerais

Pós graduada em Língua Portuguesa

Licenciatura plena em Letra Português/Inglês pela UFSJ

Licenciatura em Letras Espanhol pela UNIPAC

Trabalhou como Professora de Redação/Produção de Textos na Escola Municipal "Prof. Doriol Beato", em Conselheiro Lafaiete

Trabalhou como Professora de Espanhol na Escola Municipal "Fortunata de Freitas Junqueira", em Congonhas

ELA, A OLIVEIRA

Eu tinha nove anos quando a conheci. Creio que deve ter sido por volta de 1976 ou 1977. Não tenho certeza da data. Eu era criança e, Ela muito jovem ainda. A minha memória falha. Ah, e como falha!

Engana-se quem acha que esta história é sobre mim. Não, não é. A protagonista desta história é Ela e cada um de vocês irá, aos poucos, conhecer, reconhecer e vivenciar cada momento vivido com Ela ou, se preferirem, Nela.

Como uma garotinha, Ela inspirava cuidados e, claro, minha família e eu estávamos lá para protegê-la.

Se as tempestades noturnas chegassem sem aviso prévio, munido de pregos e martelo, meu irmão Carlinhos pregava-lhe, cuidadosamente, plásticos para que a água não a encharcasse por completo. Por um bom tempo, apesar da

precariedade, isso era o bastante para mantê-la seca e segura.

Ela foi crescendo e ganhando formas mais definidas: portas, janelas e um piso rústico foram lhe envolvendo. Acredito que começou a se sentir mais forte, mais segura, mais protegida e viva... Viva!

Ela tinha dedos frágeis que sentiam as marteladas que tentavam fixar os pregos nos tacos para dar-lhe uma beleza mais fina. É, acho que é essa a palavra: fina. Poderia ser também bela e delicada.

Os dedos frágeis, rápidos e delicados também eram os da Jane pintando toalhas, colchas ou os famosos jogos de cozinha que muitos, daquela época, compravam quando as pernas apressadas dela e da Lia, freneticamente, num vai e vem, percorriam os bairros de Congonhas a fim de vendê-los. Nenhum dos belos trabalhos permaneceram conosco. Eles estão guardados apenas em nossas lembranças. Mas o fato é que eles lhe renderam mais e mais coisas para seu crescimento: foram transformados em tinta,

cortinas, tapetes, e, até mesmo, material para aumentar os espaços a serem explorados por nós.

Ela tinha braços. Alguns fracos; outros, fortes. Braços que peneiravam areia, preparavam a massa de cimento, assentavam tijolos, carregavam lenha e iam, pouco a pouco, dando-lhe mais forma, mais vida. Braços que rachavam lenha para alimentar o fogão e, assim, aquecer a água do chuveiro de serpentina para o banho das crianças e adultos a fim de economizar energia elétrica ou ainda usar as brasas para colocar no ferro para passar a roupa da família e dos clientes da Lia.

Ela mal enxergava, pois, à noite, não havia luz e isso nos obrigava a iluminar-lhe o corpo com as trêmulas luzes das lamparinas a querosene e nos "divertir", porque o nariz de cada um de nós ficava preto devido à fumaça que elas exalavam.

Se Ela ouvia? Sim, ouvia. Ouvia muito e ouvia de tudo. Ouvia as histórias contadas na rádio, os conselhos da Dona Lia, os xingos do Tião a chamar a

atenção dos filhos. Ouvia as risadas do Carlinhos rindo das aventuras do Professor Pardal e seu fiel amigo Lampadinha. Ouvia as risadas de todos os irmãos que chegavam sujos, porque ficavam brincando de escorrega na fofa terra branca do loteamento que nascia ao redor dela ou molhados depois de "nadarem" na lagoinha que a mãe, inutilmente, insistia em proibi-los de ir.

Ela ouviu, repetidas vezes, o choro dos filhos depois de serem advertidos pelo Tião, dos netos mais velhos, Richardson, Chiquinho e Karine que vez ou outra brigavam por um brinquedo qualquer. O choro da neta Kaká (Karine) que a estranhava e que, por isso, não conseguia dormir e precisava ser acalentada nos braços até pegar no sono.

Ela ouviu tantas e tantas vezes o som das músicas que tocavam na vitrola durante as festas de Natal ou de Fim de Ano, dos risos do "Seu Zé Marques" convidando a Jane para dançar, do Vicente sempre repetindo que passaria a noite acordado ou

que seria o primeiro a se levantar e acender a churrasqueira para dar continuidade às comemorações natalinas ou do primeiro dia do novo ano. Da campainha sendo tocada pelo Mauro que se escondia ou do som do fusível sendo desligado pela Cláudia deixando-a na mais completa escuridão.

Ouvia, também, não sei quantas inúmeras vezes mais, Carlinhos dançar ao som de "We will rock you" ou cantar ao som dos "Bandolins". Ouvia ele chegar de Juiz de Fora com a alegria costumeira de acordar a todos ou de ligar para os irmãos, pois queria que estivéssemos presentes ali, nela, com Ela.

Ouviu também as marchinhas de carnaval que a criançada e os adultos cantavam durante o "CarnaLia". Ouviu o rock que o "Véio" cantava enquanto dançava e chamava a si próprio de "pa-lha-ço."

Ela ouviu os pedidos de socorro de um ou outro neto que ficara preso no banheiro e precisava de alguém para tirá-los de lá. Ouviu o Pedro

Henrique pedindo para que o tirassem do quartinho, pois já havia acordado. Escutou Ana Carolina bater a porta, pois acordara de mau humor e alguém a cumprimentou chamando-a de "tererê".

Ouviu também os gritos de gol da Lia ou Tião enquanto jogavam futebol com João Vítor.

Ouvia as mais belas cantigas que ninaram os filhos, netos e bisnetos do casal Lia e Tião. Ah, foram muitas e muitas noites ou dias ouvindo esses embalos.

Ela sentia o aroma que saía das panelas sobre o fogão à lenha cujas brasas crepitavam e ardiam fortemente. Eram tachos de doces, de feijoada, de tropeiro, formadas de pães, bolos e biscoitos que todas as mulheres e, claro, o Carlinhos, cozinheiro de "mão cheia" faziam. Aroma de canjica, de biscoito de polvilho frito ou assado, dos bolinhos enrolados e fritos na "gordura", dos bolinhos de chuva que nos aguçavam a imaginação tentando decifrar que tipo de "bichinho, animalzinho" tinha formado.

Ela tinha paladar e, por isso, podia sentir o gostinho do bolo "maliloso" (maravilhoso) que a tia Zezé fazia, saborear o pão com a margarina "Claybom" com seis vitaminas e bebericar o chá mate que o neto Thiago tanto gostava e deliciar se com as comidinhas que Aline, Ana e Pedro preparavam no fogãozinho à lenha feito pelo avô muito querido. Degustar o chá de Congonha ou o café com rapadura, das broas de fubá e dos cubus que saiam quentinhos e cujas fornadas alimentam não somente o estômago, mas a alma e o coração.

O cheiro do manjericão e ramo bento que eram recolhidos nas procissões da Semana Santa e queimados, em dias de tempestade, com pedidos à Santa Bárbara que rogasse por todos nós e não deixasse que mal algum nos atingisse.

Ela tinha voz. A voz do Zé Capeta que pedia: "abra a porta lá para mim", de todas as mães, filhos, filhas, sobrinhos e sobrinhas da Tia Lia, das tias e primos de São Paulo que foram e são amados por Ela

e por todos nós até hoje. Dos filhos do "Tio Amiro" que estiveram conosco por algum tempo e, quando voltaram para o norte, encheram-nos de saudade. A voz das crianças brincando. A voz da Maria Luiza pedindo por mais caldinho de feijão da bisa Lia. A voz do Henrique dizendo que cuidaria do "biso" Tião. O choro do Bento e Cacau que não queriam tirar fotos ou dos risos deles brincando com o irmão João Francisco, primos Eike, Eduardo, Peterson, João Vítor e Mateus. Ouviu poucas vezes os belos momentos que tivemos as conversas entre Luiza e Maria e Luiza e, numa triste manhã de 10 de fevereiro, após a partida de Jane, as primeiras palavras da netinha Júlia que encantaram a todos.

Escutou muitas vezes o "Gui", Guilherme sendo chamado de bebê, a Ana Beatriz e Nicole sendo chamadas de oncinhas e de "criança-princesa". Ouviu repetidas vezes a Bruna sendo chamada de "Buninha" e Isabela, de "Bebela".

Ela era rica, riquíssima, pois netos e bisnetos

tiveram fazendinhas com muitas e muitas cabeças de boizinhos de chuchu, quiabo e jiló.

Ela, mais uma vez Ela. Ela tinha braços e palavras de aconchego. Confortava a todos com palavras de amor e carinho quer seja no sorriso da Lia, na comidinha que sempre tinha à espera de alguém "faminto" de atenção, cuidados e amor ou no porto seguro que foi para as filhas que precisaram voltar para que os filhos pudessem ter um lugar onde se abrigar, crescer e alguém para admirar e se inspirar. Ela foi e é o colo dos pais que permitiram que fosse, novamente, "ninho para o filho ou filha machucados pelos espinhos da vida.

Ela foi abrigo e carinho para os "Oliveira", os Oliveira Mendes, os Bittencourt Oliveira, os Oliveira Barbosa e os Oliveira Silva. Ela não é e nunca será apenas corpo, físico. Ela é alma, é amor, é força, é coragem. É a nossa coragem. Não é e jamais será apenas o número 33 da Rua Djalma Fernandes, Zé Arigó.

Ela é a ternura, o encantamento e a doçura da Lia. É a força, coragem e determinação do Tiãozinho que criou seis filhos, ajudou a criar os irmãos, os sobrinhos, brincou com os netos e bisnetos e enfrentou os desafios que a vida lhe impôs. Ela é o Carlinhos, o primogênito. O filho inteligente que se construiu e reconstruiu tantas e todas as vezes que conseguiu. Ela é a Jane em toda sua força, beleza e esplendor.

Ela é, realmente, uma Oliveira, melhor dizendo, a Oliveira e que assim como a árvore que lhe deu nome possui uma riqueza simbólica muito grande: paz, fecundidade, purificação, força, vitória e recompensa.

Ela é todos nós e nós somos Ela.

Hoje "metade" dela se foi. Essa metade continua em nossas lembranças. Lembranças que doem, que, às vezes, chega a sufocar, que grita e insiste em dizer: "estarei sempre com você, com todos vocês!"

Eu não sabia que Ela era tão viva e tão parte de mim. Tão minha que fica difícil terminar de escrever sobre Ela. Acho que termino a história dela... Dela? Não. História da Zezé, história da Janete, história do Marcinho, história minha... mágica e lindamente minha. Parafraseando Drummond: "e eu não sabia, que a minha história (a nossa história) era mais bonita que a de Robinson Crusoé."



JONATHAN FRANCIEVERTON DA SILVA

Graduado em Letras – Português pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Campus IV. É professor da Rede Municipal de Ensino de Campo Alegre (AL), atuando nas áreas de Língua Portuguesa, Redação, Arte e Filosofia. Especialista em Literatura, Cultura e Ensino da Arte; Coordenação Pedagógica e Supervisão Escolar e Psicopedagogia com Ênfase em Gestão Escolar, pelo Instituto FACUMINAS. Atualmente, também está em formação técnica nas áreas de Bombeiro Civil e Segurança do Trabalho. Participa de diversas antologias literárias publicadas por diferentes editoras. Natural de Campo Alegre (AL), dedica-se à educação, à literatura e à valorização da cultura.

A COLHEITA DO QUE NUNCA SE PLANTOU

Minha avó dizia que a mandioca nunca crescia sozinha. Naquele tempo, eu não entendia. Achava que ela falava da terra, da chuva ou da força dos braços. Só muitos anos depois descobri que ela estava falando das pessoas.

Sentada na cadeira de balanço, enquanto o café passava no coador de pano, ela voltava para um tempo em que a roça acordava antes do sol. Contava que, quando chegava a época da colheita, ninguém precisava de convite. Bastava alguém anunciar que era dia de arrancar a mandioca, e os vizinhos iam chegando, um a um, com enxadas nos ombros, chapéus de palha na cabeça e um sorriso que parecia maior que o cansaço.

Uns arrancavam as raízes da terra, outros limpavam, carregavam os feixes e enchiam as carroças. O trabalho era pesado, mas nunca parecia castigo. Entre um pé de mandioca e outro, havia histórias, risadas, causos e até cantorias. As crianças

corriam pelo terreiro, brincando de esconder entre as ramas, enquanto as panelas já fumegavam no fogão a lenha para matar a fome de quem ajudava.

Depois vinha a casa de farinha. Era ali que a magia acontecia. As mãos calejadas transformavam a mandioca em farinha, beiju e goma, enquanto o forno aquecia o ambiente e as conversas aqueciam ainda mais os corações. Minha avó sempre dizia que a farinha alimentava a barriga, mas era a companhia que alimentava a vida.

Quando eu perguntava por que tanta gente deixava sua própria roça para ajudar a do outro, ela sorria daquele jeito que só as avós sabem sorrir e respondia:

— Porque um dia a colheita é minha, no outro é sua. Mas a amizade... essa é de todo mundo.

Hoje percebo que eles colhiam muito mais do que mandioca. Colhiam confiança, respeito e pertencimento. A farinha era apenas o motivo que colocava o povo ao redor do mesmo forno; o verdadeiro alimento era saber que ninguém

precisava enfrentar a vida sozinho.

Minha avó ainda conta essas histórias com os olhos brilhando, como se cada lembrança continuasse acontecendo diante dela. Enquanto fala, parece que o cheiro da terra molhada volta, o calor do forno aquece a casa e o barulho das enxadas ecoa outra vez no terreiro. Eu escuto em silêncio, porque sei que ela não está apenas falando da roça. Ela está me ensinando um tempo em que as pessoas plantavam mandioca, mas cultivavam umas às outras. E toda vez que volto a ouvir suas histórias, descubro que a maior colheita nunca saiu da terra; ela continua florescendo na memória de quem aprendeu a escutá-las.

O SABOR DAS LEMBRANÇAS

Quando fecho os olhos, ainda consigo voltar à casa onde minha infância morava. Ela não era feita apenas de paredes, mas de risadas espalhadas pelos corredores, das brincadeiras intermináveis com meus

irmãos e da voz dos meus pais chamando a gente para dentro antes que a noite chegasse.

Naquele tempo, o mundo parecia pequeno o suficiente para caber no quintal. Bastava uma bola, uma imaginação sem limites e a companhia dos meus irmãos para transformar qualquer tarde em uma aventura inesquecível. Meus pais observavam tudo com aquele cuidado silencioso que só o amor verdadeiro conhece, ensinando sem perceber que felicidade mora nas coisas simples.

Mas, entre todas as lembranças, existe uma que sempre vence o tempo: o bolo de vovó. O cheiro saía da cozinha e invadia a casa inteira, anunciando que o café estava pronto. Nunca foi apenas um bolo. Era abraço, era carinho, era o jeito que ela encontrava de dizer que nos amava sem precisar de palavras. Hoje percebo que o sabor que mais faz falta não era o da receita, mas o da presença.

A infância passou, os dias mudaram e a vida nos levou por caminhos diferentes. Ainda assim,

dentro de mim, continua existindo aquela criança que corre ao lado dos irmãos, encontra o olhar acolhedor dos pais e acredita que a felicidade tem cheiro de bolo saindo do forno.

Talvez seja isso a saudade: um lugar onde o coração volta sempre que precisa lembrar de quem é.



JORGETE RAMOS MASSA DA COSTA

Jorgete Ramos Massa da Costa é filha, mãe, esposa, escritora e educadora, com atuação nas áreas da educação, cultura e literatura. Mestre em Humanidades, Culturas e Artes pela UNIGRANRIO, é graduada em Pedagogia e pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior pela UERJ/FEBF. Orientadora Educacional e Supervisora Pedagógica da rede municipal de Duque de Caxias. Dedica-se à formação de leitores e à valorização da cultura por meio de sua produção literária e acadêmica.

ONDE O CORAÇÃO ENCONTRA MORADA

Lar, família, casa, morada, residência, abrigo, ninho, porto seguro, santuário, refúgio de amor.

Havíamos acabado de nos mudar para uma bonita casa, na esquina da rua onde já morávamos há algum tempo. Papai tinha se aposentado e com sua indenização comprou esta casa na Rua Ponche Verde 20.

A casa era pintada da cor camurça, portões prata, janelas da frente de alumínio e as outras portas e janelas de madeira cinza. A frente de casa era decorada de baratinhas na parede, uma pequena árvore de florzinhas cor de rosa, chamada *Resedá* ou árvore de Júpiter e uma varanda na lateral com seu jogo de cadeiras de varanda.

Por dentro, espaçosa, com três quartos, sala, cozinha, banheiro e área de serviço. O quarto maior era dividido pelas três filhas, com três camas de solteiro, um armário para roupas, um console e um

espelho. Pela primeira vez tínhamos uma sala de estar e jantar.

A cozinha era o local onde mamãe sempre estava para nos alimentar e com seus bolos se encontrar. Como mamãe gostava desta casa arrumar! Cada fim de ano, novas almofadas, colchas, jogo de banheiro e cozinha eram confecccionados por ela na máquina de costurar.

O quintal era espaçoso, com muitas plantas e pés de goiaba, cajá, carambola, manga e ainda sobrava espaço para garagem do Fiat 147 do papai. Ali, o quintal era nosso lugar de brincar e sonhar! Nosso cachorro um setter irlandês, chamado Jack, também encontrava espaço para saltar e o quintal também era o seu lugar. Era prazeroso saborear as frutas retiradas do pé e recolher cada fruta nos fez aprender o prazer na simplicidade da vida.

Era uma casa onde morava o afeto de uma família formada por um casal e suas três filhas. Ali a vida encontrava morada e o tempo passava... às

vezes lento, às vezes rápido demais. Não lembro só da disposição dos cômodos e móveis desta casa, lembro das memórias, histórias alegres, tristes, engraçadas, risos, conversas, músicas, orações, vitórias e conquistas.

Foi nesta casa que comemoramos aniversários, natais, fins de ano, datas comemorativas, ali estudamos, nos formamos, nos casamos e tivemos nossos filhos. Os netos também cresceram nesta casa, enquanto os pais iam trabalhar. Ali receberam todo amor que os avós podiam dar. Esta casa sempre foi cheia de vida, conversas, brincadeiras, sonhos e esperança. Era o lugar seguro quando precisavámos nos guardar. Era o lugar da família se encontrar.

Ah... Como foi doloroso desta casa se afastar! Nos despedimos dela, junto com nosso pai, deixando muita saudade no ar. Boa parte de nossa história, nossas raízes, momentos e amor que compartilhados juntos, foram construídas neste lar e este é o refúgio que sempre vamos encontrar! A vida vai seguindo

seu curso, novas histórias surgindo e o amor continuará florindo!



JÚLIA GODES PEREIRA

Meu nome é Júlia Godes Pereira. Filha de Elaine Sá Godes e Gelson da Silva Pereira. Eu tenho 22 anos e não gosto de falar sobre minha pessoa, não gosto de definições. Escrever, para mim, sempre foi algo espontâneo e libertador; o faço para amenizar o excesso de pensamentos que me transbordam. Amo viver a vida da forma como ela é, linda e dura! Amo música e amo olhar para as coisas, acredito que tenha vindo daí meu gosto por fotografia. Não gosto de rótulos e nem de dizer que as coisas são, pois elas podem simplesmente não serem mais, por isso gosto de dizer que eu sou o que sou, enquanto sou!

ESPECIAL

hoje me disseram que sou especial
senti algo estranho

por quê?
o que faço de diferente?
o que falo de diferente?
como eu sou através dos olhos do outro?

quis chorar.

eu genuinamente sinto que sou especial
sempre senti isso
mas só vira "verdade" aquilo que pensamos sobre
nós quando o outro diz.

por que isso acontece?

eu acho que não enxergo o meu valor…
o quão triste isso é?

eu sou normal
eu apenas vivo a minha vida
eu apenas sou…

eu.

e quem sou eu?

eu amo as pessoas
eu me entrego a tudo
eu vivo
eu sinto
comigo não tem essa de não sentir
não sofrer
não se permitir

eu apenas faço
apenas falo
apenas vou

sinto que estou me encontrando em mim mesma.

agora eu sinto que eu sou eu de verdade

eu amo
eu beijo
eu brinco
eu brigo
eu sinto
eu sofro
eu choro
eu rio
eu caio
eu sigo
eu me permito

acho que é isso

eu me permito

eu me perdoo

eu me cobro

eu me divirto

uma pessoa especial me disse que sou especial

você é especial

sem poder, você me deu o que eu mais necessitava

merecimento

reconhecimento

sem sofrimento

sem tormento

me mostrou como é ser leve

ser amada

ser gostada

ser tocada

não aquele toque que você está pensando

o toque no rosto

no braço

na mão

na orelha

na bochecha

no pescoço

sabe o que é realmente ser tocada???

sem raiva

sem dúvida

sem mágoa

sem nada?

especial…

tem como se tornar?

ou apenas é?

quero chorar
não sei se de mágoa guardada
ou mágoa adiantada

do que adianta ser especial?

olha o mundo…
vai acabar
vai parar
vai desmanchar

então de que vale?

vale pra mim
ou pra você?

eu não sei
mas sei que é necessário
de alguma forma é

então obrigada,

eu sou amada
observada
querida
sentida
entendida
compreendida.

eu sou eu
e não tem ninguém igual a mim e nunca terá.

igual a você.

então todos somos,
mas eu… eu sou…
eu!

ALMA GÊMEA

Fui parar pra pensar e é literal. Uma alma gêmea é alguém, um ser que brotou na Terra que, no meio de todos os outros seres que brotaram na Terra, tem exatamente os mesmos hábitos que os seus, os mesmos pensamentos, o mesmo jeito de agir, passou pelas mesmas coisas que você... Vocês se entendem e é tudo mais fácil, é fácil aprender com essa pessoa, é fácil deixar o orgulho de lado, é fácil conviver, amar... Almas gêmeas são, sim, seres que pensam igual, agem igual, mas talvez justamente por isso tenham um lado tão duro de se aceitar, pois os defeitos — na maioria das vezes — também são iguais.



KARINA OLIVEIRA

Karina Oliveira é professora e autora dos livros "Nina e as Sapatilhas Flutuantes", "O Jardim Mágico da Amizade" e "Os Heróis da Floresta dos Dinossauros". Também participou das antologias "Cantando Auroras", "Amor & Esperança" e "Sentimentos Escritos", pela editora Panóplia. Participou de várias feiras literárias como a 27º Bienal, que aconteceu em São Paulo. É palestrante e poeta. Apaixonada pela Arte e pela Educação, uma das suas qualidades é não desistir de seus sonhos. Se você pode sonhar, você pode realizar!

O QUE O TEMPO NÃO CONSEGUE LEVAR

Um dia, sem perceber, a gente começa a sentir saudade de coisas que nem sabia que seriam importantes.

É engraçado pensar nisso. Quando estamos vivendo determinados momentos, não imaginamos que, um dia, vamos olhar para trás e desejar voltar só por alguns minutos. Naquele tempo, a gente estava ocupado demais vivendo para perceber que estava construindo memórias.

Eram dias comuns.

Conversas que pareciam não ter fim, risadas por coisas bobas, encontros sem hora para acabar, abraços demorados, fotografias tiradas sem muita intenção. Lugares que hoje talvez nem existam da mesma forma, pessoas que seguiram seus próprios caminhos e versões de nós mesmos que ficaram lá atrás.

Mas, de alguma maneira, tudo continua.

Às vezes, basta encontrar uma fotografia antiga para o coração viajar no tempo. A gente olha para aquela imagem e, por alguns segundos, consegue lembrar de detalhes que estavam escondidos: o jeito que alguém sorria, uma frase que foi dita naquele dia, o sentimento que existia naquele momento.

E então percebemos que algumas lembranças não morrem. Elas apenas ficam quietinhas, esperando alguma coisa despertá-las.

O tempo muda muita coisa. Muda os lugares, as pessoas, os planos e até a maneira como enxergamos a vida. Nós também mudamos. Crescemos, aprendemos, erramos, recomeçamos e seguimos em frente.

Mas existe uma parte da gente que permanece exatamente onde algumas memórias aconteceram.

Talvez seja por isso que a saudade seja tão estranha. Ela dói um pouquinho, mas também aquece. Porque sentir saudade significa que, em algum momento, aquilo foi importante. Significa que existiu algo que

valeu tanto a pena viver que o coração ainda faz questão de guardar.

Hoje eu entendo que não precisamos voltar no tempo para reviver aquilo que passou.

Algumas histórias não precisam de um novo capítulo. Elas só precisam continuar sendo lembradas com carinho.

Porque a vida é feita disso também: de momentos que passam depressa, mas deixam marcas que permanecem.

E talvez, daqui a alguns anos, sejam justamente os dias que hoje parecem comuns que iremos procurar nas nossas próprias lembranças.

Por isso, eu quero guardar.

Guardar as pessoas que fizeram parte da minha caminhada, os lugares que me fizeram feliz, as risadas, os abraços, as pequenas conquistas, os dias difíceis que me ensinaram alguma coisa e, principalmente, os momentos em que eu fui verdadeiramente feliz sem sequer perceber.

Porque o tempo pode levar os dias.

Pode mudar os cenários.

Pode nos levar para longe.

Mas aquilo que foi vivido com verdade encontra um jeito de permanecer.

E, no fim, talvez seja isso que chamamos de memória: um pedacinho do passado que o coração se recusa a deixar para trás.



L. S. OLIVEIRA

Natural de Macuco, interior do Estado do Rio de Janeiro, filho mais novo de Altacir Jardim e Ana Maria de Souza. Formado professor no Ensino Normal Médio em 2004. Graduado em Direito em 2014. Foi funcionário de carreira da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e do Banco do Brasil. Atualmente é servidor efetivo do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

ALEGRES MANHÃS

Prodigiosa alegria
cada amanhecer inaugura
o frio se ausenta da pele
o café, pelos lábios, se aventura.

Mas sou dos tempos, não nego,
de caneca esmaltada na roça.
Deixa-me com o café.
Dispenso outras modas.

MENTIRAS IMPOSTAS

Minto para ser aceito.
E assim, minto
não para os outros,
mas antes para mim.

Porque acredito ser aceito,
mas quem o é
é a mentira da qual me cobri.
O rosto escolhido que nunca vivi.

Muitos rostos eu tenho
e, às vezes, nenhum deles me serve.
Sirvo-me, então, de rostos alheios.
Envaideço-me.

A vaidade que me consome
sabe que nem os que eu digo ter
de fato existem.
Alheios ou meus, são todos inventados.

O rosto que sou
perdeu-se no caminho.
Mais fácil é a acomodação
de não ser enfrentado.

E assim vivo.
Sendo alguém que se esconde
dentro das mentiras que ele mesmo criou.
Vaidades, inverdades, medo e covardia.



LIA DE OLIVEIRA

Liercy Maria de Oliveira é escritora, pedagoga graduada pela UERJ e especialista em Psicopedagogia, com vasta experiência na educação pública carioca. Graduada também em Letras (Português/Literatura), traz em suas obras um olhar sensível à linguagem. É autora do livro infantil A Flor e o Jardineiro, obra que lhe rendeu premiação literária, além de ter diversos textos selecionados em coletâneas e participar ativamente de concursos de editoras nacionais.

MEMÓRIAS DE UMA VIDA (DES)COMPLICADA

Há momentos na vida em que percebemos que uma luz miúda, dessas que acendem sem alarde no canto da casa, nos revela muito mais do que mil holofotes acesos de uma só vez. É nesse instante de clareza que o peito pede um basta. Chega de vida complicada, chega de alimentar conflitos que não nos pertencem. O coração cansa do ruído e passa a exigir soluções mais simples, menos frieza e muito mais emoções sinceras. Não precisamos de memórias antigas que nos fazem sentir mal.

Quero saborear o tempo sem a pressa atropelada dos dias. Quero me dar ao luxo de observar o que é belo, o que é bonito e fundamentalmente singelo, de uma vida vista de uma varanda, de um quintal e o bem-estar da união de uma família. O coração precisa de delicadeza, igual à alegria da casa da avó: são memórias para sempre que trazem um carinho para a gente.

O descompasso desse mundo apressado nos causa um cansaço que não passa com uma noite de sono; é um cansaço da alma, que ofusca o nosso olhar e nos faz perder essas memórias tão valiosas. É preciso fazer uma pausa na rotina, respirar o ar calmo do presente e proteger os afetos que trazem de volta a paz e a certeza de um coração que precisa ser acolhido, pois esse é o verdadeiro sentido.

Chega de uma vida sufocada e desqualificada pelas pressões externas de uma sociedade cobrada, que nos deixa incomodada. Precisamos resgatar uma vida alimentada pela fé, pelo carinho e por aquilo que nos faz bem. Uma vida aberta. Merecemos dias mais leves, sem cobranças inúteis que desvalorizam a diversidade do sentir. Necessitamos estar ao lado de pessoas alegres por serem amadas sem ter que pedir.

Nesta vida complicada, eu já fui e já voltei. Já carreguei o peso do excesso de cobranças que tive que aceitar, mas decidi que não quero mais. Escolho,

a partir de agora, a travessia de uma vida descomplicada e mais dedicada. Quero o tempo necessário para cuidar do corpo e da mente e me cercar apenas de boa gente. Mas sei que, para isso acontecer, preciso resgatar as memórias antigas, do aconchego dos meus amigos e da casa da minha família . Ir em busca da sabedoria, que não nasce do nada, pois ela é fruto do aprendizado, dos caminhos percorridos e de cada passo atravessado.

Porque, no final das contas, uma vida assim não exige nenhum segredo guardado: é a arte de cultivar o afeto e a beleza de um caminho descomplicado.

MEMÓRIAS DO NOSSO ACONCHEGO

Saudade é a distância de quem habita em nós,
tristeza mansa que mistura riso e lágrima,
pois agora não podemos mais ficar a sós.

Sinto falta de suas caretas, de nossas brincadeiras,
do trabalho em que nos víamos todos os dias...
Juntos nossa rotina era só sorriso e alegria.
Os encontros na minha casa trazem lembranças na minha mente,
daquele café quentinho que aquecia a gente.
E o jantar feito com carinho?
Qualquer motivo era razão para ficarmos juntinhos.
Bastava um olhar para percebermos o sentimento no ar,
e tomávamos a iniciativa sem hesitar:
— "Como você está? Quer conversar?"
E lá íamos nós para o sofá, no aconchego do nosso lar.
Sexta-feira à noite era o nosso dia favorito:
ficávamos conversando, sorrindo e comendo,
a madrugada adentro e o tempo correndo.
Foi assim que tive por três anos um ombro amigo,
que me dizia: "Fique tranquila, estou contigo."
Porém o destino traçou novos caminhos...
E o amor que me encantou, partiu devagarinho.

Apesar do tempo passado desde o ocorrido,
nossa casa ainda guarda um silêncio macio,
de uma época linda que não volta mais.
A presença física se foi com a despedida,
mas o amor e a cumplicidade viraram memórias
que moram para sempre na minha vida.



LILIÂNGELA BARBOZA DA SILVA

Sou Liliângela Barboza Dantas, pedagoga, coordenadora, palestrante, consultora, escritora e mestranda em Ciências da Educação. Tenho 25 anos de atuação na coordenação privada e 17 na rede pública como professora da EJA e ex-gestora adjunta. Minha trajetória integra educação, inclusão, liderança, criatividade e desenvolvimento socioemocional. Sou idealizadora do Projeto ELO³ e do Programa Vida Assertiva, focados em autoliderança e gestão das emoções. Minha missão é transformar a educação em uma prática humana, acessível e intencional para toda a comunidade escolar.

A ESPERA TAMBÉM É UM LUGAR

Nem toda espera é atraso; algumas são preparação.

Há momentos em que a coisa mais difícil que Deus nos pede é simplesmente esperar. Esperar uma resposta. Esperar para falar. Uma porta se abrir. Aquela mudança que parece nunca chegar. Esperar que uma dor passe. Que algo incrível aconteça.

E nós, tão acostumados com a pressa, confundimos espera com abandono. Queremos respostas no nosso "agora" e não no "agora" de Deus. Queremos ver hoje o resultado daquilo pelo qual temos orado há tanto tempo.

Mas nada floresce no mesmo dia em que é plantado.

Uma semente precisa permanecer debaixo da terra antes de encontrar a luz. Durante esse tempo, parece que nada está acontecendo. Mas, longe dos nossos olhos, existe um processo extraordinário e divino acontecendo.

Durante a forçada espera, Deus trabalha em lugares que não conseguimos enxergar.

Como diz a Bíblia: "*Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu.*" — Eclesiastes 3:1.

Talvez o problema não seja apenas esperar. Seja aceitar que o nosso relógio não é o relógio de Deus. Nós contamos os dias; Ele conhece as estações. Nós enxergamos a demora; Ele enxerga a preparação.

Paciência não é simplesmente cruzar os braços e aguardar que tudo aconteça sozinho. É continuar fazendo a nossa parte sem permitir que a ansiedade nos faça desistir do propósito: Fácil de falar, difícil de por em prática.

Continuar plantando em segredo, mesmo quando ainda não há fruto. Continuar orando, mesmo quando a resposta parece distante. Continuar caminhando, mesmo sem ver o caminho inteiro.

Por isso, quando o coração estiver cansado, lembre-se: "*Espera no Senhor, anima-te, e ele fortalecerá o teu coração.*" — Salmos 27:14.

E ainda no livro de Filipenses 4:6-7

"Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e pela súplica, com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus."

Por vezes nos perguntamos: — Não consigo entender tanta demora para Deus me ouvir e fazer acontecer e isso que você chama de atraso pode ser apenas uma estação que ainda não terminou. Deus não está dizendo "não". Ele está dizendo: "Ainda não." E existe uma grande diferença nisso.

Porque, quando chega o tempo certo, a espera finalmente faz sentido.

Até que chegue, respire… confie…faça a sua parte e espere.

Nem toda espera é perda de tempo. Algumas são o próprio tempo preparando você para aquilo que pediu.

FUI ALI E JÁ VOLTO

Há um frio estranho, um vazio que se instala quando a vida nos obriga a frear. Afastada do trabalho, longe daquela velha engrenagem que disfarçava os dias, dou por mim sentada na sala de espera de mim mesma. É um frio muito específico.

Não é o gelo do vento nem o frio da noite. É a solidão de quem espera por alguém que disse: — Fui ali e já volto.

Permaneço olhando para a porta, à espera de que a maçaneta gire.

No fundo, sei a verdade: estou esperando que o meu verdadeiro eu volte. Muitos diriam que eu deveria me levantar, calçar os sapatos, abrir a porta e sair à minha procura, lá fora, no mundo onde deixei de estar.

Mas eu não saio.

E, se não vou ao meu próprio encontro, não é por fraqueza. Não é por preguiça, nem por rendição.

Muito menos por falta de Deus. Eu não me levanto porque fui tomada por um estranho cansaço. Uma exaustão pesada e antiga, que desce pelos ombros e não nasce do esforço do corpo, mas das feridas da alma. Um peso invisível que me subjuga e sufoca até os desejos mais simples.

Enquanto as lembranças e a ansiedade exigem que eu lute, esse cansaço me obriga a parar. Então, apenas me encolho nesse frio.

Fico aqui, calada e cansada, esperando que aquela mulher atravesse a porta, sente-se ao meu lado e segure a minha mão.

Talvez ela não volte exatamente como era.

Talvez traga outras marcas, novos limites e uma maneira diferente de olhar a vida.

Mas espero que, ao me reconhecer, ela sorria e diga:

— Demorei um pouco. Mas voltei.



LUCIANA PINHEIRO OLIVEIRA

Luciana Pinheiro Oliveira – é Administradora de Empresas, com pós-graduação em Psicologia Organizacional e MBA, gosta de escrever poemas líricos, e sonetos, nasceu na cidade de Entre – Rios/BA, em 1978, e foi criada na cidade de Salvador/BA, onde mora atualmente. Ela soma participações nacionais e internacionais (Portugal e Romênia). Foi selecionada em 71 Antologias e Coletâneas e 17 Publicações em Revistas Literárias. Recebendo o Título Honorífico Reconhecimento Literário, Ganhadora do II Prêmio Personalidades Literária e Cultural 2025 – Categoria: Personalidade Literária.

Instagram: @lunetpinheiro.

ALMA DE FLORES

Em Memória a Vovó Marota

Hoje acordei sonhando com tempos felizes
Onde vivi a melhor parte de mim
Nos primeiros passos, no compasso da transição
Onde as gerações encontravam-se na razão
Sentados a mesa, que emoção!

Agradeço por fazer parte de uma origem
Idealizada pelos saberes e amores
De um passado longínquo.
A vovó sempre dizia:
Que o presente, era está presente
Verdade, ela era sábia.

Eu amava o seu jeitinho
Doce, calma, amorosa
Aquele cheirinho de pó de arroz e seiva de alfazema
As conversas ao dormir, me enchiam de esperança
Eu era apenas uma criança.

Olho no espelho e reconheço em mim
A mais pura imagem de ti
Gratidão por permitir fazer parte do seu mundo.

Eu sinto você, tão perto de mim
Todas as vezes que sinto uma sensação sem fim
Com as memórias afetivas, que cultivastes em mim.

A vovó tinha alma de flores
Com aquele jeitinho particular que nos envolvia
Com o seu dom de cozinhar, deixando o aroma no ar
O café da manhã aos domingos era na fazenda
A manteiga deslizava sobre o fubá
O pó de café derretia na água quente

O ovo estrelado, rebolando até o pão
A vovó disposta era uma fartura.

A passagem do tempo foi exageradamente rápida
Agradeço ao Senhor por ter consentido, ter me envolvido neste convívio.

Ontem eu era uma criança, protegida nos seus afagos, sem pressa
Hoje sou uma menina com o coração recheado de saudades
Mas prosseguirei com a plena sensação
Que toda a minha vida, seguirá preenchida de GRATIDÃO.



LUCIANE APARECIDA VARELA

Escritora, poeta, pedagoga e professora, natural de Salgado Filho/PR e residente em Francisco Beltrão/PR. Especialista em diferentes áreas da Educação, atua como professora nos municípios de Francisco Beltrão e Renascença. Possui contos e poesias publicados em diversas antologias literárias e é autora do livro Minha Vida em Poesia. Desde a infância cultiva o sonho de transformar histórias e sentimentos em palavras, fazendo da escrita sua grande paixão e realização.

A CASA ONDE A INFÂNCIA AINDA MORA

Havia uma casa. Não era a maior casa da rua, nem tinha paredes imponentes ou janelas enormes. Mas, para mim, era um lugar do tamanho do mundo. Era a casa da minha vó. Até hoje, quando fecho os olhos, consigo enxergar o caminho que levava até ela. Antes mesmo de chegar, eu já sentia que estava entrando em um lugar diferente. Um lugar onde o tempo parecia andar devagar e onde cada cantinho guardava uma história.

Havia flores por toda parte. Flores nos vasos, nos canteiros, nas janelas e, principalmente, nas minhas brincadeiras. Eu colhia algumas com todo o cuidado, inventava pequenos buquês e transformava aquele jardim em cenário para minhas casinhas imaginárias. Naquele tempo, uma flor podia ser uma comida, uma moeda, um presente ou até uma personagem. Eu brincava de casinha e, sem perceber, aprendia sobre a vida. A casa da minha vó era meu

pequeno universo.

Havia cheiro de café, de comida feita com carinho e de roupa limpa. Havia o som das conversas, das risadas e daquela voz que eu reconheceria em qualquer lugar do mundo. A voz da vó. Ela tinha um jeito especial de falar comigo. Suas palavras eram simples, mas pareciam abraços.

— Venha, minha menina... E eu ia.

Porque colo de vó tem um chamado que o coração entende. Sentava perto dela e ouvia histórias. Algumas eu já conhecia, mas queria ouvir novamente. Outras talvez tenham se perdido no tempo, mas ficaram guardadas dentro de mim como fotografias que nunca envelhecem. Minha vó não precisava ensinar com grandes discursos. Ela ensinava vivendo. Ensinava que uma casa não precisa ser luxuosa para ser bonita. Que uma mesa simples pode reunir riquezas que dinheiro nenhum compra. Que cuidar de uma flor exige paciência. Que ouvir alguém é uma forma de amar. Que família é

um lugar onde o coração encontra descanso. E eu aprendia.

Aprendia nas manhãs tranquilas, nas tardes de brincadeira, nas pequenas tarefas e até nos silêncios. Aprendia enquanto corria pelo quintal. Aprendia enquanto inventava mundos entre as flores. Aprendia quando recebia um carinho na cabeça e sentia que, naquele instante, nada de ruim poderia acontecer.

Hoje, tantos anos depois, percebo que aquela casa nunca foi apenas uma casa. Era uma escola de afetos. Era o lugar onde comecei a entender que a felicidade pode morar em coisas pequenas: uma flor aberta, um café passado, uma conversa demorada, um abraço apertado, uma palavra carinhosa.

Talvez por isso a saudade seja tão grande. Porque não sinto saudade apenas das paredes, do jardim ou das brincadeiras. Sinto saudade de quem eu era naquela época. Da menina que acreditava que o mundo cabia inteiro no quintal da vó. Da menina

que construía casinhas com flores e imaginava futuros que ainda não sabia nomear. Da menina que recebia amor sem precisar pedi-lo.

Às vezes, penso que as casas também guardam memórias.

Talvez, quando o silêncio chega e ninguém está olhando, aquela casa ainda escute os passos da criança que fui. Talvez as flores ainda se lembrem das pequenas mãos que as colhiam para brincar. Talvez as paredes ainda guardem o eco da voz da minha vó dizendo:

— Venha, minha menina...

E eu gostaria de voltar. Nem que fosse por alguns minutos. Gostaria de sentar novamente naquele lugar, sentir o aconchego, ouvir aquelas palavras e respirar profundamente o perfume de uma infância que não volta, mas que nunca vai embora completamente. Porque algumas fases da vida passam. Algumas casas mudam. Algumas flores murcham. Mas o amor verdadeiro encontra um jeito

de permanecer. Hoje, quando olho para trás, compreendo que aquela casa me deixou muito mais do que lembranças. Deixou valores, ternura, raízes, deixou em mim a capacidade de reconhecer beleza nas pequenas coisas e de entender que o maior patrimônio de uma família não está nas paredes de uma casa, mas nas histórias vividas dentro dela.

Por isso, quando a saudade aperta, não tento expulsá-la. Eu a acolho. Porque saudade também é uma forma bonita de agradecer. E agradeço àquela casa, às flores, às brincadeiras, às tardes intermináveis e às palavras da minha vó. A casa da minha vó ficou para trás no tempo, mas uma parte de mim continua morando lá. Ela continua sendo o lugar onde a infância ainda mora.



LUCIENE FREIRE

Luciene Freire é escritora e autora de obras que encantam pela sensibilidade e profundidade. Publicou dois livros pela Chiado Editora, de Portugal, e um livro pela Ases da Literatura, também em Portugal. Com o brilho do sol que inspira suas palavras, Luciene participou por dois anos da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, autografando suas obras no stand da editora. Esteve também em eventos literários marcantes no Teatro Gazeta, onde poesias de diversos autores brasileiros foram lidas — entre elas, uma de sua própria autoria. Luciene marcou presença na Livraria Cultura, em sessões de autógrafos, e participa de antologias literárias no Brasil e no exterior. Sua trajetória inclui uma participação especial em um evento em Lisboa, Portugal, onde teve uma de suas poesias inserida em uma obra portuguesa. Reconhecida internacionalmente, foi premiada em concursos literários em Londres, Paris e Romênia, consolidando um currículo literário rico e inspirador. Autora aplaudida por seu talento e dedicação, Luciene Freire representa com brilho a literatura contemporânea brasileira, unindo fé, emoção e arte em cada palavra.

EM BUSCA DE AMOR

Caminho sozinha, perdida no silêncio da noite,
Onde os passos ecoam, mas o coração ainda grita.
Busco no vento, no brilho das estrelas,
A esperança de um amor que me complete e me cure.

As ruas são vazias, mas o peito é cheio,
De um desejo intenso, de um querer sincero.
Procuro em cada rosto, em cada olhar,
Aquele que possa entender o que só eu sei falar.

Ah, como é doce essa busca incansável,
De encontrar alguém que seja meu refúgio e abrigo,
Alguém que toque minha alma com palavras suaves,
E que me faça sentir que finalmente cheguei ao meu lugar.

Nos meus sonhos, ele existe, tão perto,
Com um sorriso que dissipa toda a solidão,
E quando ele me olhar, saberei que é ele,
O amor que vivi, sem saber, no fundo do meu coração.

Mas enquanto ele não chega, sigo acreditando,
Que o amor é um caminho, não um fim.
E mesmo sozinha, me deixo levar,
Pois sei que o meu amor está apenas à espera de ser encontrado.



LUGORI

Lugori escreve desde muito jovem. Sua primeira poesia publicada em livro foi "Juventude Transcendental" em 2005. No ano seguinte contribuiu, juntamente com outros "poetas", para o livreto Caraíba Transcendental. Já participou de diversos concursos literários Brasil afora, tendo, inclusive, colaborado com seus textos para compor coletâneas/antologias. Recentemente, recebeu menção honrosa pela poesia "Amor em Transe" em concurso promovido pela Editora Articule. Lugori é também autor do livro-reportagem Enquanto Enlouqueço, que fala sobre os "ditos" doidos de Curaçá-BA.

UM RIO

Vejo
um
rio
que
pena,
silencio

não
dou
um pio,
mas
me
arrepio

o
chio
da
água,
grito
vazio

"cala"-frio,
medo
cio
sua
morte
(d)enuncio

um
rio
bravio
de
dores
fastio

antes
s(adio)
um
dia
também
rio

ainda
que
doentio
continua
seu
desa(fio)

servil
não,
repudio!
serv(ir),
ser
rio.



LULU JACOBUS

Lulu Jacobus nasceu na fronteira Uruguai-Brasil. Empresária, professora, artesã e escritora. Segue o provérbio "a terra é meu lar, o céu é meu teto e a liberdade é minha religião". Formou-se pela PUC e pelo LAB em escrita criativa.

E-mail: lulujacobusassuntos@gmail.com

MEMÓRIAS NA ALMA

Com o advento do ciclone extratropical, que atinge o Rio Grande do Sul, trazendo junto a ressaca no mar e mais postagens no grupo de WhatsApp, tornou-se impossível não lembrar de meu avô.

Junto com a lembrança, veio o ensinamento que ele me passou quando eu tinha 8 anos.

Meus avós estavam morando no litoral gaúcho quando houve uma ressaca violenta. Por minha insistência, fomos olhar e, naquele momento, apaixonei-me pelas ressacas. Anos depois, passei a procurá-las.

Meu avô, meu bisavô, meu trisavô e meu tataravô eram bicuíras. Os três últimos eram estancieiros, e os que vieram antes deles também "eram das armas".

Mas, naquela ressaca, a violência da água foi tanta que chegou até o Hotel Samburá, em Imbé. Havia uma mureta de proteção, que mostrou ter pouca serventia.

Dias depois, meu avô e eu fomos passear na areia. Ele me mostrou os cômoros. Tinham vegetação e estranhas esteirinhas de bambu. Passou a explicar-me o porquê de tudo aquilo e a importância estratégica que os cômoros desempenhavam para frear as ressacas. Ele frisou muito a importância deles.

Essa lição jamais esqueci.

Percebi, ao longo dos anos, que poucos a aprenderam ou fizeram questão de esquecê-la.

Nos domingos cinzentos, a pedida era comer cuca. A confeitaria eleita era bem famosa na época, a Ki-Kuka, situada em São Leopoldo, RS.

Minha mãe gostava muito, mas minha avó adorava. Alemã pura, nascida no Brasil, reconhecia ali o doce sabor caseiro. Meu avô nos acompanhava quando não estava pelo litoral. Meu pai nos levava e adorava doces.

Confeitaria mágica, aconchegante, com delícias sem fim atrás das enormes portas.

Ali, apurei meu paladar para os doces.

Em domingos ensolarados, as viagens aconteciam. Destino? Litoral e Serra, onde Gramado, Nova Petrópolis e Canela tinham a preferência. Vantagem de quem morava na Região Metropolitana de Porto Alegre: estar no meio do caminho para ótimos passeios.

Mas não se enganem: o litoral tinha forte apelo afetivo, as raízes do meu avô materno. Apesar da família dele ter destratado minha mãe, o gêmeo dela e minha avó, nunca deixamos de amar o litoral norte.

Mas o que seria família sem uma boa dose de drama?

Hoje, Dia Mundial do Rock, é um domingo cinzento, combinação perfeita para aquela confeitaria. Mas ela não existe mais, e a saudade bate ao lembrar dos sabores compartilhados, pois minha família também não está mais aqui.

Existem apenas as lembranças, no paladar e no coração.

Em função da morte prematura do meu tio, que

faleceu no Dia das Mães, as datas comemorativas sempre tiveram um significado diferente em nossa casa. Ele era o irmão mais novo da minha mãe. Por isso, nunca tive Natal em casa. Também não podia desejar Feliz Dia das Mães a ninguém. O permitido era um simples parabéns.

Então, a viagem para a fronteira Brasil-Uruguai foi o máximo.

Eu tinha mais ou menos 5 anos e fomos para a casa de amigos, na época do Natal. E que surpresa ótima: haveria uma festa natalina, algo que eu nunca havia visto.

A festa começou e quem apareceu? Sim, o Papai Noel. A melhor parte foi quando ele me entregou o presente. Ao abri-lo, descobri uma linda melindrosa em ouro. Na verdade, só aquele encantamento já era suficiente. Conheci a magia do Natal.

Alguns natais depois, ganhei um presente de Natal de minha avó. Foi surpreendente. Ainda o tenho.

Por anos consecutivos, passamos o Natal na Serra

Gaúcha, com direito a ceia, Missa do Galo, visitas aos parentes e vizinhos. Era incrível.

Em outros anos, passei o Natal no litoral ou no clube, tomando banho de piscina. Também podia acontecer na casa de amigos.

Com a maternidade, nem tudo mudou. Houve um Natal passado na casa de familiares de uma amiga. Meu filho e minha mãe também estavam. Foi muito bom.

Estes Natais são inesquecíveis.

É bom ter memórias.



LUZZ SOUZZA

Luzz Souzza é uma escritora baiana, coautora em dezenas de antologias, como "O jardim secreto" e "Travessia", entre outras da Editora Panóplia. É autora do romance "Alexei por um instante" e ama ler, assistir séries e desenhar.

A CAIXA AZUL

A plataforma estava apinhada de pessoas. Uma cacofonia de sons misturada a fumaça de cigarro e o cheiro de corpos humanos suados desesperados para chegar em suas casas abarrotavam a Estação de trem.

O trem das 17 horas chegou e Sophie ficou apreensiva. Ele não tinha chegado ainda. Ela esteve sentada no banco de ferro da Estação de trem, olhando para os lados, durante a última hora se perguntando se ele viria e agora sentia-se uma tola.

Ele não tinha a obrigação de vir, afinal...

Ela entrou no trem e sentou-se no assento próximo à janela. Não porquê acreditasse que ele ainda viria, mas porquê queria se distrair enquanto observava as árvores frondosas e os campos cobertos de relva que ladeavam os trilhos do trem.

Sentiu a garganta apertar e piscou os olhos, tentando evitar as lágrimas de desapontamento.

"Se pelo menos o trem estivesse em movimento!" — Pensou frustrada.

No entanto, deu uma última olhada na estação de trem e foi quando o viu. Ele corria, esbaforido, com uma caixa azul nas mãos. Sophie chegou a pensar que seus olhos estavam lhe pregando uma peça! Até que ele diminuiu o passo e quando já estava próximo do trem foi até o ponto onde estava a janela dela e estendeu a mão com a caixa azul.

Um senhor de bigode, que havia acabado de sentar próximo de Sophie, achou que seria conveniente sair para não incomodar o casal e mudou de lugar.

A janela estava aberta, um vento frio bagunçou os cabelos de Sophie, mas ela não se importou. Em seu colo jazia a caixa azul que seu ex noivo lhe trouxera.

— Achei que você não vinha.

— Eu prometi, não foi? — Ele sorriu timidamente, então disse — Só abra a caixa quando o trem estiver longe. E me promete que vai ficar bem?

— Sim. Prometo!

Não teve jeito, os olhos dela e os dele se encheram de lágrimas.

Deram as mãos e uniram suas testas, do jeito que dava, ela dentro do trem e ele fora, pela janela. E então ele lhe deu um beijo na testa e sussurrou:

— Você merece o mundo, Sophie.

O apito do trem soou e este começou a andar. Ligeiro, ele se afastou e acenou para ela.

"*Pronto. Acabou*." Pensou ela.

Mandou beijinhos, acenou e agradeceu o presente abraçando a caixa com cuidado. Suas lágrimas escorriam pelas bochechas e um sorriso triste se fez em seus lábios.

Ele tirou o chapéu e acenou também. E sorria, desejando à ela felicidades.

Por fim o trem saiu da Estação e seguiu seu rumo.

E assim que ele sumiu na curva, ambos baixaram suas cabeças, respirando fundo e aceitando que independente das promessas e palavras doces, provavelmente nunca mais iriam se ver.

Tudo que lhes restava eram somente as lembranças.

Sophie observava a paisagem passar rapidamente pela janela quando se lembrou da caixa azul em seu colo, mas teve medo de abri-la.

Durante algum tempo, ela fitou a caixa se perguntando se valia a pena fazer isso. E se ela a jogasse fora sem saber o seu conteúdo?

O trem parou noutra Estação e outros passageiros subiram e houveram mais despedidas tristes.

Ela percebeu-se fitando nada em particular quando o trem voltou a andar. Parecia que estava se despedindo de uma outra Sophie e que ela, a que estava no trem, era uma nova Sophie.

A paisagem ia mudando aos poucos, então logo apareceram casarões e ruas calçadas molhadas pela chuva que caía torrencialmente.

Ela sentiu seus olhos lacrimejarem novamente quando percebeu que estava quase chegando ao seu destino. E que isso significava que definitivamente tudo havia acabado.

Então ela decidiu abrir a caixa azul que ele lhe dera. Ramon, seu ex noivo.

Dentro havia um lenço lindo, de seda da cor lilás. E uma carta escrita com esmero. A letra era firme e bonita. Nela, Ramon escrevera palavras gentis e maduras. Ele disse que havia entendido os motivos do termino e que depois de muito refletir, ele percebeu que a relação deles não tinha futuro de qualquer jeito. Eram almas que jamais iriam se completar. No entanto, ele estava grato por ela ter percebido e ter agido à tempo.

E Ramon finalizou a carta dizendo que desejava somente coisas boas para ela e que o lenço era o presente de um amigo que torce de longe pelas suas vitórias.

Emocionada e aliviada pelas palavras doces de Ramon, ela guardou a carta e o lenço dentro da caixa. A partir daí a viagem seguiu mais tranquila e até doce.

E quando o trem finalmente chegou em seu destino,

Sophie guardou a caixa azul em uma mala e partiu da Estação de trem.

Às vezes, ela sentia vontade de voltar à cidade onde cresceu. Porém, como seus pais haviam falecido antes dela partir e ela não tinha mais parentes, Sophie ficou se perguntando se valia a pena voltar para pelo menos rever até mesmo o ex noivo, no entanto, após deliberar por alguns dias, ela desistiu.

Preferiu deixar o passado no lugar dele.

Nas lembranças.



MAGNO ASSIS

Natural de Antônio Dias/MG. Residente em Juiz de Fora/MG. Graduado em Administração de Empresas e Letras. É autor dos livros: "O Voo do Querer no Infinito das Palavras", "O Inventário do Nada", "Outras Faces", "Poemas da Estrada e dos Atalhos", "Ainda Se Fala de Amor", "O Caminho e as Pedras" e "A Efemeridade do Eterno" (disponíveis na plataforma Uiclap).

SITIO NICOLAU

Casa de pau a pique
Esteios de braúna,
Resistentes como o amor.

Janelas em todos os lados,
Admiração dos horizontes,
Os sonhos do futuro.

Piso de tábuas rústicas,
Rangendo ao pisar,
Lembrando que há família.

Cozinha de terra batida,
Fogão à lenha bem no meio,
Alimento do corpo e da alma.

As brincadeiras no girau,
Reclamações do pai e da mãe,
Felicidade traduzida.

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE MINHAS RAÍZES

Sempre carreguei no corpo
O cheiro de mato,
O inebriante perfume de floresta.
E trago na alma
A limpeza do ribeirão
E a vida que a água refaz.

Mesmo distante de Santa Cruz,
Meus pés demonstram
As léguas caminhadas.
E a caminhar,
Revisando infância,
Adolescência e juventude.

O verde continua
A correr em minhas veias
Como necessidade primordial
Do viver.

Hoje, longe do verde,
Trago na alma a alma
De toda árvore
Que reverenciei um dia.

Os versos seguem
Os mesmos passos
Das léguas adiantes
Que um dia percorri
E que impulsionam
Meu caminhar.

Mesmo longe da serra,
Meu corpo é alimentado
De terra
E exala o aroma
De saudade
Da terra molhada.

Há uma floresta inteira
De lembranças
E uma cachoeira
De saudades.

Há Santa Cruz,
Há Caxambu,
Há Antônio Dias
Correndo em minhas veias,
Permitindo-me viver.



MALICE GOMES

Sou Maria Alice Gomes da Silva, para os livros sou Malice Gomes, chego aos setenta e um anos apaixonada por escrever, usando a Literatura, na sua atual concepção, como salvação dos males da vida. Após experimentar ser Professora, Pedagoga, Pós-Graduada em Educação Ambiental e Gestão em Educação Fiscal já considero quarenta anos de profissão suficientes. Agora sou Malice a Contista\Cronista e Aprendiz!

O PRESENTE

Ganhava muitos presentes aquela menina. O que fazia ela se sentir muito rica, porém entre tantos presentes tinha sempre o inesquecível, para qualquer menina que vivem no mundo das princesas e dos príncipes em sua imaginação. Vou contar sobre um presente agora: — um irmão mais velho!

Pode parecer um fato comum para muitos, mas para aquela família foi algo construído, bem tecido entre *AS IR-MÃES.* Entre Combinados e trocas de favores e querendo já definir a posição de Mães das crianças; as irmãs faziam entre elas uma simbiose perfeita de cumplicidade e amor familiar. A mais velha teve duas filhas e a mãe do menino teve apenas ele. E rapidamente aqueles que, naturalmente por laços seriam primos se fazem irmãos. E não seria nada demais se vivessem, um pouco mais apartadas mas era exatamente o oposto, eram irmãs que cuidam dos seus filhos em conjunto. Eram um conjunto de

MÃES de IR-MÃES, Terezinha e Hilda eram inseparáveis.

Tudo começa quando a mãe das meninas se casou e o Noivo já carregava orgulhoso o sobrinho no colo, o robusto bebê que o noivo exibia era José Antônios afilhado do casal, filho da viúva Therezinha. José Antônio, o bebê negro brilhante sorridente chegou dois anos antes das meninas. Hildinha tem primeiro Nilza e depois Maria Alice, essa caçula adorava ter irmãos. Tão logo que aquela miúda nasceu o irmão já rebatizou com o nome que achou mais adequado. Achava que ambos tinham uns nomes de mais... pra que isso tudo; dois nomes José Antônio e Maria Alice, até para falar demora.

O apelido era bem mais forte do que o nome; tanto que a menina cresceu querendo trocar de nome, achava que não tinha nada de Maria e sim de Mara. Ela cresceu assim Formavam uma dupla boa de aprontar coisas emocionantes; às vezes em trio ou mesmos sexteto de primos que vinham visitar a casa

das meninas. Eles e saíam esquentando o Catete ou viajavam sentados no sofá contando histórias dos livros, das que foram aprontadas lá fora ou inventadas.

Ir para praça era a aprontação preferida. Foi em uma dessas aprontadas que a dupla Jose e Mara decidiu ver se a obra do bondinho lá no Cosme velho estava bem adiantada. Apesar de terem pedido a mãe para brincar na praça do Largo do Machado eles resolveram ir além do que como criança, achavam bem pertinho. O plano era só ir e voltar correndo... seria como entrar na fila do Balanço várias vezes. Afinal era verão; não tem aula e... Vamos... E começam a correr pela calçada da Igreja da Glória. Mara vai pensando, como é muito bom correr na calçada! Desviar das pessoas, sentir o rosto ficando suado e secando, no embalo da sua carreira, com o seu próprio vento na corrida e com um detalhe; o irmão mais velho estava com ela era só o que importava.

Só que a natureza no Rio de Janeiro gosta de ser incerta ; como por exemplo, pensar em fazer algo escondido e não ser descoberto.

Era tarde de verão e parece que este clima dono do tempo em janeiro, não gostou dessa ideia de fugidinha no fim da tarde para ver bondinho e mostrou que Verão sem temporal no fim de tarde não é Verão do Estado da Guanabara... porque mal a dupla chega ao seu destino e começam a debater sobre sua minuciosa inspeção infantil ao bondinho mais famoso da cidade; começa a escurecer e o Cosme velho parece ainda mais velho.

Aquela sombra escura no céu, foi mudando as cores de tudo e de repente parecendo que todos os carros estão buzinando de todos os lados . Em minutos tem muita gente passando apressadamente.

Pareceu que alguém gritou com eles: — Ei!!! passa pra casa crianças... mas não deu tempo porque na metade do caminho já estavam ensopados pela chuva. E lá iam eles, levando muito teco daqueles

pingos grossos da chuva de verão. Com tanta chuva claro que a Rua das Laranjeiras encheu e a água começou a subir rápido, chegando quase à cintura da pequena Mara. Então o jeito era subir em muros baixos e gradeados e virar gato; porque a cada carro que passava as ondas fazia dupla voltar mais um pouco e demorando mais ainda pra chegar ao destino.

Já haviam caminhado ou seria certo dizer, já haviam nadado do o trajeto quase todo quando a chuva começa a diminuir, afinal chuva de verão passa rápido e as horas também. Enfim chegaram e ao olhar a praça onde deveriam estar, percebem o balanço vazio é que constataram que a noite chegou e com certeza já eram procurados, o que fez eles pensarem na realidade —Acho que vamos levar uma boa surra.

Quando se encaminham para o lado de casa já percebem um grupo agitado falando alto e molhados, era pai era mãe, irmã, vizinho, açougueiro guarda-

chuvas e etc. todos querendo saber o que aconteceu com duas crianças que deveriam estar na Praça durante o temporal. Eles queriam respostas; mas falavam ao mesmo tempo e a fala mais estranha que Mara conseguia ouvir era: — Você caiu no bueiro.. você caiu no bueiro... te levaram pra onde... e antes que a mãe os pegasse de chineladas ali mesmo, o Pai pega a menina no colo e mostra para os bombeiros exclamando — achamos, já achamos os dois!

Em casa a mãe mostra o par de chinelos que foi achado perto do bueiro lá na praça e conta o desespero dela vendo a chuva e não vendo as crianças chegarem; a menina nem sabia que estava descalça.

Saibam que a sortuda não apanhou por que o irmão mais velho entrou na frente dizendo: — Fui eu que chamei ela, acho que ela nem queria ir. E empurrou a irmã para o banheiro e a mãe desistiu de bater no menino, optando por coar um café. José olha bem sério para a irmã e faz sinal de silêncio com o dedo

nos lábios. Acho que foi assim que ela descobriu que o irmão mais velho é um grande *presente,* mesmo quando o resultado sejam muitos espirros e castigo de uma semana. Mas ninguém apanhou; e segue as férias sem muitas novidades.

O POTE DE KARO

Maria, Mara, Maroca continua a mesma pequena avoada e a cada deslize ela conta ou sempre espera, que seu *presente* irmão vai salvá-la da mãe, que não tem nenhuma vontade de cumprir as chineladas que ameaça Maroca mas, ela abusa em curiosidade em tagarelice é muito enxerida também.

Talvez por isso amasse tanto o lanche da tarde em sua casa aos sábados. podia desfrutar de uma das suas grandes paixões. KARO. Aquele em tom dourado cheiro indescritível Aquela maravilha era... *um pote de KARO...* aquele melado grosso e pesado

que trazia uma doçura inebriante, que quando colocado no pão francês virava o manjar dos deuses de Mara. Conseguia transformar aquele kitnet, em um pomposo Palácio onde o Hildinha e Terezinha reinavam soberanas nas funções de Mães, as portadoras das novidades; sempre elegantes e bem humoradas as ir mães eram as craques na cozinha, nas fantasias de Carnaval que nasciam de cortinas, das camisolas de seda e outras peças que não serviriam para o uso diário, viravam fantasias que iam embalaram muitas risadas das crianças. Nos infindável bate-papos as crianças podiam comer à vontade e falar baixo já que haviam duas Mães presentes.

Mas alguém precisava avisar Maroca que ela não era a princesa e que a mãe e a mãe estavam falando . contar para ela que não tinha súditos, nem privilégios. Bem, essa parte de não ter privilégios o Pai de Maroca e a Mãe até tentavam, mas havia sempre um dengo... e ela era muito convincente e

espertinha. Por vezes a tia Terezinha a chamava de artista e reforçava sempre sua inteligência, o que não as impedia de exigir modos de menina, compostura, educação, respeito aos mais velhos. E por isso a cena tão rápida e de poucas palavras deixaria constrangida a Tia e Hildinha desejando ardentemente, dar umas palmadas em Maroca e até colocar uma pimenta em sua língua afiada.

Era dia de folga de Terezinha ela sempre passava as tardes livres com a irmã e o filho que estava quase o tempo todo com seus "Paisdinhos", enquanto a mãe genitora trabalhava. José nunca reclamava de nada e falava pouco; por isso degustava seu pão com recheio de KARO e seu café, idem para Nilzinha que já pegava o seu pedaço do bolo de fubá, era o seu preferido. Já Maroca mantinha os olhos grudados no vidro de KARO, mesmo enquanto saboreava seu pão olhava e vigiava o vidro. Então após a tia se servir exclama o desnecessário:

— *deixa eu ver se o KARO abaixou muito...*

Silencio; houve um desconforto geral e até o super irmão se preparou para Maroca não escapar de ser castigada. Aquela falta do que falar foi rebatido pela dois irmãos — olha a menina mimada egoísta... faladeira...

José completa ainda completa — *virou fiscal de KARO Maroca*

A TIA tentou sorrir dizendo. S*erá que só você pode comer...*

A mãe, já refeita do susto a pega pelo braço e leva pra pequena cozinha, onde ameaça com o vidro de pimenta, aquele que aguarda as meninas linguarudas para lembrarem "com quantos paus se faz uma canoa"...

José já percebendo o que estava para acontecer pergunta: — onde está a fiscal de KARO. Só então tia Terezinha percebe o que está para acontecer e se

levanta rápido. Quase num pulo puxa a pequena de volta para a mesa e, quase volta tudo a calmaria. Mas não antes da Tia dizer baixinho para pirralha chorosa..." não pode ser egoísta tem que dividir com todos e não repreenda nunca os mais velhos é feio". José sorri para guria chorosa, que enfim envergonhadamente, percebe ter errado no comentário que fez sobre o maravilhoso pote de KARO. Pediu desculpas e se calou. mais logo seu irmão seu maior *presente* vai inventar alguma coisa para manter seu sorriso e sua língua afiada bem ocupada. E seguem as férias!



MARCIA HELENA DA SILVA MELLO

Sou Marcia Helena da Silva Mello e sou professora. Quando adolescente, gostava de escrever meu dia a dia e pequenos versos em meu diário. Recentemente, incentivada por uma amiga, voltei a escrever fábulas e redescobri o amor pela escrita.

ÍRIS LUZ, A ESTRELA

Havia dias em que o sítio estava agitado. Vovô Rafa andava de um lado para o outro, sempre carregando alguma coisa. Eram tábuas, latas de tinta e ferramentas.

Zeca e Íris Luz observavam as reformas e se questionavam sobre a construção de um espaço chamado "Parque de Exposições". O que seria aquele lugar? O curioso era que Zeca, o rato mais esperto do sítio, sabia explicar o que era ou para que serviria aquele enorme espaço.

Vamos perguntar aos moradores do sítio. — Disse Íris Luz.

Então Zeca e Íris Luz iniciaram a investigação. À medida que caminhavam, faziam a mesma pergunta a todos que encontravam: você sabe o que significa Parque de Exposições? Sabe o que está acontecendo no sítio?

Caminharam o dia todo e conversaram com muitos

amigos e vizinhos.

Snow, o gato branco mais preguiçoso de todos, estava, como sempre, dormindo no telhado, quando acordou com a voz fina e estridente de Zeca, que gritava:

— Snow, você sabe o que é Parque de Exposições? Sabe o que está acontecendo no sítio?

Snow, ainda sonolento, bocejou, fez cara de tédio e disse: — Que vento? Aqui não está ventando.

"Uááá"… O gatinho abriu a boca em um bocejo longo e preguiçoso, preparando-se para mais uma soneca.

Zeca, vendo que o bichano ainda estava sonolento, comentou com a amiga sobre a surdez do gato e os dois seguiram.

Mais à frente encontraram Paciência, a vaca mais mansa de todas. Como sempre, ela estava embaixo da árvore, ruminando o café da manhã.

Íris Luz perguntou:

— Comadre Paciência, a senhora sabe o que é Parque

de Exposições? Sabe o que está acontecendo no sítio? Dona Paciência, com a boca cheia, respondeu com seu mugido mole e arrastado.

— Muuu, sei não, comadre, sei não…

Os dois caminharam um pouco mais e encontraram Lola, a galinha mais arrogante e orgulhosa daquela localidade.

Íris, que sofria com o deboche e as piadinhas da Lola, deixou que Zeca fizesse a pergunta.

Você sabe o que é Parque de Exposições? Sabe o que está acontecendo no sítio? — Perguntou o ratinho Zeca.

Lola não deu resposta e continuou o que estava fazendo, demonstrando desprezo pelos recém-chegados.

Zeca repetiu a pergunta e, mais uma vez, ficou sem resposta.

Eles já estavam desanimados, pensando em desistir, quando encontraram Chico, o porquinho amigo que, ao ouvir a pergunta, de pronto respondeu:

— Oinc, oinc, amigos, eu não sei, mas com certeza o Dr. João, o jabuti, sabe. Pergunte a ele.

— Chico tem razão — disse Zeca. Vamos falar com o jabuti!

Achar o jabuti não era tarefa fácil; ele vivia escondido. Por isso resolveram solicitar auxílio a Apolo e Athos, dois cachorros gigantes e muito espertos que tomavam conta da casa do vovô Rafa. Em pouco tempo, encontraram o Dr. João escondido no monte de feno.

Zeca, impaciente, foi logo perguntando:

— Dr. João, o senhor sabe o que é Parque de Exposições? O que está acontecendo no sítio?

O jabuti, que é por natureza lento e tranquilo, disse:

— Calma amigo, não é nada para se preocupar. No sítio acontecerá uma feira de galinhas ornamentais e raras. E completou: — Você, amiga Íris Luz, será a estrela do sítio e irá desfilar com suas lindas penas.

Zeca ficou surpreso com a revelação e muito orgulhoso da amiga. Ele tinha certeza de que o

momento da amiga estava chegando. Ela brilharia ainda mais.

Íris continuava de bico aberto, sem acreditar na revelação trazida pelo jabuti. O sonho dela ainda era voar. Desfilar não estava em seus planos. Ela era muito tímida e insegura.

Lola, que estava escondida, não gostou nada do que ouviu e, movida pela inveja, arquitetou um plano para impedir que Íris fosse ao evento. Sabendo da insegurança de Íris e, com a ajuda de outras galinhas invejosas, começaram o boato de que Íris não era mais a mesma, estava velha e suas penas haviam perdido o brilho. Cochichavam entre si sempre que Íris Luz passava.

O ratinho Zeca não demorou para perceber o que estava acontecendo. Ele chamou os amigos de Íris, que contaram o plano das outras galinhas.

No dia do evento, Íris apareceu mais radiante do que nunca. Suas penas brilhavam e ela parecia flutuar em meio a tanta beleza. Não se via medo ou insegurança

em seus movimentos. Era como se ela voasse enquanto todos a admiravam.

Zeca, feliz com o sucesso da amiga, pensava: brilha, minha estrela, você não precisa voar para alcançar o céu.

Moral da história: quando temos amigos verdadeiros, as palavras contrárias não impedem nosso sucesso.



MÁRCIA VALES FERREIRA

Sou Márcia Vales Ferreira, professora doutora em Humanidades, Culturas e Artes, terapeuta de família, psicopedagoga e especialista em Educação Especial Inclusiva e Educação Infantil. Amo a infância e acredito na potência de cada criança, em suas singularidades, possibilidades e diferentes formas de aprender, brincar e se expressar. Minha trajetória profissional e acadêmica é marcada pelo compromisso com uma educação inclusiva, sensível e comprometida com o desenvolvimento integral da criança, compreendendo o planejamento e as práticas pedagógicas como caminhos para construir possibilidades de participação, aprendizagem e pertencimento.

QUANDO O PLANEJAMENTO APRENDE A OLHAR: A IMPORTÂNCIA DO PEI EM PROL DA CONCRETUDE DE AÇÕES COLABORATIVAS

Há crianças que chegam à escola carregando silêncios que ainda não aprenderam a dizer. Crianças que falam com os olhos, com o corpo, com o movimento, com o desenho, com o gesto, com a brincadeira que inventam quando ninguém lhes diz como brincar.

E há crianças que, antes mesmo de serem conhecidas, já foram descritas.

"Não acompanha."

"Não participa."

"Não consegue."

"É diferente."

Mas uma escola que educa não pode se contentar em descrever uma criança. Precisa aprender a escutá-la. É nesse lugar de escuta que o Planejamento Educacional Individualizado — PEI — ganha sentido. O PEI não é apenas uma folha preenchida, uma

formalidade burocrática ou um conjunto de metas guardado em uma pasta. É, antes de tudo, um compromisso ético com a singularidade humana. É olhar para cada criança e perguntar: quem é esta criança, o que ela já sabe, o que deseja descobrir e quais caminhos podemos construir para que ela aprenda, participe, brinque, interaja e se expresse?

Planejar individualmente não significa separar. Significa incluir. Não significa oferecer menos, mas encontrar outras possibilidades; não significa diminuir expectativas, mas ampliar caminhos para que cada criança possa alcançá-las.

O PEI nos convida a abandonar a ideia de uma infância universal, como se todas as crianças devessem aprender no mesmo tempo, da mesma maneira e pelos mesmos caminhos. Crianças não caminham em ritmos idênticos, não descobrem o mundo pela mesma porta e não constroem conhecimento utilizando as mesmas linguagens.

Uma criança pode encontrar na música aquilo que

ainda não encontrou na fala. Pode encontrar no movimento aquilo que não encontrou no papel. Pode encontrar na brincadeira aquilo que não encontrou na atividade dirigida. E pode encontrar no olhar de um professor aquilo que ainda não conseguiu encontrar em si mesma.

Por isso, o PEI é também uma forma de esperança. Esperança pedagógica. Esperança porque parte da convicção de que nenhuma criança está pronta, acabada ou limitada ao que já conseguiu realizar. Toda criança carrega possibilidades que podem florescer quando encontra um ambiente que acolhe, desafia, respeita e acredita.

O PEI nos ensina que, para garantir participação, às vezes é preciso transformar o espaço, reorganizar o tempo, adaptar materiais, ampliar linguagens, antecipar rotinas, criar apoios e observar com mais atenção.

É preciso perguntar não apenas "o que esta criança não consegue fazer?", mas principalmente: "O que

podemos transformar para que ela consiga?”

Essa mudança de pergunta transforma também o olhar.

Onde antes havia “limitação”, passa a existir possibilidade de apoio.

Onde havia “incapacidade”, passa a existir outra forma de aprender.

Onde havia “não participa”, passa a existir a necessidade de compreender quais barreiras estão impedindo sua participação.

Assim, o PEI não deve aprisionar a criança em uma definição. Ao contrário, deve permitir que ela se movimente para além dela.

O planejamento precisa ser vivo: observar, registrar, interpretar, planejar, experimentar, reavaliar e recomeçar. O que hoje representa uma necessidade pode amanhã transformar-se em autonomia. E o que hoje exige mediação pode, com o tempo, tornar-se conquista. Por isso, planejar também é aprender. O professor planeja para a criança, mas aprende com

ela.

Aprende que o silêncio também comunica. Que a repetição pode ser uma forma de segurança. Que a brincadeira revela pensamentos. Que o corpo produz conhecimento. Que o tempo de uma criança não é um erro a ser corrigido. Que a diferença não é um problema pedagógico, mas uma condição da própria existência humana.

O PEI também nos lembra que ninguém conhece uma criança inteira sozinho. A família conhece histórias que a escola ainda não ouviu. O professor conhece descobertas que acontecem no cotidiano. A orientação educacional percebe relações, vínculos e contextos. A equipe pedagógica transforma observações em possibilidades educativas. Quando esses olhares se encontram, o planejamento deixa de ser fotografia e passa a ser movimento.

A inclusão não acontece apenas quando a criança entra pela porta da escola. A inclusão acontece quando ela encontra lugar para existir dentro dela.

Lugar para brincar.

Para falar.

Para silenciar.

Para experimentar.

Para errar.

Para recomeçar.

Para ser reconhecida não pelo diagnóstico, pela dificuldade ou pela diferença, mas como criança, sujeito de direitos, produtora de cultura e protagonista de sua própria história.

Por isso, o PEI não deve ser compreendido apenas como um documento sobre a criança, mas como uma construção com a criança, considerando sua história, suas potencialidades, suas necessidades, suas relações e suas formas singulares de estar no mundo.

Talvez essa seja uma de suas maiores potências: fazer com que a escola deixe de perguntar por que determinada criança não cabe no planejamento e comece a perguntar como transformar o planejamento para que ela caiba na escola inteira.

Porque a escola que inclui também se transforma. Muda seus tempos, seus espaços, suas práticas e suas certezas. O professor torna-se pesquisador do cotidiano, observador atento, mediador de experiências e inventor de possibilidades.

E cada PEI deveria carregar mais do que objetivos e estratégias. Deveria carregar uma promessa: "Eu vejo você". Vejo aquilo que você consegue. Vejo aquilo que ainda está construindo. Vejo suas formas de se comunicar. Vejo seus interesses. Vejo suas pequenas conquistas. Vejo suas dificuldades sem transformá-las em sua identidade. E, principalmente: Eu acredito que você pode aprender.

Talvez seja essa a essência de uma educação verdadeiramente inclusiva: não aquela que apenas recebe, mas aquela que reconhece; não aquela que apenas adapta atividades, mas aquela que transforma barreiras em possibilidades; não aquela que olha para a diferença como falta, mas aquela que compreende a diferença como parte da riqueza de

estar junto.

O PEI é, portanto, mais que planejamento.

É encontro.

É escuta.

É compromisso.

É movimento.

Porque toda infância é feita de começos. E quando a escola planeja com sensibilidade, conhecimento e compromisso, ela não escreve o destino de uma criança. Ela abre caminhos para que a própria criança possa escrevê-lo.

No fim, talvez o verdadeiro PEI seja aquele que desaparece como papel e permanece como atitude: no olhar do professor, na organização do espaço, na escolha de um brinquedo, na adaptação de uma experiência, na paciência diante de um tempo diferente, na escuta de uma família e na celebração de uma pequena conquista.

Permanece quando alguém, diante de uma criança, escolhe não dizer: “Ela não consegue.” E pergunta:

"O que podemos fazer para que ela consiga?"

É nessa pergunta que começa a inclusão. É nessa pergunta que o planejamento ganha vida. E é nessa vida — feita de diferenças, possibilidades, encontros e descobertas — que o PEI encontra sua verdadeira razão de existir: garantir que cada criança tenha não apenas um lugar na escola, mas um lugar de pertencimento, participação, aprendizagem e autoria dentro dela.

Porque cada criança não precisa caber em um único caminho. É o caminho que precisa se abrir para que cada criança possa florescer.



MARCOS DA ROCHA

Marcos da Rocha nasceu em Santos Dumont, MG — Terra do Pai da Aviação. Em 2003, cancelou suas atividades profissionais (vendas e aulas particulares) para se dedicar integralmente ao cuidado de sua mãe durante sua jornada com o Alzheimer, experiência que transformou sua trajetória e fundamentou sua missão de vida. Escritor de vários livros (3 obras na Bienal de São Paulo 2026) e criador de conteúdo digital, foca seu trabalho na promoção da dignidade e no apoio à população 60+. Paralelamente, construiu uma sólida trajetória como jornalista e entusiasta da teledramaturgia, acumulando incontáveis entrevistas e publicações sobre artistas em veículos nacionais, além de ser apaixonado por viagens e fotografia.

AS MÃOS QUE TECEM A MEMÓRIA

Estar ao lado de meus queridos pacientes é receber o abraço maravilhoso de Deus. Essa certeza me sustenta desde que cruzei pela primeira vez o umbral daquela casa de repouso, em 2003. Na época, movido pela ingenuidade dos meus primeiros anos na profissão, eu achava que vinha para ensinar, para cuidar, para ser o suporte estritamente físico de corpos cansados pelo peso inexorável dos anos. Mal sabia eu que seriam eles, com seus passos lentos, suas respirações pausadas e olhares profundos como abismos, os grandes mestres da minha própria alma.

O tempo, que costuma ser implacável com os ponteiros apressados do relógio no mundo lá fora, ganha outro ritmo e outra consistência quando entramos no território sagrado da velhice. Ali, ele desacelera, vira pó de giz, memória guardada no fundo de uma gaveta ou suspensa em um suspiro longo que traz ecos de uma infância distante. Dona

Helena, por exemplo, passava as tardes inteiras à janela, olhando para a rua poeirenta, esperando um filho que a vida levou cedo demais. Nos primeiros meses, meu impulso técnico, moldado nos manuais frios da academia, era lembrá-la da realidade, corrigir a rota daquela saudade dolorosa. Eu queria trazê-la de volta ao presente à força de fatos lógicos.

Até que, numa tarde silenciosa, eu compreendi o erro da minha rigidez: a dor dela não precisava de lógica, precisava de colo. Sentei-me ao seu lado, na mesma altura dos olhos, segurei suas mãos enrugadas — verdadeiros mapas vivos de uma história inteira sulcada por alegrias e lágrimas — e perguntei como era o rosto daquele menino. Seus olhos baços se iluminaram subitamente, como velas acesas na penumbra. Naquele instante, o passado voltou a habitar o presente, e eu aprendi que o cuidado humanizado começa exatamente onde a nossa pressa desiste e o afeto assume o comando.

Cuidar de uma pessoa idosa nunca foi, e

nunca será, apenas administrar comprimidos em horários rígidos, ajustar travesseiros ou zelar pela higiene com eficiência mecânica. Isso é o mínimo; é a base da técnica. O verdadeiro cuidado é ser guardião de biografias. Cada ruga no rosto de um velho guarda um segredo, um amor antigo que resistiu ao tempo, uma perda superada na marra, uma vitória silenciosa que o mundo apressado esqueceu de aplaudir. Seu Antônio, um antigo carpinteiro de mãos calejadas pela lida com a madeira bruta, já não conseguia segurar um martelo sem que os dedos tremessem. No entanto, toda vez que eu entrava no seu quarto, ele pedia para medirmos a pressão. Não por precaução médica real, mas porque aquilo era o pretexto perfeito, a desculpa humana para ter alguém com quem conversar sobre árvores, sobre a firmeza do ipê e sobre a importância sagrada de ter raízes profundas na terra.

Nesses encontros cotidianos, percebi que a velhice não é uma espera melancólica e inútil

sentada no banco da praça; é o outono da vida, uma estação de cores intensas e maduras, onde a verdadeira beleza reside justamente na essência que se revela quando as folhas caem e sobra apenas o tronco essencial. É a nudez da alma humana.

Em mais de duas décadas de estrada, vi partidas dolorosas que rasgam o peito e sorrisos simples que iluminavam corredores inteiros de ponta a ponta. Vi filhos que esqueceram o endereço dos pais e idosos que lembravam, com riqueza de detalhes impressionantes, do som da sanfona do primeiro baile na juventude. E, no fundo de cada olhar marejado que encontrava o meu nos momentos de vulnerabilidade, eu sentia a mesma presença inconfundível. Deus não se manifesta apenas nos grandes altares de mármore ou nos discursos eloquentes; Ele se esconde no silêncio de um quarto de repouso, na sopa servida com paciência a quem já não tem forças para segurar a colher, no carinho de um cafuné despretensioso e na paz profunda que

brota quando alguém, no fim da jornada, finalmente se sente visto, ouvido e amado por quem quer que seja.

Enquanto eu limpo uma lágrima furtiva ou seguro um passo trêmulo para evitar uma queda, sou sempre eu quem recebe a graça maior. Continuo a minha caminhada diária com a certeza absoluta de que a velhice que acolhemos hoje com reverência é o espelho exato do que seremos amanhã, e que a humanidade de uma sociedade se mede, sem desculpas, exclusivamente pela ternura com que tratamos aqueles que já trilharam o caminho espinhoso antes de nós.

O SILÊNCIO QUE PERMANECE: O LEGADO DE VIDAS INTEIRAS

As mãos que hoje seguro com a delicadeza de quem carrega uma porcelana frágil e preciosa já foram mãos fortes, calejadas, que construíram

estradas, plantaram lavouras na terra árida, embalaram o choro de filhos pequenos e escreveram, com o suor do próprio rosto, histórias inteiras de luta e coragem. Desde 2003, cruzo diariamente o limiar invisível que separa a agitação da rotina comum e o crepúsculo silencioso da vida. Nessa longa e transformadora jornada como cuidador humanizado, aprendi que a velhice não é apenas o outono melancólico dos dias; é a estação mais profunda e verdadeira, aquela em que a essência humana se desnuda de toda a pressa e de todas as máscaras que o mundo nos obriga a vestir.

Trabalhar de perto com a finitude humana é, antes de qualquer técnica, um exercício diário de desapego e reverência. Meus pacientes, em sua maioria, já caminham na penumbra suave de suas lembranças mais antigas, onde nomes se embaralham, datas se perdem no horizonte e o presente se torna um borrão passageiro. Mas há um território sagrado que a doença, por mais cruel que

seja, nunca consegue alcançar: o território intocado do afeto. Quando as palavras já faltam, quando a gramática do mundo se dissolve, é no aperto firme de mão, no olhar prolongado que atravessa o tempo e no silêncio partilhado com respeito que a verdadeira comunicação humana acontece. Eles me ensinam, sem precisar proferir um único discurso pomposo, que a urgência neurótica com que vivemos o mundo exterior lá fora é apenas uma grande e vazia ilusão.

Lembro-me com carinho indescritível de Dona Helena, uma mulher cujos olhos guardavam o azul de mares distantes. Ela passou semanas inteiras repetindo pacientemente uma única pergunta sobre um filho que a vida já havia levado anos antes. Havia dor ali, é claro, uma ferida que o tempo não conseguiu fechar totalmente, mas havia também uma poesia secreta tecida na repetição. Certa tarde, ao segurar as minhas mãos com uma força inesperada, ela me olhou com uma lucidez súbita, daquelas que

parecem rasgar o véu do mundo, e disse com voz mansa: "Marcos, o que a gente leva daqui é só o que a gente amou". Aquela frase simples, dita sem nenhuma pretensão filosófica, ecoa até hoje em cada quarto escuro de hospital ou de casa de repouso onde entro, transformando-se na bússola mais exata da minha existência.

A finitude com a qual convivo todos os dias nos confronta impiedosamente com o espelho. Olhar para aqueles corpos cansados, para a respiração que aos poucos vai se tornando mais mansa, espaçada e leve, é aceitar, de uma vez por todas, a nossa própria vulnerabilidade passageira. A morte deixa de ser aquela figura sombria e temida que espreita nos corredores escuros e passa a ser compreendida, com o perdão da palavra, como a última e mansa curva de um rio que finalmente reencontra o vasto mar. Nossos idosos são os maiores e mais silenciosos mestres nessa travessia inevitável. Eles nos ensinam, na prática da dor e da superação, a desacelerar o

passo, a perdoar com mais facilidade as pequenas ofensas, a valorizar o calor simples de uma xícara de café compartilhada na varanda e a entender definitivamente que o tempo não se mede pelos ponteiros apressados de um relógio de pulso, mas pela intensidade com que conseguimos fazer morada no coração do outro.

Quando um ciclo terreno finalmente se fecha e o leito fica vazio, o quarto nunca está verdadeiramente desocupado. O perfume da memória permanece impregnado nas paredes, nos lençóis dobrados, no ar que ainda parece vibrar com a presença daquela alma. Fica a saudade pesada, sim, que aperta o peito e traz lágrimas inevitáveis, mas fica sobretudo a gratidão imensa por ter tido o privilégio de testemunhar o desabrochar final de almas que confiaram a mim os seus últimos e mais sagrados capítulos. Cuidar de quem caminha para o fim da estrada é, no fundo, aprender a arte sublime de começar de novo todos os dias, levando para a

minha própria vida a certeza inabalável de que cada instante que nos é dado respirar é único, precioso e absolutamente irrepetível.

AS MARCAS DO TEMPO E O ABRAÇO QUE SUSTENTA

O relógio de parede na sala acolhedora da casa de dona Helena marcava exatamente três da tarde, mas para ela, enredada nos labirintos sutis da mente, as horas já não obedeciam ao tique-taque rígido dos ponteiros; deslizavam suavemente como uma névoa matinal sobre os campos. Desde 2003, Marcos da Rocha conhecia profundamente essa geografia complexa e delicada do esquecimento. Com as palmas das mãos calejadas pela lida diária e o olhar macio, carregado daquela paciência de quem aprendeu a escutar o que o silêncio tem a dizer, ele ajustou com todo o cuidado o xale de lã xadrez sobre os ombros caídos da senhora. Em seguida, puxou

uma cadeira de madeira e sentou-se bem ao seu lado, na mesma altura dos olhos. Ali, naquele instante suspenso, não havia pressa alguma, não havia relatórios ou prontuários médicos frios a preencher, apenas duas existências humanas compartilhando o mesmo fôlego e o mesmo espaço sagrado.

— Marcos, meu filho, por acaso você viu o meu chapéu de fita azul? A festa na praça já vai começar daqui a pouquinho e o trem lá embaixo já está apitando na estação — murmurou ela, com a voz embargada pela doce ingenuidade de uma mente perdida nos campos dourados da juventude, um tempo que o vento do mundo levou para longe.

Marcos não a corrigiu. Não teve a crueldade técnica de dizer que a velha estação ferroviária daquela cidadezinha do interior havia fechado as portas há décadas, nem que o chapéu de fitas azuis repousava apenas como lembrança nas fotografias empoeiradas guardadas no fundo da cômoda. Em vez de impor uma realidade nua e crua que só traria

desespero, ele sorriu com uma comiseração terna e profunda, daquelas que não humilham nem infantilizam, e segurou firmemente as mãos frias de dona Helena entre as suas, aquecendo-as demoradamente com o calor genuíno de um cuidado que brotava direto do coração.

— O trem ainda vai demorar um pouquinho para chegar, dona Helena — respondeu ele com voz calma e compassiva. — Mas, enquanto ele não apita na curva, a senhora não quer me contar como era o baile de outrora?

Cuidar, para Marcos, nunca representou uma mera questão de técnica fria, de cumprimento burocrático de ordens ou de obediência cega a um relógio de ponto. Em mais de duas décadas inteiras dedicadas incansavelmente a ser o porto seguro daqueles que naufragam na própria memória, ele entendeu que a velhice profunda é, no fundo, uma espécie de regresso inevitável. Os idosos, despidos pouco a pouco de suas antigas forças físicas e de suas

certezas profissionais, voltam a ser como crianças que precisam desesperadamente de colo, de paciência inesgotável e de alguém que valide com respeito a sua dor, os seus delírios e a sua alegria. Cada banho dado com a máxima suavidade, cada colherada de sopa oferecida sem pressa no canto da boca, cada palavra mansa sussurrada bem ao pé do ouvido era um ato diário e corajoso de resistência contra a invisibilidade social que o mundo insiste em lançar sobre quem envelhece.

Enquanto dona Helena começava a narrar, com riqueza de detalhes imaginários, histórias românticas de um tempo que ele próprio não conheceu, mas que fingia recordar com os olhos brilhantes de genuína atenção, Marcos sentiu um nó apertar-lhe a garganta. Olhou bem para as rugas profundas e bem-marcadas no rosto daquela mulher e viu ali o mapa cartográfico de uma vida inteira de lutas invisíveis, amores intensos e perdas silenciosas. Ele sabia perfeitamente que, para a grande maioria

das pessoas lá fora, ela não passava de um fardo incômodo, de uma estatística fria na fila interminável da longevidade moderna. Mas para ele, naquele instante que transcendia o cotidiano, ela era o espelho mais puro da fragilidade humana, um ser absolutamente digno de toda a reverência.

O sol começou a baixar lentamente no horizonte, tingindo a vidraça da janela com tons dourados, alaranjados e melancólicos. Aos poucos, dona Helena foi se acalmando, a voz foi minguando e ela adormeceu tranquila, com a cabeça suavemente apoiada no ombro firme de Marcos, sentindo-se enfim segura em meio ao caos da própria mente. Ele permaneceu ali, imóvel, contendo até mesmo o próprio movimento para não correr o risco de despertá-la, sabendo no fundo da alma que a sua missão naquele quarto ia muito além de qualquer profissão. Cuidar com ética e com amor é, verdadeiramente, estabelecer uma conexão direta com o divino. É a maneira mais linda e humana de

dizer a um paciente o quanto ele ainda importa, mesmo quando o mundo inteiro já se esqueceu por completo de quem ele um dia foi.

O SILÊNCIO DAS MÃOS FERIDAS

As marcas arroxeadas impressas na pele flácida de seu Joaquim não constituíam meros hematomas físicos deixados às pressas por dedos grosseiros e impacientes; eram, antes de tudo, as cicatrizes profundas e purulentas de uma solidão infinitamente mais cruel do que qualquer agressão física. Desde o ano de 2003, Marcos da Rocha vinha exercitando diariamente a arte invisível, árdua e silenciosa da paciência na nobre profissão de cuidador de idosos. No entanto, havia manhãs em que a dureza inerente ao mundo lá fora parecia desabar com um peso desproporcional sobre seus ombros, testando os limites da sua própria fé na

humanidade. Naquela manhã cinzenta, ao começar a desabotoar cuidadosamente a camisa xadrez do senhor para o banho matinal, Marcos conteve bruscamente a respiração ao deparar-se com o mapa terrível da violência doméstica desenhado em carne viva bem diante de seus olhos.

Seu Joaquim, sentindo-se imediatamente exposto em sua honra, desviou o olhar com uma rapidez dolorosa, profundamente envergonhado com a própria fragilidade. Aos oitenta e dois anos de idade, ostentando ainda uma lucidez mental impressionante — o que tornava tudo ainda mais lancinante —, ele era lúcido o bastante para sentir o peso esmagador da humilhação. Com a cabeça baixa e os ombros curvados, murmurou num fio de voz quase imperceptível, tentando engolir o próprio choro:

— Foi apenas um tropeço na cadeira desajeitada da sala, meu filho... A idade avança e a

gente vai ficando desajeitado, perdendo o prumo das coisas...

A mentira esfarrapada e dolorosa ecoou pesadamente entre azulejos frios do banheiro pequeno, rebatendo nas paredes como um eco de culpa. Marcos sentiu um nó apertar-lhe a garganta, sufocando-o por instantes. Aquela não era, infelizmente, a primeira vez que ele testemunhava os sinais mudos e gritantes de quem, por obrigação moral e sanguínea, deveria zelar, amar e proteger, mas escolhia covardemente ferir. A violência contra a pessoa idosa é uma nódoa vergonhosa que todos nós, como sociedade civilizada, temos o dever intransigível de combater e denunciar incansavelmente. E isso não deve ser feito apenas por meio de palavras ocas de indignação orquestrada nas datas de campanha institucional, mas sim através de uma coragem inabalável diante do espelho implacável da nossa própria omissão coletiva. Quantas vezes, afinal, a sociedade inteira prefere

fechar os olhos e fingir demência para o neto impaciente que grita e agride, para o filho esgotado pelas pressões da vida moderna que maltrata quem o criou, ou para o abandono afetivo silencioso que corrói o idoso por dentro, lentamente, dia após dia?

Com as mãos visivelmente trêmulas de pura revolta e os olhos marejados de lágrimas contidas, Marcos molhou a esponja macia com água morna e começou a limpar o corpo envelhecido do idoso. Cada movimento seu carregava uma delicadeza extrema, transformando-se quase em uma prece sussurrada aos céus. Cada toque daquela toalha era, em essência, um pedido mudo de desculpas em nome de uma humanidade falha e cruel que havia traído e machucado aquele homem na reta final de sua existência.

— O senhor não tropeçou em cadeira alguma, meu querido seu Joaquim — disse Marcos, com a voz embargada pela emoção e revestida de uma firmeza amorosa, quebrando corajosamente o pacto

perverso de silêncio que a vergonha impunha à vítima. — Mas pode ficar tranquilo: o senhor não está mais sozinho nessa escuridão.

As lágrimas, represadas por um orgulho ferido e por um medo ancestral, finalmente escaparam pelos cantos dos olhos fundos e cansados de seu Joaquim, sulcando profundamente as rugas espessas de uma vida inteira dedicada ao trabalho honesto. Naquele instante supremo de rendição e entrega mútua, o cuidado cotidiano transformou-se em um verdadeiro porto seguro. Marcos sabia perfeitamente que o seu papel ali ultrapassava em muito a mera obrigação técnica de medicar horários, trocar fraldas ou alimentar bocas; era preciso devolver a dignidade roubada a quem havia sido transformado covardemente em alvo pela brutalidade alheia.

Enquanto enxugava com todo o zelo o rosto vincado do velho com uma toalha limpa, Marcos tomou a decisão irrevogável que a ética profissional

e o amor ao próximo exigiam. Sem hesitar, pegou o telefone na bancada, acionou imediatamente os órgãos competentes de proteção e realizou a denúncia formal. Não fez isso por qualquer resquício de crueldade ou desejo de punição cega para com a família, mas porque amar genuinamente quem envelhece significa, antes de qualquer outra coisa, assegurar com unhas e dentes que o crepúsculo de suas vidas não seja jamais vivido sob a tirania das sombras e do medo.

O PESO DA PARTIDA E O SILÊNCIO DA VERDADE

O quarto abafado daquele hospital fedia fortemente a éter, a produtos de limpeza rançosos e a uma desesperança muda, quase palpável, que parecia impregnar as paredes de tom verde-claro. Sobre a cama articulada, seu Lourenço respirava com extrema dificuldade, o peito arfando pesadamente de

forma compassada, como um fole velho e cansado que lutava para manter a última centelha de fogo acesa. Pelas frestas da janela empoeirada, o entardecer outonal derramava lentamente uma luz âmbar e melancólica, insistindo em iluminar o fim inexorável de uma jornada terrena. Desde o ano de 2003, Marcos da Rocha vinha colecionando despedidas ao longo de sua trajetória profissional, mas cada partida guardava sempre um peso inédito, uma anatomia singular e intransferível de dor. Movido pela intuição de quem conhece os sinais do corpo que se despede, ele aproximou-se do leito em total silêncio, ajeitou com extrema delicadeza o travesseiro afundado sob a cabeça do paciente e umedeceu-lhe os lábios ressecados e pálidos com um chumaço de algodão embebido em água fresca.

A porta do quarto abriu-se de repente, cortando a atmosfera densa, e a filha de Lourenço irrompeu no aposento carregando o mundo nos ombros. Tinha os olhos avermelhados pelo choro

compulsivo e o coração terrivelmente apertado pela negação da perda que se aproximava. Apertando contra o peito uma caixinha de veludo com fitas religiosas, ela inclinou-se desajeitadamente sobre o leito do pai, suplicando com um desespero lancinante que rasgava o ar:

— Meu pai, por favor, tenha fé! O senhor vai sarar dessa, Deus é infinitamente grande e vai operar um milagre grandioso aqui agora! É só o senhor querer lutar mais um pouquinho, não se entregue!

Seu Lourenço abriu os olhos muito lentamente, como quem ergue pesadas cortinas de veludo após uma longa noite de tempestade. Não havia a menor centelha de revolta naqueles olhos fundos, apenas uma exaustão infinita e profunda, a fadiga extrema de quem já havia lutado todas as batalhas possíveis ao longo de uma vida inteira e agora, exausto, só desejava o repouso absoluto. Juntando as últimas reservas de ar que restavam em seus pulmões falidos, com um fio de voz que mal rompia o silêncio do

ambiente, ele murmurou com mansidão:

— Minha filha... por favor, me deixa ir em paz.

A frase crua e sincera caiu no quarto como um golpe pesado, reverberando nas paredes e no peito de todos. A filha recuou instintivamente, assustada com a dimensão daquelas palavras, culpando-se amargamente por um instante de lucidez que ela não estava preparada para suportar. Ninguém salva ninguém de seu destino final. Cada ser humano vive o seu próprio processo intransferível, e a morte — essa velha companheira inevitável que a modernidade insiste pateticamente em esconder nos porões assépticos dos hospitais — cobra o seu tributo natural com a mesma simplicidade com que as estações do ano mudam. É totalmente errado, e por vezes cruel, dizer a um paciente terminal para ter fé inesgotável se o seu ciclo nesta existência já chegou estritamente ao fim, exigindo dele uma energia vital que há muito já se esvaneceu, unicamente para aplacar a angústia egoísta de quem fica.

E diante disso, onde fica a ética? Onde entra a verdadeira ética profissional e humana quando o amor legítimo se confunde com a ânsia desesperada de retenção?

Marcos sabia, com a maturidade de quem já segurara centenas de mãos na hora derradeira, que a verdadeira ética do cuidado no fim da vida reside visceralmente em respeitar a soberania absoluta da partida. Não cabe ao cuidador, e tampouco à família desesperada, impor a crença tirânica de que a luta contra a morte deve ser eterna quando o corpo físico e a alma já imploram por trégua. Forçar um paciente exausto a carregar o fardo pesado da nossa esperança egoísta é, no fundo, roubar dele a serenidade e a dignidade do seu último ato na Terra.

Com um gesto suave, Marcos tocou o ombro trêmulo da filha e a conduziu delicadamente para fora do alcance imediato do leito, olhando-a profundamente nos olhos com uma mansidão firme que transmitia segurança no meio da tempestade.

— Ele não está desistindo covardemente da vida, meu anjo — explicou Marcos em tom compassivo. — Ele está apenas cumprindo o seu ciclo com honra. Amar, agora, exige de nós a coragem imensa de segurar a mão e permitir que ele parta em paz.

De volta ao quarto, agora mergulhado na penumbra da noite que despontava, Marcos puxou a poltrona de corvim para bem perto da cama, segurou firmemente a mão trêmula e fria de seu Lourenço e ali permaneceu, transformando-se na testemunha silenciosa de um momento infinitamente sagrado. Sem falsas promessas, sem discursos vazios de autoajuda, sem milagres forçados. Apenas oferecendo a presença humana pura, a ética irredutível do respeito e o amor genuíno que dispensa palavras porque sabe, na essência, exatamente quando chegou a hora sagrada do repouso eterno.



MARIA DE FÁTIMA SOUSA VALERIO

Maria de Fátima Sousa Valerio, natural da cidade de Barras, no estado do Piauí. Servidora Pública Municipal, formada em Pedagogia e graduanda de Letras-Português. É casada e mãe de três filhos: Luís Antônio, Rodrigo e Maria Fernanda. Avó de: Luís Felipe e Lucas Benício.

O SONHO

Ainda te amo,
Mensagem recebida,
Ali acende a chama,
A mulher fica embebida.

O medo parecia real,
Naquele sonho proibido,
Tudo assomava natural,
O sinal havia surgido.

No silêncio da noite,
O coração pulsava,
A saudade era açoite,
Do amor que recordava.

Mas aurora desperta,
Leva o sonho encantado,
Deixa a lembrança aberta,
De um sinal revelado.



MARY MESQUITA

Mary Mesquita é escritora brasileira, autora de Fragmentos de uma Vida e A Escritora. Associada à União Brasileira de Escritores de Goiás (UBE), é graduanda em Letras – Português e Inglês e em Escrita Criativa. Sua produção transita entre a prosa e a poesia, com especial interesse pelas complexidades das relações humanas e pela construção de personagens femininas intensas. Participa de projetos, antologias e eventos literários e dedica-se atualmente ao desenvolvimento de novos romances.

A ESCOLHA DE SER INTEIRA

Colocaram-na de lado. Não ao lado — de lado.

—Fica aí — foi o que ele disse.

Não com palavras, mas com gestos, com ausências. Ano após ano, aquele lado foi se esticando.

O que antes era sutil, tornou-se escancarado.

—Esse é o seu lugar. Você não subirá degraus.

Não terá minha paixão, meu desejo e amor. Aceite. É o que tem!

Você não merece mais do que isso. E não era ele quem ela queria?

Não foi por ele que brigou, que enfrentou o mundo, que suportou o insuportável?

Então, por que chorava agora?

Um buraco negro começou a se abrir dentro dela. Era profundo o bastante para engolir o mundo.

Foi se encolhendo devagar, sumindo de si, até ficar em posição fetal.

Doía.

Dilacerava. Rasgava em silêncio.

Era um grito mudo, sufocado por dentro. Impotente, travada.

Alma em fiapos.

O coração miúdo, espremido, inquieto.

Então, em um dia que parecia não ter fim,

ela se deitou no chão

de um jeito torto, anêmica de esperança, com medo.

O chão frio parecia rejeitá-la também,

como se dissesse: "Não há lugar para você aqui." Era isso o que sentia:

que não havia lugar algum,

nem no mundo, nem em ninguém, para ela. Mas teimou,

deitou-se assim mesmo,

com o corpo frágil, doído, exausto e rejeitado. E, nesse instante,

nesse sopro de consciência, que percebeu

não era ela quem não bastava. Era ele que não enxergava.

E de um jeito torto, essa foi sua salvação. Levantou-se, não com força, mas com verdade,
com a certeza de quem havia se doado inteira. Ele é que nunca soube ler.
Ele não virou as páginas. Não soube se entregar.
Não soube amar.
E, com essa clareza de consciência, dolorosa, mas limpa, ela rumou.
Descobriu o amor-próprio. Descobriu-se.
Então partiu, sem escândalos,
com silêncio, um silêncio dela,
um silêncio sem equívocos.
Porque agora sabia
que jamais voltaria a ser colocada de lado. O lado não é lugar de pertencimento.
O lado é castigo, ausência e recusa. Ela se fez centro,
se fez frente, se fez inteira,
fez-se o que sempre deveria ter sido: o amor da sua própria vida.

AUSÊNCIA

A ausência não grita.
A ausência não berra.
Não chega dizendo:
— Estou aqui!
Me nota!
Me vê!

Não.
A ausência é silêncio.
É vento sutil,
inquieto,
perturbador.

Ela mora nos esquecimentos,
nas datas que se repetem,
na cadeira vazia,
na festa sem presença.

Doze... treze... quatorze...
quinze anos.
E o vazio sempre à mesa.

Foi quando deixou de me notar.
Foi quando abriu a porta para o estranho.
Foi quando me entregou,
sem defesa,
ao perigo.

A ausência me roubou.
Me roubou o colo.
Me roubou a inocência.
Me roubou até a infância.

E eu morri —
em cada silêncio,
em cada falta,
em cada ausência que devia ser presença.

Mas hoje...
hoje eu me vou.

Não volto ao lar que não me guardou.
Deixo a minha ausência
como lembrança dura
para quem não cuidou
da minha presença.

E sigo.
Ferida.
Mas viva.

E sigo,
mesmo invisível,
latente,
ainda minha.

Porque a ausência não me define.
Porque a dor não é o meu fim.
Porque dentro de mim
ainda pulsa
um começo.

É TARDE

É tarde... os pássaros se foram, o sol se pôs, e eu me fui também.
Fiquei nas pequenas coisas do dia:
o café esquecido,
a louça na pia,
as folhas caídas no quintal,
o vento fazendo desordem.
Eu me fui.
O café desceu pelo ralo,
e o cheiro forte ficou
nas louças, no piso, nas roupas.
Roupas esquecidas na máquina,
endurecidas pelo tempo.
Ah, o tempo.
Elas ficaram.
Eu me fui.
Sapatos pela casa.
Meias espalhadas.

Pó.

Pó.

Pó.

Maldito pó.

Limpa, limpa e limpa,

e ele nunca se esvai por completo.

Terra no solado do salto alto:

pequenos fragmentos de vida.

Vida.

Vida.

Não é para ser vivida?

Pronomes pessoais

ou possessivos na vida de alguém?

Você nunca foi meu, mas, por um instante, pensei:

você é meu.

Possessivo.

Tu... não voltas mais.

Sob o ipê-amarelo, fiquei anêmica, amarela.

TEMPO

A efemeridade tornou-se obsoleta,
cambaleante, quase cômica em sua pequenez.
Lidar com a passagem do tempo — da vida —
com o peso das escolhas que se acumulam como noites mal dormidas,
é um exercício de coragem silenciosa.
As estações mudam,
e nós mudamos com elas.
Trocamos de pele como quem abandona uma casa antiga:
abandonamos o viço, a maciez, o colágeno,
e herdamos uma superfície nova —
opaca, enrugada, fatigada,
uma pele que parece carregar memórias demais.
Do verão para o inverno,
lá se vão os cabelos,
a cor, a beleza que um dia brilhou sem esforço.
O preto luminoso se rende lentamente

a um cinza sem brilho, sem pudor, sem desculpas.
O espelho, esse velho delator,
nos devolve aquilo que evitamos encarar:
o tempo.
E o tempo, implacável em sua marcha,
não negocia, não recua, não se comove.
Ele apenas cumpre seu ofício:
ser cruel.

VERTIGEM

A chuva batia na janela.
A biblioteca guardava silêncio.
O livro fechou-se antes da noite.
Eu tinha vertigem de excesso.
Música alta.
Luzes partidas.
Pessoas demais.
Uma alma de menos.

Cambaleei entre vozes.

Respirei.

Subi escadas buscando silêncio.

Desci porque a festa insistia.

Respirei outra vez.

Casa.

Lar.

Casinha.

Ali ninguém gritava.

Às minhas costas, mil histórias.

Cheiravam a baunilha, mofo e flores.

Entre livros, voltei a respirar.

Ali ninguém me pedia disfarces.

Ali, enfim, pertenço.

A vertigem ficou do lado de fora.



MASSANORI TAKAKI

Escritor e roteirista, graduado pela UNICAMP, com pós-graduação pela UNIFESP, doutorado sanduíche na Universidade de Newcastle-upon-Tyne, Inglaterra, e dois pós-doutorados na Universidade de Wageningen, Holanda. Lecionou na UNESP. Tem Lato sensu em Cinema e Linguagem Audiovisual e em Jornalismo Digital pela UNESA.

O SOM AO NOSSO REDOR

É muito comum relacionarmos algumas músicas à nossa infância, adolescência e até mesmo à fase adulta. Por outro lado, sons simples também podem disparar as nossas memórias, remetendo-nos ao passado.

O meu pai nasceu em Kumamoto, Japão, e veio ao Brasil com três anos de idade, com seus pais e irmãos. Do Porto de Santos, foram para a Hospedaria dos Imigrantes na cidade de São Paulo e, depois, de trem para a região que na época era chamada de Distrito de Paz Comandante Árbues. Posteriormente o distrito foi elevado a município, com a instalação da estrada de ferro, com o nome de Mirandópolis. Com dezesseis anos de idade, ele foi para a cidade de Araçatuba para ser aprendiz de alfaiate, cuja profissão levou para a vida. Assim, cresci ouvindo o barulho da máquina de costura e da tesoura cortando tecidos, até a minha fase adulta. Inicialmente, a máquina de costura era manual,

posteriormente foi instalado um pequeno motor. Assim, o barulho ritmado e lento, devido ao movimento das pernas que moviam um pedal, deu lugar à mistura dos sons do motor e das engrenagens da máquina. Parecia que a modernidade havia chegado a casa.

No ano de 1957 mudamos para a cidade de Guarulhos e fomos morar na parte superior de um sobrado. Ajudava aos meus pais pregando botões, virando os passantes dos cintos das calças e fazendo as casas dos botões, atividades que realizei ao longo de muitos anos. Após alguns anos meu pai comprou uma máquina de costura industrial. Novamente houve a mudança no som ao nosso redor. O motor agora ficava ligado direto e, conforme o pedal era acionado, o som era a mistura do motor e das engrenagens da máquina de costura. Agora a costura era mais veloz. Esse barulho era o misto de emoções da dedicação do meu pai para nos manter, rotina que iniciava de manhã cedo até a hora do jantar, e da minha mãe nos afazeres domésticos e ajuda na

máquina de costura, aquela na qual foi colocado o motor. Depois de mais alguns anos, meu pai comprou uma máquina de costura industrial para a minha mãe. Assim, eram duas máquinas com sons que eram alternados conforme as costuras eram realizadas pelo meu pai ou pela minha mãe, ou das duas máquinas sendo usadas ao mesmo tempo.

Outro som que era característico e que faz parte da minha memória afetiva é o do batedor de ovos de mola na tigela de louça, quando a minha mãe preparava o bolo Castella, muito popular no Japão até os dias de hoje. Posteriormente, com a compra da batedeira, ficou difícil saber quando o famoso bolo era preparado pela minha mãe, mas certamente o do batedor de mola deixou marcas profundas na minha memória. São sons que guardo na memória há, pelo menos, sessenta e cinco anos, e que ainda disparam lembranças da minha infância ingênua.



MAYANA MENDES

Professora e escritora, autora de alguns poemas, que estão em revista e antologias, natural de Barreirinhas Má. Escrever é ir além do que se pode imaginar, Em breve realizara seus sonhos de publicar um de seus primeiros livros, oficialmente. Fé é acreditar no Deus que sempre te protegera.

ALÉM DOS SONHOS

É não desistir, é mandar toda duvida ir...

É em cada passo contar histórias, é se envolver é deixar a vida correr.

Como rios cristalinos que te deixam perplexos.

É se imaginar entre os lírios, é onde a esperança faz crescer algo bonito dentro de você.

É deixa ser guiado pelo caminho das flores, que não te deixam perder o foco da esperança que está dentro do seu ser.

E quando os obstáculos aparecerem, e mais fortes querem ser. Lembre-se que seus sonhos iram te fazer caminhar, além do que você pode imaginar. E além dos sonhos poder viver lindos sonhos para você.

É reagir em meio ao silencio que te deixa paralisado é em freta-lo sem medo, é deixar a estrela que existe dentro de você brilhar. É ver além dos sonhos e não só sonhar, é fazer acontecer até conquistar, fazer o seu melhor sem pestanejar.

Não pestanejar nem desistir é o que te faz ser assim, firme sem olhar para trás.

E a esperança fala nos seus ouvidos; eu sou a força do vento que te faz se acalma, quando a brisa vem e levemente faz seu coração reativa a força que sempre estava lá.



MYRINHA XIMENES

Miriam Ximenes, nome artístico Myrinha Ximenes, descobriu sua paixão pela literatura e pelas artes cênicas ainda criança. Participa de saraus e antologias literarias. Nas artes cênicas, se dedica a peças teatrais e leituras encenadas.

AQUELA MENINA

Aquela menina sentiu a dor
Da rejeição, do abandono
Das mudanças bruscas
De forma repentina
Aquela menina sonhava
Carregava na alma a esperança de dias melhores
Mesmo tão pequena
Ela observava, sentia
A sensibilidade lhe dilacerava
Inundando seus pequeninos olhos
De lágrimas ácidas
Aquela menina precisou se reerguer
Mudar, se reinventar
Se adaptar
Aquela menina precisava viver
E contar a sua própria história
Ela precisava inspirar
Testemunhar que há momentos na vida

Que precisamos acreditar
Que tudo ficará bem
Aquela menina, acreditou
(2025)



NOÊMIA RODRIGUES

Sou Noêmia Rodrigues, tenho três filhos e três netos, sou uma pessoa simples e romântica à moda antiga. Temente a Deus sempre, tenho defeitos e qualidades, mas tento ajudar o próximo. Gosto de conversar e escrever poesias, também amo muito a natureza e gosto de esportes, sou simples assim.

SONHEI QUE EU TINHA ASAS

Sonhei que eu tinha asas
e voei bem alto.
Bem alto mesmo,
muitos lugares tristes vi.
Vi o mar chorando pela vida
que não tinha mais em suas mãos,
vi também os peixes pedindo socorro…
Também vi o lixo falando com a natureza,
ela também gritava.
No seu corpo vi pássaros mortos,
em lugares onde não eram para estar…
Tristeza no coração de pessoas
que estavam sem saber o que fazer…
Vi meu passado na minha frente.
Ainda bem, acordei.
Acordei.

FLOR

Manuela, flor do meu ser.
Uma flor nasceu
Nos primeiros raios de Sol da manhã.
E a vida se renova
Na beleza daquela menina
Tão bela.
Manuela,
Alegria de um novo dia.
Encheu de luz
Todo o meu ser.
Ela pinta e borda.
Colorida e graciosa.
E a primavera generosa
Revela
Os segredos da flor
Manuela.



OSMEIRE PINHEIRO DE MATOS

Casada com Milton Santana, mãe de Victor Hugo de Matos Santana e Caroline de Matos Santana, avó de Megan Charlotte Paredes de Matos. Na área profissional, atuou por mais de 30 anos na SME/DC e SEEDUC/RJ, como professora, secretária escolar, diretora escolar e orientadora pedagógica. É Pedagoga, Mestra em Humanidades, Culturas e Artes e em Ciências da Educação, Doutora em Ciências da Educação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Organização Administrativa. Autora e organizadora de livros na área da educação e liderança, pelas editoras Autografia, CRV e Appris, bem como participação em livros pelas editoras Muiraquitã, CRV, Autografia e Diálogo Freiriano.

O SONHO LATINO DA PRINCESA SOPHY

Em um lugar distante chamado Brasil, vivia uma menina sonhadora. Parecia viver num mundo de fantasias onde tudo parecia perfeito, apesar de estar num mundo considerado não muito desenvolvido, ou de terceiro mundo, como os americanos costumam dizer. Seu nome era de princesa, Sophy, de origem grega, que significa "sabedoria".

O sonho de Sophy era conhecer o mundo, ser feliz. Um dia, resolveu conhecer uma terra mais distante, viver o famoso sonho americano. Ao chegar ao norte dos EUA, tudo já parecia diferente do que pensava. As pessoas ali pareciam frias. Mas pensou: "*Vou ao encontro dos latinos, que sentem como eu, que têm algumas coisas em comum*". Foi difícil, mas conseguiu um trabalho em um lugar frequentado por eles. O lugar não era o ideal, mas precisava comer, beber, se vestir e ter um teto. Não era hora de escolher. E assim foi se mantendo.

Naquele lugar, também conheceu um homem simples, também latino, mas que parecia um "príncipe". Estava sempre ao seu lado e cuidou dela quando ela teve um problema de saúde. Com tanta dedicação, Sophy pensou: "*Enfim apareceu meu príncipe*". Mas mal sabia ela que precisaria ser mais forte do que pensava.

Foi prontamente acolhida pela família do "príncipe" e pensou: "*Finalmente vou poder viver meu sonho*". Após alguns meses de convivência, ele a pediu em casamento. Foi um dilema, pois amava seu país e talvez precisasse voltar, mas queria viver seu desejo. E então ela aceitou e poderia viver nos EUA.

Após o primeiro, veio o segundo sonho, que era ser mãe de uma menina. Nasceria de Sophy uma linda princesa que receberia o nome de Bela. E, com a gravidez, vieram os sinais de que algo não estava tão bem.

Primeiro não a deixavam sair de casa, e a desculpa era a gravidez, a barriga, o vírus. Depois a

vestimenta. Apesar de pertencer ao mesmo grupo (latino), as culturas eram diferentes, no Brasil as mulheres são mais livres, escolhem o que querem vestir, comer. Nessa nova cultura, agora seus parentes, as coisas eram bem diferentes, a sogra ditava o que vestir, o que comer e como deveria fazer as coisas. As pessoas ali estavam acostumadas a viver em grupo, sem diferenciar o casal, era como se os parentes fossem parte da família, agora constituída. Que coisa difícil. O casal não tinha voz. Talvez pela tenra idade, ou talvez mesmo por causa da cultura.

As coisas da bebê foram compradas, o enxoval estava pronto. E Bela resolveu vir ao mundo um pouquinho antes do dia, numa manhã com muita neve.

Uma semana após o nascimento de Bela, a sogra sobe em seu quarto e, aos gritos, chamava pelo filho:

— ¿Por qué peleaste con tu abuela?

Os dois gritavam, e Sophy no meio dessa briga. Sua

mãe, Natália, que também viajou para os EUA para ajudar a cuidar da bebê, precisou intervir na confusão. Ao chegar no quarto, percebeu que Sophy estava cinza. E então gritou:

— Chicos, por Dios. ¿No se dan cuenta de que Sophy no esta bien? Esto va a perjudicar su salud.

Após alguns minutos de tensão, enfim o clima foi amenizado. A sogra e filho fizeram as pazes, e Sophy pôde voltar ao resguardo. Mesmo assim, esse episódio fez muito mal para sua saúde. Passou a tremer muito, até que sua mãe pôde acalmá-la.

A família Pérez era composta de mãe, pai e filhos, a mãe "narcisista", pelo menos de acordo com nossa visão leiga, e o que interessava eram seus objetivos, seus prazeres, e o que menos importava era a pessoa que deu à luz uma princesinha. Na saída da maternidade, a matriarca já pegou Bela em seus braços como se a ela pertencesse e disse para a mãe que fosse no banco de trás no carro. A mãe da pequena de nada participava, como se não

pertencesse àquele lugar. Mesmo sabendo que uma mulher após dar à luz precisava de cuidados, isso não aconteceu. Até a comida era escassa. Não por falta de recursos, mas como forma de punição. E como ia amamentar se a comida lhe era negada? Como ter leite para amamentar sua princesinha se não tinha carinho, afeto e sossego para que seu corpo pudesse produzir o alimento necessário para a bebê?

A matriarca, Laura, fazia de tudo para que a mãe desistisse de ser mãe. Montou em seu quarto, como se a filha fosse dela, um quarto para a bebê. Até às roupas, a mãe de Bela não tinha acesso.

E o pai de Bela? Como agia? Ele apenas via o trem passar, sem interferir nas atitudes de sua mãe doente, era como se estivesse sendo manipulado por ela. Até mesmo na parte da comida. Não lhe parecia estranho sua esposa não ter o que comer? Não. Nada fazia.

Parecia ser impossível para alguém conseguir sair dali, mas, com sua fé e sua coragem, quebrou as amarras e decidiu reescrever seu destino. Foi difícil,

mas acordou decidida a sair daquele lugar e finalmente deu o primeiro passo para sua libertação. Fez contato com uma amiga de trabalho, e esta lhe ofereceu um quarto para alugar. Sophy e sua mãe foram ver o local e gostaram, porém, ao retornar para casa, sua sogra indagou:

— ¿Por donde estaban? Necesitas duchart por el virus.

E Sophy retrucou:

— No tocamos nada. Voy arriba a cuidar a mi hija.

— Voy a llamar a mi hijo y contarle todo. Y tu madre tendrá que lavarse el pelo porque hoy llega mi madre y ella es mayor y no puede coger el virus.

E realmente ligou para o filho, que estava trabalhando, apesar de Natália pedir que não fizesse isso.

Mas não parou por aí. A briga se intensificou, e as duas gritavam uma com a outra, e Laura gritava:

— Estás loca. Te quiero fuera de EUA. Voy a enviar un detective en Brazil para que investigue tu vida.

¡Tengo dinero! — E batia no peito com toda a força do mundo.

E, com a força de uma loba, Sophy liga para a polícia, que imediatamente respondeu. Um dos policiais a orientou que saísse logo do local porque, se o pai da criança chegasse, ele teria direito a ficar com a criança. Então teve a ideia de ligar para uma empresária brasileira, dona de uma loja de alimentos brasileiros, que conhecera em sua gravidez. O destino, ou Deus, ou a sorte estavam ao seu lado. A empresária logo atendeu e foi ao encontro de Sophy, Bela, Natália e seu cachorrinho. No momento da chegada dos policiais, a Laura, a sogra, mostrou em seu celular todas as filmagens que havia feito de Sophy e sua mãe. Foi neste momento que elas perceberam que eram monitoradas 24 horas por dia, sem ter conhecimento. Mas, graças a Deus, os policiais disseram que ela era a mãe da criança e poderia levá-la, a não ser que o pai estivesse presente. Com a cara e a coragem, foi sem roupas, nem para

ela e nem para sua filha, mas esse não era o maior problema.

Sophy descobre, da pior forma possível, que poderia ficar sem sua bebê. Um dia após sua chegada à nova casa, recebe o Xerife, para ser comunicada de que Laura protocolou uma medida protetiva contra ela e que não poderia chegar perto dessa família. Então essa empresária lhe orientou a atacar para se defender, e foi o que ela fez. Reuniu todas as provas que tinha contra a sogra, as fotos das brigas, sua barriga arranhada, o abuso psicológico e patrimonial que sofreu. Tirou cópia de tudo e compareceu à Corte para protocolar uma medida provisória contra a família. E detalhe, nos EUA, quando uma pessoa é denunciada, ela escolhe a data e o horário para que ambos compareçam diante do juiz. E, pasmem, Laura escolheu o dia do embarque de Natália, mais uma forma de controlar Sophy e sua vida. Mas Natália, que também é uma loba quando mexem com sua filha, perdeu seu voo, mas ficou com Bela

para que Sophy pudesse comparecer à Corte.

A audiência foi tensa desde o início. Mas finalmente o acordo foi feito, e ambas voltaram aos seus lares. A família havia pensado que Bela ficaria com eles. Ledo engano. Sophy e sua mãe lutaram até o fim.

Os tempos não foram fáceis, mas ela conseguiu montar sua casa como queria, ou como foi possível. Mas estava segura com sua filha, num lugar distante, mesmo sem sua família por perto. Montou sua casa com o quarto da bebê, comprou roupas novas e pôde dormir, sossegadamente, naquele lugar com sua filha.

Mas e os documentos de Bela? O pai reteve a certidão de nascimento de sua filha.

Desistir não era uma opção, então Sophy resolver ir à luta. Após meses de estresse e sofrimento, convenceu o genitor de que Bela precisava dos documentos brasileiros: certidão de nascimento e passaporte. Uma data foi marcada no consulado, que já estava a par de todo o sofrimento de Sophy, mas pouco podia fazer. Uns meses antes, ela estava prestes a desistir,

queria voltar ao Brasil com sua filha, mas como? Sem toda a documentação necessária, não seria possível. Mas finalmente, depois de tantas dificuldades, o casal foi ao consulado e a certidão de nascimento de Bela e seu passaporte brasileiro foram expedidos. Agora a bebê, com dupla nacionalidade, está mais segura. Podia viajar e viver no Brasil. Mas não foi tão fácil essa caminhada.

O tempo foi passando, mas a família doentia não a deixava em paz. O pai da criança chorava, pedia perdão. E, quando já estava tudo resolvido para voltar ao Brasil, onde vivera sua

infância e adolescência, resolveu perdoar o pai e aquela família, que tanto a humilhou. Deu uma segunda chance. E aí o inferno não acabou. E tudo voltou a ser como era antes: com a matriarca decidindo tudo e manipulando tudo. A convivência ficou insuportável. E aí, mais uma vez, resolveu então separar-se do genitor da criança e foi viver em outro lugar, ainda longe de sua família, mas ali

estaria longe também dos doentes. E hoje, com todas as dificuldades, está criando sua filha como gostaria. Bela está aprendendo as primeiras letras, e tudo parece ter voltado à normalidade. E a bendita família? Está longe de Bela e de sua mãe. E o sonho latino? Está em andamento, Sophy continua vivendo na América com sua filha, conseguiu o trabalho que queria, mas aprendeu que nem sempre estar perto daqueles que têm o sangue latino faz com que a felicidade seja mais fácil. Descobriu que o aprendizado está quando consegue ir além do que imaginava ser capaz.



PATRÍCIA LEWANDOWSKI

Patrícia Lewandowski nasceu na década de oitenta em Ponta Grossa (PR) e foi criada no aconchego do interior paulista, na cidade de Ourinhos até sua vida adulta — de onde traz as cores, o ritmo e a calmaria que atravessam sua narrativa. Graduanda em Artes Visuais e Produção Cultural, a autora combina a sensibilidade estética à gestão artística, transitando com fluidez entre a delicadeza da poesia e a densidade do drama literário. Casada e mãe de dois filhos adolescentes, encontra no afeto da vida em família a sua principal fonte de inspiração. Com um olhar aguçado para o cotidiano, sua escrita é o reflexo de quem caminha descalça pelo mundo para transformar as miudezas e a simplicidade da vida em arte e palavras.

CONTRA O VENTO

Nasci entre as dores de uma dura estação,
Onde o chão era seco e pesava o coração.
Carreguei nas costas um mundo de memórias,
Marcas do passado, velhas cicatrizes e histórias.
No dia a dia diário, na lida sem cessar,
Olhei para dentro para poder me superar.
A maior batalha não foi contra o vento,
Foi vencer a mim mesma e ao meu próprio tormento.
Semeando em versos o que um dia doeu,
Transformei em poesia tudo o que se perdeu.
E das dores passadas que o tempo curou,
Uma nova semente no meu peito vingou.
Hoje o sofrimento já não me define mais,
No lugar das espinhas, colho flores e paz.
Mesmo entre as lembranças do que já passou,
Minha alma é um jardim que finalmente

FLORESCEU

E ficou...
Ficou a certeza, em cada respirar,
Que nada do mundo pode me apagar.
O passado é um espelho, distante e velado,
Que mostra onde estive, mas não onde fico parada.
Aprendi a dançar com a força da tempestade,
Fiz da minha dor a minha própria verdade.
Se o vento soprar forte e o céu escurecer,
Sei que tenho raízes para me defender.
Não temo os caminhos que ainda hei de trilhar,
Pois quem venceu a si mesmo aprendeu a voar.
Hoje sigo de pé, sob o sol ou na garoa,
Livre de velhas amarras, minha alma me abençoa.



PATRÍCIA RODRIGUES ROCHA

Sou Patrícia Rodrigues Rocha, sou natural de Duque de Caxias, Rio de Janeiro (RJ). Desde pequena, sempre quis ser professora, e a paixão pela escrita também me acompanha desde a infância, entrelaçada às memórias que ajudam a constituir minha trajetória e meu olhar sobre a vida. Sou doutora em Humanidades, Culturas e Artes pela UNIGRANRIO, formação que me possibilitou refletir sobre processos de ensino e aprendizagem mais significativos, favorecendo escritas mais autorais e reveladoras de sonhos, experiências e conquistas.

ALICERCES DA MEMÓRIA

Somos constituídos de memórias. O exercício de relembrar o que nos ocorre ao longo de nossas vidas reforça quem somos.

Minhas memórias foram construídas no esteio de uma linda família. Minha mãe foi uma mulher simples, de atitudes amorosas e justas. Meu pai, apesar de ter trabalhado em prol da família, atualmente também está sempre presente, contribuindo, seja por meio de suas palavras doces ou firmes quando necessário, ou de ações significativas.

Nossa vida não é uma linha reta. Apresenta nuances felizes e tristes, tornando-nos mais fracos ou mais fortes em cada fase da vida.

Minhas memórias mais recentes acrescentaram novos tijolos à casa que sou. A morte da minha mãe, o nascimento do meu sobrinho e a mistura de sentimentos entre a alegria de estar grávida de

gêmeos e a dor da partida de cada um deles, em apenas dois meses, marcaram profundamente minha história. Essas lembranças, embora tão particulares, também se entrelaçam às memórias coletivas que nos constituem, pois, como afirma Le Goff (2003), a memória é um elemento essencial da identidade, tanto individual quanto coletiva. Entre chegadas e partidas, perdas e recomeços, fui encontrando forças para continuar. E não estive sozinha: contei com o apoio da minha família, do meu companheiro e da presença carinhosa da nossa gatinha. Cada afeto recebido tornou-se um novo tijolo nessa construção e, pouco a pouco, fui me tornando a mãe que sou.

A expressão "sou brasileira e não desisto nunca" faz parte da minha memória coletiva e da minha realidade. Ana Vitória, com três anos, está cercada de muito amor e carinho, e acredito que carregará consigo memórias afetivas que vão torná-la uma pessoa mais maravilhosa do que já é. Todo dia é um novo aprendizado, e suas memórias estão sempre em

movimento, surpreendendo-me a cada conquista, que certamente levará consigo por toda a vida.

Feliz de quem é constituído por boas memórias, especialmente as memórias afetivas, para o seu pleno desenvolvimento.

Enfim: somos uma casa de memórias, construída de um alicerce e vários tijolos. Ao longo da vida, alguns tijolos podem desmoronar, mas, se o alicerce foi reforçado, conseguimos superar as intempéries e conquistar os mais lindos sonhos.

Que esta pequena crônica seja uma força motriz capaz de reconstruir os tijolos que estão em pedaços!

Referência

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.



PAULO DI SOUSA

Paulo Di Sousa nasceu em Belém do Pará. Escritor, poeta, cordelista, desenhista, ilustrador, atuou por muitos anos como diretor de arte em agências de propaganda e publicidade. Ama a cultura brasileira e a criatividade amazônica e suas expressões artístico culturais. Se dedica a escrever cordéis, poemas e poesias. Publicou o livro em literatura de cordel "Uma Dose de Doze Cordéis".

POEMA-RAIZ FLORA AMAZÔNICA

Habito no meio da floresta,
Cercado de árvores,
Cercado de plantas e flores!
Cada rua têm sua árvore;
E cada árvore têm sua rua!
Cada rua têm um nome,
E cada nome têm uma árvore!
Os nomes das ruas?
São nomes de árvores!
Ramificam-se umas às outras;
Suas raízes se mesclam,
Seus galhos se entrelaçam!
Aqui os pássaros sobrevoam,
Cantando todos os dias,
De manhã e à tardinha,
Nesse conjunto nativo,
Nessa flora selvagem,
Nessa paz, nessa calma,

Nessa aldeia vizinha!

Eu moro nessa reserva,

Nesse espaço verde,

Nesse monumento criado

À Flora Amazônica!

No chão do asfalto, sob a lua,

Escrevi a frase com giz:

“Essa árvore é minha rua!”

E sob o sol surgiu um poema-raiz

E o gravei em pedra de mármore:

"Aqui eu vivo feliz,

Na minha rua,

Na minha árvore!"



REJANE REICH

Casada, mãe de um menino. Com mestrado e doutorado em Enfermagem, encontrou na criação literária o espaço para ampliar suas escritas para além do cunho científico e acadêmico, dando sentido a alguns temas que fazem parte da sua vida.

LEMBRANÇA DA INFÂNCIA

Na lembrança, uma casa colorida.
A família era grande, havia sempre movimento.
Na figura materna, a tradição de quem bem serve.
Nos sabores para recordar, uma receita que não estava escrita.
Era na cozinha que tudo acontecia,
no ar pairava o cheiro da massa que assava lentamente.
O vento se encarregava de levar aquele aroma para todos os cômodos da casa.
E como num toque de mágica,
uma mesa grande ganhava uma textura de biscoitos.
E para completar aquele momento de muito encanto,
uma linda decoração surgia.
Um glacê branquinho ia cobrindo todas as faces como neve,
e tons coloridos de confeitos delicadamente completavam a arte.

Em algumas unidades,
uma camada aveludada de coco deixava tudo no mesmo tom.
Os olhos degustavam aquele cenário que aos poucos ia se desenhando,
camada sobre camada.
Ainda consigo lembrar do cheiro que pairava no ar.
Um cheiro doce,
que tinha algo especial na receita,
e alguém que sentia, neste feito,
a alegria que ele transmitia.
Também faz lembrar de datas especiais,
em que para celebrar,
o doce cheiro voltava a ser sentido no ar.
Hoje, em uma receita simples,
tento reviver e transmitir o afeto que guardo.
Os diferentes formatos que os biscoitos adquirem
fazem a alegria de escolher o que a imaginação criar.
No paladar,
o sabor de uma lembrança.

No coração de uma mãe,
há a alegria de uma nova geração
que cresce criando memórias de infância.
Que doce viver.



RICARDO F. F. SALVIO

Inspirado desde a infância por grandes universos da fantasia, Ricardo transformou sua paixão por histórias em criação própria. Natural de São Lourenço (MG) e autor do romance O Relógio Reverso (As Crônicas de Gor'Diin), já participou de diversas antologias, onde seus contos exploraram vários aspectos da humanidade. Hoje, segue expandindo seu universo e conduzindo seus personagens por novas aventuras.

NÁUFRAGOS DO INVERNO

O céu de Curitiba acordou com aquele cinza que não se decide se é apenas neblina ou se vai desabar em chuva. Francisco ajustou a gola do casaco, o terceiro de uma camada grossa de agasalhos para vencer o frio da manhã, e encarou a estação-tubo da Praça do Japão. No visor digital, o "Santa Cândida/Capão Raso" anunciava dois minutos. O tempo exato para observar o ritmo da metrópole.

Ao seu redor, o balé das sombrinhas. Algumas pretas e sóbrias, outras coloridas, todas prontas para o duelo contra o vento que corta a alma. O biarticulado atracou com um chiado metálico. As portas se abriram em um solavanco como mandíbulas famintas, e Francisco mergulhou no fluxo. Dentro do ônibus, o silêncio era a regra de etiqueta, apenas o som dos fones de ouvido e o balanço suave sobre a canaleta.

Pela janela, o cenário desfilava em tons de concreto e

verde. Curitiba é esse paradoxo: o asfalto rígido debaixo de copas de araucárias que parecem mãos estendidas ao céu. Ele viu a vida passar em frames: o senhor vendendo pinhão na esquina, a pressa dos trabalhadores pela manhã e o brilho úmido do calçamento em mosaico, com pedras brancas e pretas encaixadas à mão, que ornamentam a cidade.

Quando o ônibus alcançou a próxima estação, uma moça entrou carregando o aroma de café fresco e chão seco recém-molhado. Francisco sentiu que, apesar do isolamento urbano e dos olhares evitados, havia uma conexão invisível entre todos ali. Eram náufragos de um mesmo inverno, compartilhando o calor de um motor diesel e a esperança de que, ao final do dia, o sol, aquele ilustre desconhecido, fizesse uma breve visita antes do crepúsculo.

Francisco desceu no tubo seguinte. Abriu o guarda-chuva. O primeiro pingo atingiu o tecido com um estalo seco. Ele sorriu. Afinal, em Curitiba, a chuva não é um evento, é o próprio ritmo da vida.



ROB ALME

(Rob Alme) Roberleide de Almeida Gonçalves, nascida em Candeias, Bahia, é uma mulher multifacetada, que une a paixão pela educação à sua profunda curiosidade intelectual. Casada e mãe, dedica-se à docência com entusiasmo, especializada em Linguística, com foco em Semântica, Morfologia e Sintaxe. Enquanto Coordenadora Pedagógica, contribui ativamente para a formação de profissionais da educação, entre outras áreas. Com poemas, crônicas, contos, artigos publicados revistas e em várias antologias lançadas pela Amazon (kindle), 2 livros publicados e o próximo em andamento.

O CASARÃO

"Há uma parte de nós que não cresce. Não porque permaneça criança, mas porque foi ali, no princípio, que aprendeu a nos sustentar."

Há casas que envelhecem.

A minha, não.

Talvez porque algumas casas não tenham sido feitas de paredes, mas de acontecimentos. E acontecimento, quando encontra morada dentro da gente, não aprende a envelhecer.

Minha casa ainda existe.

Não sei dizer onde.

Às vezes aparece numa fresta de tarde, quando a luz atravessa a janela de um jeito particular e alguma coisa, sem pedir licença, me devolve um cheiro, uma voz, um pedaço de céu. Outras vezes, basta o silêncio chegar mais devagar para que eu ouça passos antigos atravessando o corredor.

Entro.

Ainda entro.

E a primeira coisa que encontro é a sala.

Ali estão as pessoas.

Algumas sentadas para sempre em suas cadeiras, outras passando apressadas, como se tivessem apenas vindo buscar qualquer coisa e, no entanto, deixado tudo de si. Há vozes que já não sei reproduzir, mas reconheço. Há risos que o tempo não conseguiu apagar. Há ausências ocupando lugares tão precisos que, se eu fechasse os olhos, saberia apontá-las.

Naquela sala aprendi, sem que ninguém me ensinasse, que amar também era uma forma de guardar.

Depois, atravesso a porta da cozinha.

E a infância tem cheiro.

Tem cheiro de comida no fogo, de café, de roupa limpa, de chuva chegando antes da chuva. Tem o cheiro das coisas que não pareciam importantes

enquanto aconteciam e que, hoje, são quase tudo.

É estranho descobrir que a memória não guarda necessariamente os grandes acontecimentos.

Ela guarda o que alisou alguma coisa em nós.

Um prato sobre a mesa.

Uma voz chamando pelo nome.

O ruído de uma porta.

A claridade entrando pela manhã.

Um pedaço de conversa ouvido de longe.

Talvez seja por isso que certas lembranças não saibam morrer. Porque nunca nasceram completamente. Foram pequenos acontecimentos deixados pela metade, pequenos fragmentos que o tempo não conseguiu terminar.

Subo as escadas.

No meu quarto, encontro a menina que fui.

Não a menina das fotografias.

Essa ficou envelhecida no papel.

A que encontro aqui é outra.

Tem os olhos atentos de quem ainda não

compreendia o mundo, mas já desconfiava dele. Inventava destinos para as coisas. Fazia de um armário uma casa. Conversava com o que ninguém via. Guardava perguntas que não sabia formular. Tinha desejos que pareciam grandes demais para o tamanho do corpo.

E tinha coragem.

Uma coragem que talvez só as crianças possuam, porque ainda não aprenderam totalmente a medir o perigo.

Mas havia também os ralhos.

Lembro-me de Seu Piroga ralhando com minha mãe, como quem, à sua maneira, tentava ensinar alguma coisa sobre o mundo:

— Melhor aprender a mergulhar em vida do que voar na morte.

Eu não sei se, naquele tempo, compreendia inteiramente a frase.

Talvez nenhuma criança compreenda de imediato aquilo que a vida só explica muito depois.

Hoje, porém, sei que havia ali uma espécie de ensinamento.

Mergulhar.

Ir fundo.

Aprender a entrar na vida sem medo de molhar os pés, sem passar por ela apenas de superfície.

Talvez eu tenha guardado aquela frase sem saber.

E talvez tenha sido assim com quase tudo que me formou: primeiro eu guardava, depois a vida vinha e traduzia.

Lembro-me também das mãos das mulheres rendeiras da Rua de Cima. Havia uma maestria silenciosa naquelas mãos que eu observava quase como quem assiste a um segredo.

Eu subia para olhar.

Via os dedos trabalhando, pacientes, precisos, refinando as tramas, desfazendo um ponto, retomando outro, como se cada movimento soubesse exatamente onde deveria pousar.

Eu não conhecia ainda o nome daquela sabedoria.

Chamava-se bordar.

Chamava-se fazer.

Chamava-se tempo.

Chamava-se delicadeza.

Talvez tenha sido ali que comecei a compreender que algumas coisas não nascem prontas: precisam das mãos, da insistência e da espera.

Eu olhava.

E aprendia.

Muito antes de saber escrever, aprendi que uma trama se constrói fio a fio.

Talvez por isso, tantos anos depois, eu ainda escreva assim.

Puxando um fio da memória.

Encontrando outro.

Desfazendo alguns nós.

Apertando outros.

E tentando, com as mãos que a vida me deu, refinar as tramas de tudo aquilo que um dia me constituiu.

Lembro-me de quando me atrevi a guiar um carro.

Não era para aquilo ter dado certo.

A marcha entrou errada.

O carro avançou com aquela espécie de desobediência da infância que, naquele instante, pareceu maior do que eu. E a parede da casa de Umberto, meu vizinho, veio abaixo sob o meu pequeno desastre.

Hoje consigo rir.

Naquele tempo, talvez não.

Mas não me lembro apenas da parede.

Lembro-me do arrojo.

Daquela sensação quase absurda de poder conduzir alguma coisa, ainda que eu não soubesse exatamente para onde.

Talvez tenha sido uma das primeiras vezes em que a vida me ensinou que liberdade e consequência costumam andar de mãos dadas.

A parede caiu.

Eu não.

E alguma coisa daquela menina permaneceu de pé

dentro de mim.

Antes das palavras, vieram as imagens.

Antes dos livros, vieram as histórias que eu inventava para suportar o tamanho dos sonhos.

Antes de saber que desejava ser artista, eu já procurava beleza onde quase ninguém procurava.

Talvez toda criança seja, por algum tempo, uma espécie de artista clandestina.

Ela olha.

Repara.

Coleciona.

Transforma.

Depois cresce e aprende os nomes das coisas, as medidas do mundo, os limites, as conveniências. Aprende que há sonhos que precisam esperar. Que há portas que não se abrem. Que há caminhos que se bifurcam antes de chegar.

E aprende também que o mundo é maior do que a rua onde se cresceu.

Houve um tempo em que Minas chegou para mim

como chegam certas descobertas: primeiro como viagem, depois como espanto.

Cheguei já sabendo que as linhas também dividem outros estados.

Linhas nos mapas.

Linhas nas estradas.

Linhas que os adultos conheciam tão bem e que, para mim, começavam a ganhar um significado estranho: o mundo podia ser repartido sem deixar de ser inteiro.

Eu olhava para aquelas marcas e talvez ainda não soubesse que passaria a vida tentando compreender as linhas que separam.

As que dividem lugares.

As que atravessam caminhos.

As que delimitam territórios.

As que, muito mais tarde, apareceriam entre as pessoas.

Porque também há linhas invisíveis.

E algumas delas doem.

Mas alguma coisa permanece.

No meu quarto, permanece.

Ainda há uma janela.

E talvez seja ela a parte mais funda desta casa.

Porque foi diante de janelas que eu aprendi a desejar o que estava além.

Eu podia ficar ali olhando.

E o que eu sentia diante daquela janela não era uma mera impressão.

Era uma certeza.

A mais absoluta certeza:

Eu já me pertencia.

Antes mesmo de saber o que fazer de mim.

Antes de saber que algumas certezas precisam atravessar muitos anos para finalmente se cumprirem.

Hoje, compreendo que alguns desejos não chegam à nossa vida como escolhas.

Chegam como reconhecimento.

A gente apenas os encontra.

E, quando os encontra, alguma coisa dentro de nós diz:

É isto.

Desço novamente.

O corredor parece mais comprido agora.

Há corredores que são feitos para levar de um cômodo a outro. O meu serve para outra coisa: ele me lembra que o tempo também é uma passagem.

Caminho devagar.

Em cada porta, uma versão de mim.

A menina que acreditava.

A menina que temia.

A menina que queria ir embora.

A menina que queria ficar.

A menina que observava tudo em silêncio.

A menina que descobria que uma linha no mapa podia separar lugares.

A menina que, muito antes de entender a palavra distância, já começava a compreender que algumas coisas podem estar juntas e separadas ao mesmo

tempo.

Talvez seja aí que more uma das mais estranhas aprendizagens da vida:

Amar juntos, separados.

Há afetos que não precisam estar perto para permanecer.

Há pessoas que moram em nós mesmo quando já não moram ao nosso lado.

Há presenças que se transformam em ausência sem jamais deixarem de existir.

E talvez algumas casas sejam construídas justamente dessas contradições.

É curioso...

Passei a vida acreditando que cresceria para deixar aquela menina para trás.

Hoje, sei que aconteceu justamente o contrário.

Foi ela quem me trouxe até aqui.

Carrego suas perguntas.

Seus espantos.

Seus desejos interrompidos.

Suas pequenas rebeldias.

Carrego aquilo que precisei nutrir, mas não engoli.

Talvez amadurecer seja isso: aprender a conviver com as versões de nós que não puderam existir com inteireza.

Chego ao quintal.

Ali o céu era maior.

Havia uma liberdade que eu não sabia nomear. O mundo parecia possível porque ainda não conhecia a enormidade dos seus impedimentos.

Era ali que a imaginação fazia morada.

Uma janela podia ser passado.

Ou um futuro cheio de gás hélio.

Uma linha podia ser fronteira.

Ou caminho.

Uma tarde podia durar uma vida inteira.

E talvez a casa seja exatamente isso: não o espaço onde tudo era simples, mas o lugar em que eu ainda conseguia transformar o pouco em infinito.

Fico algum tempo no quintal.

Depois volto.

Porque sempre voltamos.

A casa inteira me espera.

Agora, percebo que algumas portas eu nunca mais consegui abrir.

Outras permaneceram entreabertas.

E há aquelas diante das quais ainda paro, sem coragem de girar a maçaneta.

Não por medo do que existe lá dentro.

Mas pelo que eu poderia encontrar de mim.

Há memórias que não pedem para serem lembradas.

Pedem apenas para não ser negadas.

Talvez por isso eu tenha aprendido a escrever.

Escrever é uma forma delicada de voltar para casa sem precisar reconstruí-la.

É revisitar o que passou sem exigir que volte.

É reconhecer que a memória não nos devolve o tempo.

Devolve-nos a nós mesmos.

Hoje, quando entro nesta casa, já não procuro a

infância.

Procuro a mulher que ela deixou em mim.

E encontro.

Está na maneira como olho.

Naquilo que ainda me comove.

Na insistência em transformar silêncio em palavra.

Na necessidade quase física de encontrar beleza mesmo onde a vida se apresenta áspera.

Está nos desejos que sobreviveram ao tempo.

Nas perguntas que continuam sem resposta.

Nas coisas que não aconteceram e, ainda assim, ajudaram a me fazer.

A casa permanece.

Não exatamente como foi.

Talvez nenhuma casa permaneça.

As paredes mudam de cor, as pessoas partem, os móveis desaparecem, as janelas se fecham.

Mas há uma casa que o tempo não alcança.

Essa está dentro de nós.

E talvez seja esse o estranho ofício da memória: não

conservar o passado intacto, mas permitir que ele continue respirando.

Fecho a porta.

Não tranco.

Nunca tranco.

Porque sei que, em alguma tarde qualquer, quando uma luz atravessar a janela de um modo particular, quando um cheiro antigo me alcançar, quando uma palavra despertar outra, hei de voltar.

Entrarei sem bater.

E, por alguns instantes, serei novamente aquela menina diante da janela, olhando o mundo como quem ainda não sabia que o mundo também haveria de olhar para ela.

E então compreenderei, mais uma vez,

que não foi a infância que ficou para trás.

Fui eu que cresci ao redor dela.

E ela, silenciosamente,

ficou morando em mim.



ROSANGELA OLIVEIRA

Rosangela de Oliveira Santos, natural de São Caetano do Sul, São Paulo - Participou de antologias promovidas pelo Proyecto SUR/Brasil no Congresso Brasileiro de Poesias em Bento Gonçalves, Brasil. Participou de grupos de poesia e encontros literários no espaço Haroldo de Campos de Literatura e Poesia - Casa das Rosas. Membro da AJEB-SP Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil.

AMIGOS

Amigos são faróis acesos na
escuridão, pilares firmes que
sustentam o chão.
Nos dias de medo, muralhas de
proteção; nos dias de festa, pura
emoção.
São braços abertos prontos a
acolher, sorrisos sinceros que
não têm preço. Repletos de
carinho, afeto e calor, espalham
esperança, confiança e amor.
São laços fortes que o tempo não
desfaz, porto seguro e endereço
certo,
onde a alma encontra paz.
Amigos são jóias raras de brilho
sem igual, um tesouro precioso,
eterno e especial.



ROSIMERI ZUPI

Sou Rosimeri de Souza Zupi, esposa de Sérgio e mãe orgulhosa de Pedro e Júlia. Dediquei-me aos estudos com afinco incentivada pela minha mãe, Maria José, não escolarizada, porém muito sábia. Formei-me no Curso de Formação de Professores do Colégio Estadual Júlia Kubitschek, em Pedagogia pela UFRJ e no Mestrado pela UNIGRANRIO. Minha experiência como escritora foi iniciada ao aceitar participar do livro: Educação, Memórias e Trajetórias de vida. A partir dessa vivência resgatei um sonho, escrever a biografia de minha mãe e eternizar sua história de vida. Em 2025, nasce o livro Pérolas da Vida. E assim, a literatura transborda e encanta meu universo singular.

Instagram: @rosimerizupi.escritora

E-mail: merizupi@gmail.com

LAÇOS NO ANZOL

Frequentemente ouvimos e repetimos que as memórias afetivas são aquelas guardadas no coração, associando-as a algo positivo e terno. Mas será que é isso mesmo?

Entendo que as marcas ou cicatrizes cravadas em nosso corpo permanecem em nós — sejam aparentes ou tão bem guardadas que ficam adormecidas ou esquecidas, como lembranças que só recordamos quando mexemos nas caixinhas empoeiradas no fundo de alguma gaveta.

De repente, nesse vasculhar de lembranças, podemos achar o que não procurávamos, mas o que precisávamos. É como abocanhar um anzol que pode ferir e fazer sangrar. Emoções e sentimentos abafados em determinado momento, que chegam a inibir a fala sobre as memórias, inclusive as leves e alegres. Isso não significa desconhecer ou desconsiderar quem se amou, mas talvez a falta de

ferramentas ou de condições para a elaboração desses sentimentos.

Resolvi lançar o anzol nesse mar dentro da caixinha de laços e fisgar lembranças. Vieram muitas, inclusive as que encobriam tantas outras que me fizeram sorrir e me orgulhar.

As longas viagens o impediram de acompanhar e de ser presença em momentos especiais, como aniversários, primeira comunhão, festas escolares, formatura e, principalmente, na rotina familiar.

Em contraponto, veio junto nesse anzol o retorno das viagens: a comida deliciosa preparada todos os dias com capricho e amor. Nesses dias, o banquete eram os frutos do mar; havia peixada com iguarias vindas das redes ao mar, puxadas pela força dos próprios braços.

Ele não sabia o nome das professoras das filhas, mas fazia questão de buscá-las bem arrumado, perfumado, de barba e bigode feitos — o que fazia transbordar de alegria o coração das meninas.

A religiosidade presente em seu dia a dia também foi pescada. Todo dia, às 18h, ligava o rádio, colocava um galho de arruda atrás da orelha, um copo de água sobre a mesa e ouvia a oração que terminava com a Ave-Maria. Com seriedade e o pensamento mergulhado em seus sentimentos, sem dizer uma palavra, fazia o sinal da cruz, benzia-nos e oferecia a água benta, tomando o restante em seguida. Sem falar, disse-nos muito.

Meus quinze anos chegaram e ele apareceu na missa. Subiu ao altar, foi abençoar e registrar a fotografia da família que eu tanto queria no fundo do coração.

O tempo passou e, ao ver seu neto no colo da menina, os olhos marejados salgaram seu rosto e o coração bateu mais forte de orgulho da professora graduada que ela se tornou.

Ah! Caixinha de Lembranças, obrigada por me fazer lembrar que, apesar das ausências, ele foi o melhor pai que conseguiu ser!



SAN KLEIN

Sou Sandra Helena Klein Bertollo, graduada em Pedagogia e Letras-Português, com Pós-Graduação em Educação Infantil. Também sou ocupante da cadeira de nº 03 da AFHAL - Academia de História e Artes e Letras, de Marechal Floriano-ES e, em 2023, fui agraciada com o maior distintivo do nosso estado, a Comenda Rubem Braga, um marco que homenageia a quem se dedica ao ofício e a arte de escrever, sendo a primeira comendadora florianense, a receber esse título, pelo destaque na literatura e pelos méritos e relevantes serviços prestados à Cultura desse município.

ENTRE O AÇO E A FLOR

Dizem que a mulher é um sexo frágil e que é feita de delicadeza. Assim,como quem descreve um vaso sobre a mesa – bonito, frágil, ornamental. Mas esqueceram que, antes de ser vaso, ela foi barro. E antes de ser barro moldado, foi terra bruta, firme, resistente ao tempo e às tempestades.

Conheci mulheres que acordam cedo e já carregam o dia nos ombros. Que preparam o café com uma mão e, com a outra organizam sonhos. São feitas de pressa e propósito. Muitas vezes, no espelho enxergam cansaço. Porém, no fundo dos olhos mora uma chama antiga – dessas que jamais se apagam.

Há mulheres que lutam em silêncio. Não fazem discursos, fazem caminhos. Trabalham dobrado, sentem triplicado, choram no banho e, assim, oferecem colo. Elas sabem que a força não está em endurecer o coração, mas em mantê-lo pulsando depois das quedas.

Porque cair, elas caem, e como caem. Caem de joelhos diante de perdas, de traições, de portas fechadas... mas aprendem o segredo das sementes: é no escuro da terra que se prepara o recomeço. Levantam-se com cicatrizes – e fazem delas mapas.

Há as que lideram. As que ocupam espaços onde antes só havia ecos masculino. As que fala e, ao falar, abrem caminhos para outras. Não pedem licença para existir. Elas existem. E isso, por si, já é revolução.

Há também, as que cuidam – não apenas os filhos, casa ou rotinas. Cuidam das memórias, de histórias, de afetos. São guardiãs do que quase se perde.

Transformam dor em aprendizado e aprendizado em palavra. E quando escrevem, escrevem com tinta e coragem.

A mulher de aço não é aquela que nunca dobra. É resiliente: dobra e não quebra. É a que sente profundamente mas não permite que a dor a defina.

Ela entende que sensibilidade não é fraqueza – é instrumento. É lente. É ponte.

Força feminina não é ausência de medo. É atravessar o medo de mãos dadas com a própria dignidade.

E no fim do dia, quando a casa silencia e o mundo parece finalmente descansar, ela respira fundo, na certeza de ter vencido batalhas invisíveis. Sabe que, mesmo cansada, é reconstrução em curso. É resistência com batom borrado. É liderança com voz firme e o coração pulsando.

Mulheres não são apenas delicadezas:

São aço que floresce.

São tempestade que aprende a dançar na própria chuva. São poesia viva – escrita não apenas no papel, mas na pele, na luta e na coragem de recomeçar todos os dias.

RUPTURA DO SILÊNCIO

Onde estava a nossa voz? Ecoava na senzala, sufocada na calada da noite? Ou nascia das mãos calejadas do homem do campo, que mesmo exausto seguia em frente? Estaria nos operários engolidos pelo barulho das máquinas, onde ninguém escuta o cansaço? Nos que construíram o edifício, mas viram o próprio filho impedido de entrar? Ou nos que ergueram a escola, mas não puderam ver seus filhos ocupar aquelas carteiras? Ou ainda das mães que aprenderam, dia após dia, a transformar lágrimas em resistência?

Há muitas vozes presas na garganta e o Brasil bradou de forma retumbante, mas ninguém quis escutá-lo. Durante décadas, nossa voz foi calada, reprimida, e pediram para esperar.

Esperar pela melhora da economia. Esperar por oportunidades. Esperar pelo respeito...

Enquanto isso, o trabalhador atravessava

cidades em ônibus lotados antes do alvorecer, carregando nos ombros o peso de sobreviver mais um dia. O jovem da periferia era condenado pelo endereço, confundido com ameaça antes mesmo de ser visto como gente. O aposentado contava moedas diante das prateleiras do mercado, escolhendo entre o pão, o remédio ou a dignidade.

E a esperança? Seguia parcelada em prestações intermináveis que nunca fechavam, mas ainda insistia em permanecer, teimosa, como quem se recusa a desaparecer. Mas existe algo que acontece com um povo, quando ele cansa de sobreviver: ele aprende a lutar com todas as garras e determinação que nasce justamente do que tentou lhe tirar a força.

A verdadeira voz do Brasil não nasce dos palácios, tampouco se veste de roupas caras, não desfila privilégios. Ela vem do café simples, passado no fogão de fumaça, no suor de quem acorda cedo sem sequer saber se o dinheiro dará até o fim do mês.

Vem da mãe que cria os filhos sozinha e

transforma exaustão em coragem. Do professor exausto, mal remunerado, que ainda insiste em ensinar, porque acredita que o conhecimento emancipa e pode salvar vidas.

Do nordestino que também carrega o país nas costas enquanto escuta piadas sobre sua origem. Do indígena que ainda resiste para não virar memória e apenas lembranças nos livros de história, e no negro que enfrenta o racismo velado de um país que finge não ver o que ainda atravessa os séculos.

A nova voz do Brasil vem de quem caiu inúmeras vezes, mas se recusou a permanecer no chão.

A voz de quem entendeu que patriotismo não é repetir slogans vazios, mas desejar dignidade para um povo sofrido e calejado. É a voz que cansou da corrupção e da desigualdade que ceifa lentamente, e da indiferença que transforma tragédias em rotina.

Essa voz carrega séculos de silêncio acumulado. Cada grito de hoje possui o eco dos

nossos ancestrais − ecos dos quilombos, das greves das "Diretas Já", das mães da Candelária e de todas as mães órfãs e que nunca encontraram seus filhos, mas ainda assim encontraram forças para ficar de pé. Das vozes silenciadas, por anos, das mulheres que ergueram a cabeça e não permitiram que seus direitos fossem cerceados.

Porque o Brasil apanha de todos os lados, cai, sangra – e não se entrega nunca. E consegue sempre se erguer outra vez.

Talvez seja tudo isso que define a voz do Brasil: a voz de quem deixou de pedir existência e passou a exigir respeito.

E quando um povo aprende a reconhecer a própria voz, quando ela finalmente rompeu o silêncio que lhe foi imposto, nenhuma força é capaz de silenciá-lo novamente. Porque essa voz já não é apenas um ruído qualquer: é memória, é dor transformada em consciência, é história que se recusa a ser apagada.

É a voz de um país que caiu muitas vezes, mas se ergueu e descobriu, na própria queda, o caminho para levantar.



SANDRA VIVONI

Eu sou uma mulher de fé, esposa, mãe e avó. Sonhadora e acolhedora, encontro na minha família e no servir ao próximo a minha maior inspiração. Há mais de 40 anos dedico minha caminhada à Educação Básica e ao Ensino Superior, atuando também nas áreas de gestão, empreendedorismo e projetos sociais. Ao longo dessa trajetória, tive a certeza de que educar vai muito além de ensinar: é transformar vidas, despertar sonhos e construir novos caminhos. Hoje, meu propósito se fortalece no trabalho com famílias atípicas e pessoas com deficiência, promovendo inclusão, acolhimento e oportunidades. Como mentora de projetos, acredito que o conhecimento, o cuidado e o propósito têm o poder de transformar realidades e contribuir para a construção de um mundo mais humano, justo e acolhedor. Esta é a história que continuo escrevendo, com fé, amor e a convicção de que servir às pessoas, despertando características empreendedoras, é uma das maiores missões da minha vida.

A MENINA AINDA MORA EM MIM

A menina que um dia fui
ainda caminha em meu coração.
Guarda nos olhos os mesmos sonhos,
na alma, a mesma emoção.

Ontem eu era apenas uma jovem,
com o futuro inteiro a florescer.
Sonhava com o amor, com uma família,
com tantas histórias para viver.

Carregava esperança nas mãos,
e um mundo inteiro a descobrir.
Nem imaginava os caminhos da vida,
nem tudo o que estava por vir.

O tempo passou, suave e constante,
e aquela menina cresceu.
Hoje, aos sessenta anos,
vejo com gratidão tudo o que Deus me deu.

Olho para trás com carinho,
para cada passo que percorri.
Por tudo o que construí na vida,
por cada versão que descobri.

Eu sou uma mulher de fé, esposa, mãe e avó.
E em cada papel encontrei o amor.
Aprendi sobre gratidão, entrega e cuidado,
sobre acolher a dor e celebrar a flor.

Nem todos os sonhos seguiram
o caminho que imaginei.
Alguns chegaram no tempo certo,
outros a vida transformou, e aceitei.

Hoje entendo que um sonho deixado
nem sempre significa um fim.
Às vezes ele abre caminhos
para outros nascerem dentro de mim.

Carrego marcas que contam histórias,
lembranças que o tempo guardou.
Cada fase teve seu encanto,
cada desafio me fortaleceu.

Celebro as vitórias conquistadas,
abraço com coragem o que está por vir.
Porque dentro desta mulher de sessenta anos
ainda existe a menina a sorrir.

Ela continua sonhando alto,
com o coração cheio de luz.
Ainda deseja aprender, viver, amar,
seguindo os caminhos que a vida conduz.

A minha história não chegou ao fim;
ela continua a florescer.
Ainda há páginas em branco esperando,
e novos sonhos para escrever.



SELMA SANTOS

Mulher, casada, mãe, vó, técnica de enfermagem, Assistente Social, costureira, artista plástica, escritora, apaixonada por plantas e pela natureza, e por poesia.

CORAÇÃO PARTIDO

Coração partido, chora com tamanha dor,
a dor de um dia ser traído por quem tanto lhe amou.

Traíste, traidor, a mais pura flor do jardim,
aquela que sangra com o vermelho carmesim,
que por um momento acreditou sentir o teu perfume de jasmim.

Amor ferido, triste e maltratado — a quem tanto feristes —,
foste tão despedaçado por alguém que injustamente te traiu,
tendo a ti como amado.

Infidelidade: sentimento triste e sem vida,
capaz de desunir dois corações,
antes mesmo da partida,
que um ao outro em pleno altar jurou.

Jurando para sempre, até a morte, um ao outro ser leal,
fizestes uma aliança de amar eternamente.

Mas não resistiu à sagaz tentação carnal,
jogou o orgulho no pó da cinza e nem a isso percebeu:
colocar-se no lugar do outro, para saber o quanto lhe doeu.

Feristes com palavras e gestos
quem sempre te quis o bem,
recompensaste com o mal.
Um coração tão puro e honesto —
e puseste no peito um ponto final.



SÉRGIO BERNARDO

Sérgio Bernardo (nome literário de Sergio Corrêa Miranda Filho) nasceu na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 30/10/1966, e mora em Nova Friburgo/RJ. É jornalista, revisor de textos, poeta e contista, com premiações e trabalhos incluídos em antologias impressas, revistas digitais e sites, no Brasil e no exterior. Tem cinco livros publicados.

FIO

Regresso como quem acorda:
de repente as mãos se encolhem
com dedos de inocência
– eram assim meus dedos?

O corpo diminuído
nas calças menores
redescobre os piques
ainda agora brincados.

Resgato coisas inventadas
no quintal sem cimento
e em terrenos baldios
hoje emparedados por casas.

Meus seres imaginários
ressuscitam em mim
sonhos muito antigos.

Retratos surgem como cenas vivas:
cães, amiga e avó
são carnes que renascem:
presenças de ontem
que nunca se ausentaram.

Quando se rompe o fio
(tecido com memórias)
ficam pelo chão
saudades de vidro
como bolas de gude.

RELÍQUIAS

Minha idade não é agora

Ela está naqueles bonecos de chumbo
que me divertiram os dedos
nos quintais de ontem

Atravesso as águas da memória
naqueles mesmos barcos de papel
hoje sem medo dos naufrágios

Minha idade não é agora

Ficou naqueles dias vadios
em que latia aqui dentro
um momento de cão
com pulgas dançando entre os pelos
e o sol convidando a cochilos
num pedaço de sombra

Não sou o de agora

Sou aquele que subia
nos braços da jabuticabeira
e coloria o céu com papagaios
nas manhãs de agosto

Agora
resta apegar-me a esse visgo
de uma infância já amarelada
e que jamais
desgruda do meu tempo



SHAIENE SHAZI

Sou fisioterapeuta e gerontóloga. Aprecio e escrevo poema, já algum tempo e no momento estou compartilhando a escrita.

DIÁRIO

Meu diário, escrevo e marco datas, faço registro do tempo para poder na leitura relembrar. Conta nostalgia e projeção, tem fotos e convites de instantes e relances. Das notas faz o testemunhar do passado e de apontamentos futuros. Passar a limpo, alguns segundos que foram importantes. Elaborar na apreciação, versos do meu pensar. Fazer o desabafar na escrita, ser o seu próprio analista. Diariamente observar o que há de bom para anotar... Saber valorizar o meu passar para no futuro poder comprovar. E poder na senilidade ler e contar... Reviver momentos ao recordar.



SUELLEN CRIS OLIVEIRA

Escrevo para expressar o que sinto e dar voz aos sentimentos. Cada palavra é um pedacinho de mim.

O FLAGRANTE DOS SONHOS DOS QUE DIZIAM SIM

Disseram sim com o passo dado adiante aceitaram o mundo tal como ele se oferecia cheio de caminhos e luzes ao fim de cada rua

Disseram sim aos planos traçados com esperança às jornadas de glória e aos frutos do tempo crendo que a vida era um livro de ouro e de sol

Mas um dia num instante de absoluto silêncio quando o ruído da multidão finalmente cessa surge o flagrante nítido e sem enganos

É o momento de ver o que restou do que se quis o que sobrou dos castelos erguidos sobre o ar

Os que disseram sim agora buscam-se no espelho. Reconhecem que muitos sonhos ficaram pelo caminho que muitas estradas levavam a lugar nenhum e que o brilho de outrora era apenas luz de

passagem

Flagram-se a si mesmos humanos e frágeis aprendendo no duro caminhar da existência que nem tudo o que se sonha se pode alcançar contudo há uma verdade que o flagrante revela houve coragem houve fé houve alma na jornada

Os que dizem sim são maiores que os que nada ousam o flagrar os sonhos desfeitos descobrem enfim que o sonhar em si foi a maior verdade que viveram. Vale o sonho que se cumpre ou a coragem de dizer sim?



TAMARA DA SILVA

Tamara da Silva é gaúcha, nascida no interior do Rio Grande do Sul, na cidade histórica de Rio Pardo, RS. Filha mais velha da Dona Vera e neta da Dona Tereza. Jurista e gestora pública. Dedica seus estudos à formulação de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento equitativo e à inclusão da população negra. Sua escrita poética nasce do encontro entre sensibilidade lírica, crítica social e memória ancestral. A autora transforma a poesia em espaço de resistência, denúncia, celebração do amor e diálogo coletivo.

A CASA DA MINHA AVÓ TEREZA

A casa da minha avó tinha cheiro de café passado e bolo de milho.

Não sei se era realmente o café ou se, tantos anos depois, a memória aprendeu a misturar os cheiros daquele tempo até transformá-los em um só. Quando penso naquela casa, é isso que sinto primeiro.

Depois vêm os lençóis balançando no varal, o arroz cozinhando lentamente, as roupas recém-retiradas do sol e as dálias — flores preciosas da minha avó, plantadas junto à janela do quarto, como se ela quisesse acordar todas as manhãs diante de alguma coisa bonita.

Minha avó tinha uma casa pequena.

Mas, na minha infância, ela parecia imensa.

Talvez porque a infância tenha esse poder: aumentar os lugares onde somos felizes.

Na parte de baixo ficava a cozinha, com o fogão a lenha, onde sempre parecia haver espaço para mais uma pessoa. Era ali que a infância acontecia. Nós, os

primos, corríamos pelo chão batido, brincávamos de esconde-esconde e contávamos as pequenas aventuras do dia.

E minha avó ouvia.

Sempre ouvia.

Às vezes interrompia o que estava fazendo apenas para prestar atenção. Talvez soubesse que aquelas histórias, tão pequenas para o mundo, um dia seriam enormes para nós.

Na sala havia uma janela grande, de frente para um quadro que dividia o céu e o inferno em dois caminhos. Nós discutíamos qual escolheríamos e, quase sempre, apontávamos para o mais movimentado.

Só muito depois descobrimos que era justamente o caminho do inferno.

A infância tem dessas coisas: às vezes escolhe o destino pelo movimento.

Eu gostava daquela janela. Sentava perto dela e esperava minha avó terminar seus afazeres para conversar.

Ela nunca tinha pressa.

Minha avó sabia esperar.

Esperava o café passar, o pão crescer, a chuva diminuir, os filhos chegarem, os netos dormirem. Parecia saber esperar a própria vida.

Eu queria tudo depressa. Queria crescer, sair, conhecer o mundo depois daquela rua.

Ela sorria.

— Você ainda vai sentir falta daqui — dizia.

Eu respondia que não.

Crianças têm uma coragem imensa para negar aquilo que ainda não sabem que perderão.

Nos domingos, a casa se enchia de panelas, pratos, vozes e risadas. Minha mãe tentava organizar a mesa enquanto a casa insistia em permanecer desorganizada pela alegria.

Minha avó ia e voltava da cozinha como se tivesse nascido sabendo que sempre caberia mais um.

Anos depois, quando ela já estava doente, voltei àquela casa.

Ela estava menor.

A cozinha parecia mais apertada, a janela mais baixa. Os espaços que antes abrigavam uma infância inteira agora pareciam incapazes de comportar sequer uma tarde.

Então vi minha avó sentada perto da janela.

Estava mais magra, os cabelos quase todos brancos. Sentei ao seu lado.

Ela perguntou se eu estava trabalhando, se estava comendo direito, se ainda gostava de café.

Eu disse que sim. Ela sorriu.

— Ainda bem.

Foi tudo.

Naquele dia, eu queria dizer tantas coisas. Queria agradecer, dizer que ainda lembrava do café, das dálias, do fogão a lenha, dos domingos e das risadas. Queria dizer que ela havia construído em mim um lugar para onde eu sempre poderia voltar.

Mas algumas palavras ficam grandes demais quando precisamos dizê-las diante de quem amamos.

Então fiquei calada.

Ficamos sentadas lado a lado, olhando para a rua.

Talvez amar alguém seja, muitas vezes, simplesmente permanecer.

Minha avó morreu alguns anos depois.

E, quando ela partiu, descobri que uma casa pode continuar habitada mesmo depois que todos vão embora.

Os móveis podem desaparecer. As paredes podem mudar de cor. As dálias podem deixar de florescer.

Mas certas coisas não partem.

O modo como ela esperava.

O modo como cuidava.

O modo como sempre encontrava lugar para mais uma pessoa.

O modo como transformava um café, um bolo ou uma cadeira puxada à mesa em abrigo.

Minha avó continuava chegando.

Chegava quando eu fazia café para alguém, quando guardava o último pedaço de bolo para quem chegasse depois, quando perguntava se alguém havia chegado bem, quando me demorava para ouvir uma história.

E chegava, sobretudo, quando eu desacelerava.
Como se, nesses pequenos gestos, alguma coisa dela ainda encontrasse o caminho de volta para mim.
Hoje já não sei exatamente a cor das paredes daquela casa. Não lembro onde ficavam todas as coisas.
Mas ainda sei o caminho até a cozinha.
Ainda vejo as dálias junto à janela.
Ainda escuto o fogão a lenha, os lençóis dançando no varal e as vozes dos meus primos.
Ainda sinto o cheiro do bolo de milho.
E, sobretudo, ainda escuto a voz dela:
— Vai querer café?
E eu respondo em silêncio:
— Vou, vó.
Como se o tempo não tivesse passado.
Como se eu ainda fosse aquela menina.
Talvez seja isso que o amor faz com o tempo.
Ele não impede que as pessoas partam.
Mas encontra lugares onde elas possam permanecer.
Minha avó já não mora naquela casa.
Mora em mim.

No café que ofereço. Na cadeira que puxo para mais alguém. Na comida que preparo pensando em quem ainda vai chegar. Na paciência que aprendi com o tempo. Na vontade de cuidar.

Talvez essa seja a verdadeira herança que ela me deixou.

Não uma casa onde eu pudesse morar.

Mas uma casa dentro de mim.

Uma casa onde ainda cabem as tardes da infância, o cheiro de bolo de milho, o calor do fogão a lenha, as dálias junto à janela e aquela menina que ainda sabe exatamente onde encontrar a avó.

Na cozinha. Esperando.

O café passado. A mesa posta.

E sempre, sempre, um lugar para mais um.



VALÉRIA COUTO

Carioca, pós-graduada em Neurociência e Otimização de Ensino. Escreveu três livros infantis: "A Casa da Filomena" em 2024 (publicação independente). "A Margarida sem Pétala" em 2025 e "Meus Sentimentos Que São Só Meus" em 2026, ambos pela Editora Panóplia. Faz parte da AILB Academia Internacional de Literatura Brasileira (membro 1370). Professora de Educação Infantil do Município de Mesquita - Rio de Janeiro. Gosta de escrever e contar histórias.

Na dor do luto
Tempo tornou-se cura
Saudade fica

O que não se vê
Mas se sente na alma
Perfuma pele

Poesia foi
Vendaval levou longe
Além do tempo



WAL LAPOENTE

Nascido em Duque de Caxias, pertence à etnia Calon e atua como escritor, fisioterapeuta, jornalista e músico. Autor dos livros Expresso de Memórias e Andando nos Trilhos, além de participante de diversas antologias, integra em sua escrita a riqueza de suas raízes culturais, o cuidado com o outro e a paixão pela arte das palavras. Sua obra transita por reflexões sensíveis sobre a vida cotidiana, a saúde e as memórias que constroem a identidade humana.

A ÚLTIMA DESPEDIDA

Depois de tanto, recolhi meu canto,
e ao pé do tempo adormeci meu medo;
guardei no peito o que restou de cedo
e fiz do próprio silêncio algum encanto.

Fui feito de pergunta, sonho e espanto,
de amor sem cálculo, de fé e segredo;
dei minha luz, mesmo chegando cedo,
e em cada ausência me refiz no pranto.

Já não persigo o que ficou distante,
nem peço ao tempo aquilo que ele leva;
há despedidas feitas de diamante,
que a dor lapida, mas jamais revela.

Se fui excesso, fui também constante;
se dei demais, foi porque a alma é bela,
e o pouco que recebi não foi bastante
para apagar a luz que havia nela.

Deixo ao caminho as pegadas que fiz,
algumas flores, alguma canção;
talvez alguém, ao encontrá-las, seja feliz,
sem nunca saber de onde veio a mão.

E se amanhã me encontrar mais quieto,
não pense em fim, nem procure explicação:
há quem precise apenas de silêncio
para ouvir novamente o próprio coração.

ONDE O TEMPO NÃO ALCANÇA

Nesta madrugada,
me perdi em pensamentos sobre o tempo.
Quantas pessoas atravessaram nossas vidas
na infância e na adolescência?

Algumas se transformaram tanto
que já não cabem nas lembranças que guardávamos.

Carregam histórias que jamais ousaríamos imaginar.
Outras seguiram caminhos distantes,
e o contato se dissolveu aos poucos,
como poeira levada pelo vento.

Há também aquelas que ficaram à margem,
observando de longe
os fragmentos expostos nas redes sociais.
Poucas estenderam as mãos
quando o silêncio virava abismo."

E mais raro ainda
é encontrar alguém que continue nos enxergando
com os olhos de antes,
como se o tempo não tivesse conseguido
levar tudo o que fomos.

Talvez seja isso o que o tempo faz:
não apaga,
apenas muda as coisas de lugar.
Algumas pessoas mudaram tanto

que já não cabem nas lembranças que guardamos.
Talvez tenham mudado elas,
talvez tenhamos mudado nós,
ou talvez o tempo apenas revele
que nunca conhecemos ninguém por inteiro.

Cada pessoa carrega dentro de si
histórias que não vemos,
feridas que desconhecemos
e escolhas que jamais compreenderemos.

O curioso é que, apesar de tudo,
essas pessoas que passaram por nós
ainda despertam o melhor e o pior
que existe em nosso íntimo.

Talvez porque certas pessoas
não pertençam somente ao passado.
De alguma forma,
continuam presentes naquilo que nos tornamos.

Mas são raríssimos aqueles
que escolhem permanecer,
mesmo diante das mudanças,
dos traumas
e da certeza de que somos imperfeitos.

Porque é fácil permanecer
enquanto tudo é novo.
Difícil é ficar
quando o encanto desaparece
e sobra apenas a verdade.

Às vezes, me pergunto
se sou o único a pensar
que algumas pessoas ainda valem a pena.
Talvez todos carreguemos
um pequeno cemitério de lembranças
dentro de nós.

Pessoas que já não fazem parte dos nossos dias,
mas que ainda fazem parte de quem somos.

E, em meio a um mundo
de aparências, relações passageiras
e sentimentos que se desfazem depressa,
talvez permanecer
seja uma das formas mais silenciosas de amor.

Porque, quando estamos a sós
com nossos próprios pensamentos,
não há como fugir de quem somos.
Talvez seja por isso
que o passado ainda dói.
Não porque queremos voltar,
mas porque, por alguns instantes,
ele nos lembra de quem fomos,
de quem perdemos,
de onde nos perdemos
e daqueles poucos
que, apesar de tudo,
ainda permanecem em nós.



YVA RETE

Eu sou Maria Elizangela de Sousa (YVA RETE), educadora, escritora e coordenadora do Projeto KYRINGUE. Nordestina, nascida no Piauí, e indígena em processo de retomada, escrevo a partir das minhas memórias, da minha ancestralidade e dos territórios que me constituem. Minha escrita nasce da terra, das mulheres, da infância, da cultura popular e dos povos originários. Acredito na palavra como semente: ela preserva memórias, fortalece identidades, inspira pertencimento e semeia transformação. Escrever é a forma que encontrei de honrar minhas raízes e manter viva a história de quem veio antes de mim.

O NORDESTE NÃO MORA NO MAPA

O Nordeste mora na memória.

Mora no barro que conhece o nome dos nossos pés. No cheiro da terra quando a chuva finalmente chega. No canto da sanfona que atravessa gerações. No fogo aceso da cozinha, na conversa demorada, no abraço que sempre cabe mais um.

O Nordeste mora em quem sabe de onde veio.

Mora nas mulheres que aprenderam a fazer da escassez uma colheita, da dor uma travessia, da coragem um sobrenome.

Mora nas mãos que plantam, bordam, cozinham, benzem, acolhem e, quando preciso, também erguem punhos contra toda injustiça.

Somos filhos e filhas de uma terra que nunca confundiu resistência com resignação.

Porque resistir nunca foi aceitar.Foi continuar sem deixar que arrancassem nossas raízes.

Nossa cultura não é folclore.

É memória viva.

É a ciranda, o coco, o baião, o forró, os tambores, os quintais, as rezas, os saberes antigos, as vozes das avós atravessando o tempo para lembrar que ninguém floresce sem honrar a própria origem.

O Nordeste não pede licença para existir.

Ele floresce.

Floresce no sotaque que carregamos com orgulho.

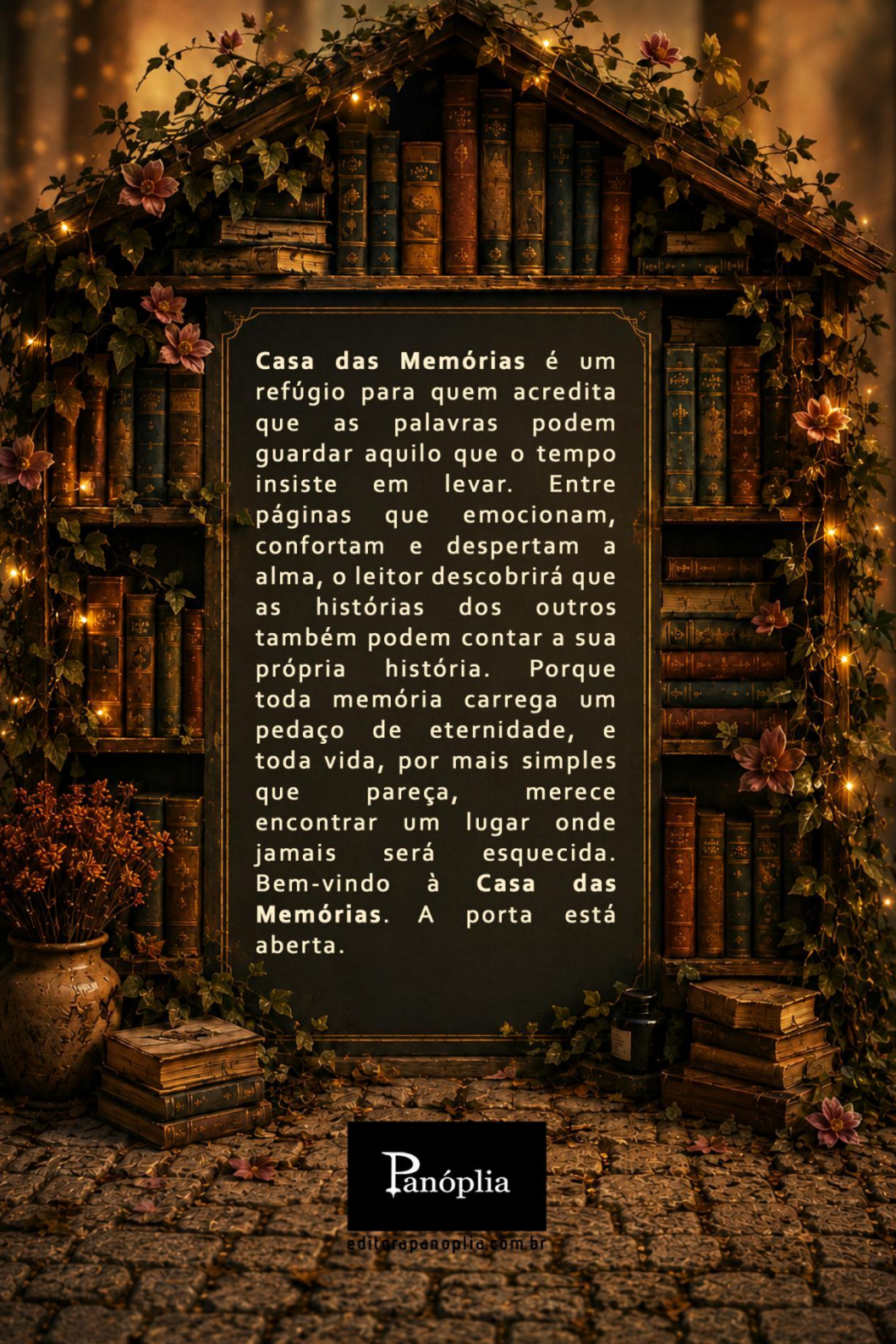
Na dignidade de quem trabalha.Na força das mulheres que sustentam famílias, comunidades e futuros inteiros.

Porque o Nordeste nunca coube nos limites de um mapa.

Ele habita o peito de quem transforma saudade em pertencimento, luta em esperança e memória em caminho.

O Nordeste é raiz.

E quem conhece a força das próprias raízes jamais se curva ao vento.


Casa das Memórias é um refúgio para quem acredita que as palavras podem guardar aquilo que o tempo insiste em levar. Entre páginas que emocionam, confortam e despertam a alma, o leitor descobrirá que as histórias dos outros também podem contar a sua própria história. Porque toda memória carrega um pedaço de eternidade, e toda vida, por mais simples que pareça, merece encontrar um lugar onde jamais será esquecida. Bem-vindo à **Casa das Memórias**. A porta está aberta.
Panóplia
editorapanoplia.com.br